

ÓRGÃO
DE DIVULGAÇÃO
DA

fergs

Federação Espírita
do Rio Grande
do Sul

NAScer, MORrer, RENAScer AINDA, PROGredir SEMPRE, TAL É A LEI.

A REENCARNAÇÃO

ESPIRITISMO:

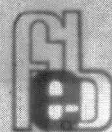
**CIÊNCIA
E FILOSOFIA.**

ATÉ QUE PONTO

É RELIGIÃO?

CAMPANHA DE ESTUDO SISTEMATIZADO DA DOCTRINA ESPÍRITA

PROMOÇÃO DA
FEDERAÇÃO
ESPÍRITA
BRASILEIRA



**“CONHECEREIS A VERDADE
E A VERDADE VOS LIBERTARÁ”**

ESTUDE E APRENDA

ESTUDE E CONHEÇA

ESTUDE E VIVA

PROCURA UM CENTRO ESPÍRITA

A REENCARNAÇÃO

Esta revista está registrada no C.R.C. (Dec. nº 24.776, art. 5º, ITEM 1) sob o nº 211.185, Cadastro nº 485/P nº 209/73 do D.C.D.P.

Diretor: Milton Rubens Medran Moreira.

Redação: Antonio Carlos Fraquelli, Antônio Teixeira Ellwaenger, Cicero Marcos Teixeira, João Paulo Lacerda, Jorge Luiz dos Santos, Nelson Sant'Anna.

Revisão: Aureci Figueiredo Martins.

Arte: Francisco Quevedo e Silva.

Fotografia: Walkir Landerdahl.

Diagramação: José Nei da Silva.

Responsável: João Paulo Lacerda (DRT/RS 4044)

Redação e Administração: Av. Desembargador André da Rocha, 49 - Fone: 241493

CPE 90000 - RS - Brasil.

Execução gráfica: GRAFOSUL fone: 258079



Presidente: Salomão Jacob Benchaya

Vice-Presidente: José Joaquim Fonseca Marchisio

1º Secretário: Felipe Rachevsky

2º Secretário: Vitor José Lindner

1º Tesoureiro: José Joaquim Fonseca Marchisio

2º Tesoureiro: Rogério Luiz Stello

Departamento Doutrinário:

Salomão Jacob Benchaya

Departamento de Difusão:

Milton Rubens Medran Moreira

Departamento de Infância:

Georgetta Maria de Oliveira Rocha

Departamento de Juventude:

Valéria Chemale Spindola

Departamento Pedagógico:

Valéria Chemale Spindola

Departamento de Assuntos da Família:

Cândida Domingues Fonseca

Livraria e Editora Espírita "Francisco Spinelli":

Auda da Silva Sencades

Assessor da Presidência:

Ubirajara Lauermann

Recado da Redação

E estamos de volta. Conforme o prometido, tratando do aspecto religioso do Espiritismo. Claro, o atual estado de entendimento da comunidade espírita — imersa num debate sobre se o Espiritismo é ou não é Religião — tornava impossível a abordagem do tema sem o questionamento. E não quisemos fugir ao desafio.

Lemos muito. Teoria da Religião. O debate na imprensa, notadamente a paulista. Os livros espíritas clássicos. Mas como não poderia deixar de ser, a peça de resistência foi mesmo Kardec, um Kardec que deve ser cada vez mais valorizado pelos espíritas. E a pesquisa na obra kardequiana pretendeu ser exaustiva, um esforço que deve ser creditado principalmente a um grupo de companheiros que se propôs a auxiliar nosso corpo de redatores.

O conjunto de textos resultante mostra um painel da complexidade do tema. A preferência de Kardec por não classificar o Espiritismo como Religião. Suas motivações. A distinção entre o que é semântica e o que é essencial. A proposta de síntese cultural implícita na

Doutrina. O equilíbrio que deve existir entre emoção e razão. O inevitável rótulo de Religião aplicado pelos marxistas. O conteúdo ético da Doutrina. As ligações do Espiritismo com o Cristianismo. As contribuições de Emmanuel, Léon Denis e Herculano Pires. A visão de Religião da Doutrina. As deformações do Movimento no tocante aos condicionamentos religiosos. A estratégia da FERGS para combatê-las.

Mais que um posicionamento definitivo, que a FERGS se abstém de tomar, são as conclusões pessoais dos redatores da revista, nem sempre uniformes, mas em geral bem documentadas, o que permite ao leitor conferir por si mesmo a sua consistência. Aliás, se procurou o máximo possível remeter à fonte original do pensamento doutrinário — na seleção de textos de Kardec, nas referências completas da pesquisa feita, nas bibliografias detalhadas. Afinal, terceiros podem auxiliar a reflexão de cada espírita, mas não substituí-la, preservando esta liberdade de consciência posta tão alto pelo Espiritismo (A REDAÇÃO).

Sumário

EDITORIAL
4/5 O Aspecto Religioso do Espiritismo

O Espiritismo é uma Religião? **6 a 11**

12 Religião e Espiritismo



Kardequizar
13

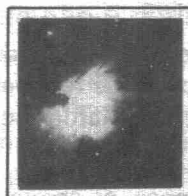


A Questão Semântica e o Problema Real
16

20 Espiritismo e Síntese

A Emoção Religiosa

23



O Caminho Religioso e o Materialismo **25**



O Que é o Espiritismo?
30

O Pensamento Religioso de Emmanuel **35**

A Dimensão Ética do Espiritismo
29



Parnaso de Além-Túmulo
38

O aspecto religioso do Espiritismo

Editorial

"O pensamento, estimulado pelo debate, desbrava vigorosamente os caminhos que o conduzem à verdade."

O Espiritismo no Brasil vive um de seus mais fecundos momentos.

Há um profundo senso crítico disseminado por entre os seareiros da 3ª Revelação Divina.

Pode-se dizer que o movimento espírita brasileiro já viveu momentos de mais gravidade:

Sua implantação não teria podido prescindir da coragem e do denodo dos pioneiros de ontem.

Sua difusão exigia e obteve o concurso abnegado de companheiros impregnados de ideal verdadeiramente apostólico.

Nunca, porém, fez-se, como agora, tão reflexivo.

Parece querer auto-avaliar-se, olhar para dentro de si, apreciando os resultados para projetar novos rumos.

Tal postura eminentemente crítica passa a exigir de todos mais pesquisa, mais estudo e vai, pouco a pouco, redimensionando o movimento, fazendo-o mais dinâmico e mais qualificado.

E esse redimensionamento tem o salutar efeito de impulsionar o Espiritismo brasileiro a uma redescoberta de Kardec.

É que a obra do Codificador, por sua extensão, contextura e importância, dá azo a que, a cada novo contato, se descubram aspectos inteiramente novos, e, às vezes, nem tão secundários para terem permanecido até ali obnubilados.

Aprofunda-se, agora, o estudo dos chamados *aspectos morais* da Doutrina Espírita. Embora a moral espírita se apresente diáfana, porque inteiramente no sentido do Cristianismo, o tema envolve incursões pelo ainda nebuloso campo da exata conceituação da palavra *religião* e das diversas acepções que o termo tem sugerido.

Leva, também, à necessidade de um mais detido exame das influências e implicações das religiões na formação do pensamento espírita, de Kardec aos nossos dias.

As religiões, no decurso dos tempos, se arvoraram em legisladores, juizes e executores das leis morais.

E nem sempre andaram bem no cumprimento dessas tarefas.

Apesar disso, faz-se impossível uma reflexão mais detida sobre a temática moral sem um aprofundamento daquilo que diz com a contribuição religiosa ao seu desenvolvimento.

Mormente quando nos debruçamos sobre a realidade espírita brasileira e buscamos questionar seus rumos e retificar seus desvios, não se pode perder de vista a etiologia de seu processo desencadeador, com profundas marcas religiosas. Se essas marcas, de um lado, afetaram o movimento com ranços que tratamos de remover, representaram, por outro lado, também, significativo fator a contribuir para o vigor do Espiritismo no Brasil, reconhecido alhures como fenômeno de invulgar expressão.

Essa é a realidade dentro da qual nos agitamos, sonhamos, planejamos nosso futuro como movimento e buscamos o consenso capaz de preservar a *união*.

Para um órgão como a Federação Espírita do Rio Grande do Sul, atenta, sempre, a todo o processo renovador, não interessa tomar partido, mas, estimular a reflexão, possibilitando que a rede federada tome contato com o pensamento daqueles que mais particularmente se vem debruçando sobre o tema. O caráter libertário da Doutrina Espírita ensina que o pensamento, quando estimulado pela solidária contribuição do debate sadio e franco, desbrava vigorosamente os caminhos que conduzem à Verdade. Nessa linha de sentir, os artigos veiculados neste número de "A Reencarnação", sem que, necessariamente, representem uma posição oficial da FERGS, mas, sim, daqueles que os subscrevem, se constituem em subsídios que reputamos sérios e valiosos para a consecução da tão almejada unidade ideológica.

Ante uma doutrina que tem a dimensão do universo, cumpre lembrarmos que a heterogeneidade de nossas maneiras de ver, sentir e viver os princípios dela emanados é postulado por ela própria apregoado. A tolerância e a humildade, porém, são apanágios indissociáveis dessa doutrina moral e constituem razão suficiente para que o esforço conjugado de todos a torne mais conhecida principalmente daqueles que nela mourejam. (MRMM)

O aspecto religioso do Espiritismo

O correto entendimento da Doutrina Espírita propõe cultura e coerência. Ou seja, conhecimento e sua aplicação na vida. Sem conhecimento, sem ampliação da consciência, improvável a modificação ética.

Tanto quanto cultura, sem vivência, fica nos limites da esterilidade.

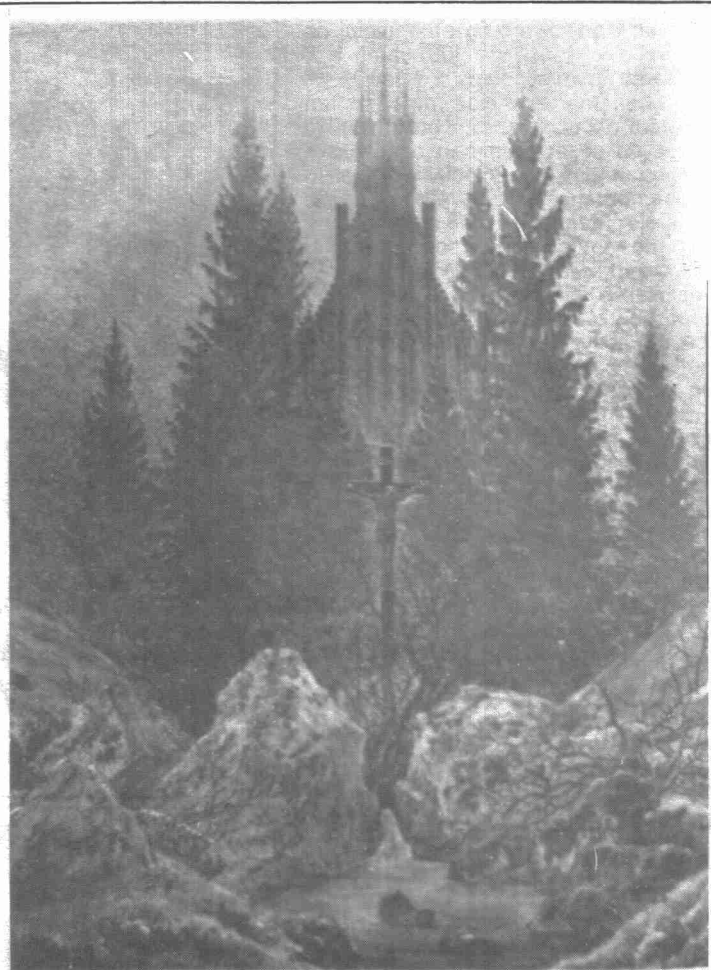
Esse comentário é pertinente quando se investe, como estamos investindo, altas doses de energia numa discussão difícil, qual seja, a de se o Espiritismo é ou não é Religião.

Difícil, principalmente, por entrar no terreno da semântica, do sentido das palavras. Aqui, como observou Kardec, todo debate se ressentirá de objetividade enquanto faltarem definições precisas para o significado dos termos em discussão. Problema agravado também pelo tema mexer com milenares condicionamentos psicológicos, obscurecendo ainda mais a disputa com a neblina da subjetividade.

Mas é pertinente o comentário inicial, como dizíamos, exatamente porque muitos companheiros ficam achando que

"A cruz e a catedral nas montanhas".

Quadro de 1811 de Caspar Friedrich, pintor de concepções místicas.



tudo não passa de um desperdício de energia, que poderia ser canalizada em outras atividades supostamente mais proveitosas.

Pensamos de forma diversa.

Se a totalidade da proposta espírita inclui transformação existencial mas também conhecimento, não podemos minimizar o esforço intelectual. E é no debate que os instrumentos da razão se afiam, seus metais enrubescem. Colocamos à prova nossa assimilação dos elementos doutrinários, retornamos às fontes teóricas para uma leitura ainda mais atenta. E aprendemos, o que não é menos importante, a conviver com o complexo, o contrastado, a diversidade. Enfim, com o outro, o "próximo", afinal o objetivo do desejável aperfeiçoamento ético.

Por todos esses motivos, julgamos estar prestando um

serviço à comunidade espírita, dando a nossa contribuição a esse debate. Que tem valor não por determinar um posicionamento da nossa Federação diante do tema, que aqui toma uma posição neutra. Mas por oferecer vasto material à reflexão dos espíritas. Na exaustiva pesquisa sobre o pensamento kardequiano sobre o assunto. Nos diversos pontos de vista dos colaboradores, nem sempre convergentes, mas com a virtude de mostrar várias angulações possíveis diante da complexidade do tópico. Resulta, em essência, num convite ao estudo da Doutrina Espírita, que a riqueza das referências bibliográficas, intencional, poderá auxiliar. Estudo que se faz urgente quando se constata as sérias distorções no Movimento Espírita no capítulo dos condicionamentos religiosos.

(A REDAÇÃO)

O Espiritismo é uma religião?

Uma antologia kardequiana

Maurice Herbert Jones fez uma seleção de textos de Kardec que abordam o tema da relação Espiritismo e Religião. Baseado na pesquisa já referida na página 12.

1857

O Espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes: o das manifestações, o dos princípios de filosofia e moral que delas decorrem e o da aplicação desses princípios. Daí as três classes ou antes os três graus de adeptos: 1º) os que crêem nas manifestações e se limitam a constatar-las; para eles é uma ciência de experimentação; 2º) os que compreendem as suas consequências morais; 3º) os que praticam ou se esforçam por praticar essa moral.

O Livro dos Espíritos, "Conclusão", item VII.

1859

O Espiritismo não é, pois uma religião. Do contrário teria seu culto, seus templos, seus ministros.

"Em segundo lugar, é ele uma religião? Fácil é demonstrar o contrário. O Espiritismo está baseado na existência de um mundo invisível, formado de seres incorpóreos que povoam o espaço e que não são outra coisa senão as almas dos que viveram na Terra ou em outros globos, onde deixaram os seus invólucros materiais. São esses seres aos quais demos, ou melhor, que se deram o nome de **Espíritos**. Esses seres, que nos rodeiam continuamente, exercem sobre os homens, malgrado seu, uma po-



Representação de deus indú. O Espiritismo, mal compreendido na antiguidade, gerou o politeísmo

derosa influência; representam um papel muito ativo no mundo moral e, até certo ponto, no mundo físico. Assim, pois, o Espiritismo pertence à Natureza e pode-se dizer que, numa certa ordem de idéias, é uma força, como a eletricidade é outra, sob diferente ponto de vista, como a gravitação universal é uma terceira.

Melhor observado desde que se vulgarizou, o Espiritismo vem lançar luz sobre uma porção de problemas até aqui inso-

lúveis ou mal resolvidos. Seu verdadeiro caráter é, pois, o de uma ciência e não o de uma religião. E a prova é que conta como aderentes homens de todas as crenças, os quais, nem por isso, renunciaram às suas convicções: católicos fervorosos, que praticam todos os deveres do seu culto, protestantes de todas as seitas, israelitas, muçulmanos e até budistas e bramanistas. Há de tudo, menos materialistas e ateus, porque estas idéias são incompatíveis com as observações espíritas.

Assim, pois, o Espiritismo se fundamenta em princípios gerais independentes de toda questão dogmática. É verdade que tem consequências morais, como todas as ciências filosóficas. Suas consequências são no sentido do cristianismo, porque é este, de todas as doutrinas, a mais esclarecida, a mais pura, razão por que, de todas as seitas religiosas do mundo, são as cristãs as mais aptas e compreendê-lo em sua verdadeira essência.

O Espiritismo não é, pois, uma religião. Do contrário teria seu culto, seus templos, seus ministros. Sem dúvida cada um pode transformar suas opiniões numa religião, interpretar à vontade as religiões conhecidas, mas daí à constituição de uma nova Igreja há uma grande distância e penso que seria imprudência seguir tal idéia. Em resumo, o Espiritismo ocupa-se da observação dos fatos e não das particularidades desta ou daquela crença; da pesquisa das causas, da explicação que os fatos podem dar dos fenômenos conhecidos, tanto na ordem moral quanto na ordem física, e não impõe nenhum culto aos seus partidários, do mesmo modo que a Astronomia não impõe o culto dos astros, nem a Pirotecnia o culto do fogo.

Ainda mais: assim como o saberismo nasceu da Astronomia mal compreendida, o Espiritismo, mal compreendido na Antiguidade, foi a fonte do politeísmo. Hoje, graças às luzes do cristianismo, podemos julgá-lo com mais segurança; ele nos põe em guarda contra os sistemas errados,

frutos da ignorância. E a própria religião pode haurir nele a prova palpável de muitas verdades contestadas por certas opiniões. Eis porque contrariando a maior parte das ciências filosóficas, um dos seus efeitos é reconduzir às idéias religiosas aqueles que se trespalharam num ceticismo exagerado.

A sociedade a que vos referis tem seu objetivo expresso no próprio título; a denominação **Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos** não se assemelha ao de nenhuma seita; tem ela um caráter tão diverso que os seus estatutos proíbem tratar de questões religiosas; está classificada na classe das sociedades científicas, porque, na verdade, seu objetivo é estudar e aprofundar todos os fenômenos resultantes das relações entre o mundo visível e o invisível; tem o seu presidente, seu secretário, seu tesoureiro, como todas as sociedades; não convida o público às suas sessões, nas quais não há discursos nem qualquer coisa com o caráter de um culto qualquer. Processa seus trabalhos com alma e recolhimento, já porque é uma condição necessária para as observações, já porque sabe que devem ser respeitados aqueles que não vivem mais na Terra. Ela os chama em nome de Deus, porque crê em Deus, em sua Onipotência e sabe que nada se faz neste mundo sem a sua permissão. Abre as sessões com um apelo geral aos bons Espíritos, porque, sabendo que os existem bons e maus, cuida para que estes últimos não se venham intrometer fraudulentamente nas comunicações que são recebidas e induzir em erro.

Que prova isto?

Que não somos ateus. Mas de modo algum implica que sejamos adeptos de uma religião. Disto teria ficado convencida a pessoa que vos descreveu o que se passa entre nós, se tivesse acompanhado os nossos trabalhos, principalmente se os tivesse julgado com menos leviandade e talvez com espírito menos prevenido e menos apaixonado.

Os fatos protestam, assim, contra a qualificação de **nova seita** que destes à Sociedade, certamente por não a conhecerdes melhor.

Revista Espírita, maio de 1859
(Refutação de um artigo de "L'Univers")

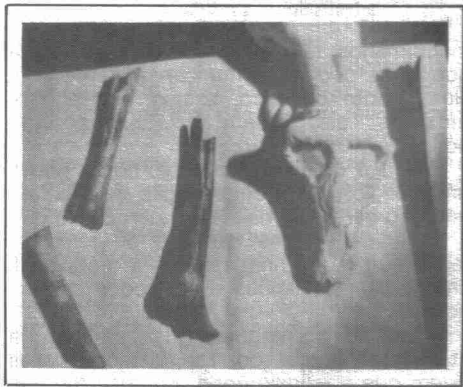
"Realmente, senhor abade, é abusar do direito de interpretar as palavras. Como já o disse, o Espiritismo está fora de todas as crenças dogmáticas, com o que não se preocupa; nós o consideramos uma ciência filosófica, que nos explica uma porção de coisas que não compreendemos e, por isto mesmo, em vez de abafar as idéias religiosas, como certas filosofias, fá-las brotar naqueles em que elas não existem. Se, entretanto, o quiserdes elevar a todo custo ao plano de uma religião, vós o atirais num caminho novo".

Revista Espírita, julho de 1859.
(Resposta à réplica do Abade Chesnel em L'Univers)

"O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que se podem estabelecer com os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que decorrem dessas relações.



Local onde estava a "Sociedade de Paris". Ela proibia o debate de assuntos religiosos nos estatutos.



Fósseis humanos. Perguntava Kardec: que fariam os dogmáticos se fosse provada a anterioridade do homem?

Podemos assim defini-lo:
O ESPIRITISMO É UMA CIÊNCIA QUE TRATA DA NATUREZA, DA ORIGEM E DO DESTINO DOS ESPÍRITOS, E DE SUAS RELAÇÕES COM O MUNDO CORPORAL (...) (Pág. 104)

"Acredite, se quiser, que Josué parou o sol: isso não impedirá a terra de girar. Acredite que o homem está na Terra somente há 6000 anos: isso não impedirá os fatos de mostrarem a sua impossibilidade. E que dirá o senhor se, um belo dia, esta inexorável geologia vier a demonstrar, por traços patentes, a anterioridade do homem, como demonstrou tantas outras coisas? Creia portanto em tudo o que quiser, mesmo no diabo, se essa crença o torna bom, humano e caridoso para com seus semelhantes. O Espiritismo, como doutrina moral, impõe apenas uma coisa: a necessidade de fazer o bem e não praticar nenhum mal. É uma ciência de observação que, repito, tem consequências morais, e essas consequências são a confirmação e a prova dos grandes princípios da religião.

Quanto às questões secundárias, deixa-as ao julgamento da consciência de cada um" (...)

(Pág. 106)
Qual é o maior inimigo da religião? O materialismo, pois este em nada crê. Ora, o Espiritismo é a negação do materialismo, o qual não tem mais razão de ser. Não é mais pelo raciocínio ou pela fé cega que se diz ao materialista que nem tudo acaba com seu corpo, e sim pelos fatos; ele a mostra, fá-lo tocar com o dedo e ver com os olhos. Aí está um pequeno serviço que o Espiritismo presta à humanidade, à religião. Mas não é tudo: a certeza da vida futura, o quadro vivo daqueles que nos precederam, mostram a necessidade do bem e as consequências inevitáveis do mal. Eis porque, sem ser em si mesmo uma religião, o Espiritismo está ligado às idéias religiosas. Ele as desenvolve naqueles que não as possuem, fortifica-as naqueles em que estão incertas. A religião nele encontra portanto, um apoio, não para as pessoas de vistas estreitas que a vêem toda na doutrina do fogo eterno, na letra mais que no espírito, mas para aquelas que a vêem segundo a grandeza e a majestade de Deus. (Página 116)

O que é o Espiritismo?, in "Iniciação Espírita" 9ª edição Edicel.

1860

O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica.



"Os fenômenos magnéticos, como os espíritos, passaram por prodígios antes que suas causas fossem conhecidas".

"Não impomos nossas idéias a ninguém. Os que as adotam é porque as consideram justas. Os que vêm a nós é porque pensam aqui encontrar oportunidade de aprender, mas isto não é como uma filiação, pois nem somos uma seita, nem um partido". *Revista Espírita*, abril de 1860.

("Considerações sobre o objetivo da 'Sociedade'")

"Os fenômenos espíritos, bem como os magnéticos, devem ter passado por prodígios, antes que suas causas fossem conhecidas. Ora, como os cétricos, os espíritos fortes, isto é, os que têm o privilégio exclusivo da razão e do bom senso, não creem que uma coisa seja possível desde que não a compreendem. Por isso todos os fatos tidos como prodigiosos são objeto de suas zombarias; e como a religião contém grande número de fatos desse gênero, não creem na religião. Daí à incredulidade absoluta há apenas um passo. Explicando a maioria desses fatos, o Espiritismo lhes dá uma razão de ser. Ele, pois, vem em auxílio à religião, demonstrando a possibilidade de certos fatos que, por não mais terem caráter miraculoso não são menos extraordinários; e Deus nem é menos grande, nem menos poderoso por não haver derogado as suas leis.

Revista Espírita, setembro de 1860.
("O maravilhoso e o sobrenatural")

1861

O Espiritismo é uma doutrina puramente moral que não se ocupa absolutamente dos dogmas.

Em seu nascimento, teve o cristianismo que lutar contra uma potência terrível: o Paganismo, então universalmente espalhado. Não havia entre eles qualquer aliança possível, como não há entre a luz e as trevas. Numa palavra, não poderia propagar-se senão destruindo o que havia. Assim, a luta foi longa e terrível, de que as perseguições são a prova. O Espiritismo, ao contrário nada tem a destruir, porque assenta as suas bases no próprio cristianismo; sobre o Evangelho, do qual é simples aplicação. Concebeis a vantagem, não de sua superioridade, mas de sua posição. Não é, pois, como pretendem alguns, sempre porque não o conhecem, uma religião nova, uma seita que se forma à custa das mais antigas; é uma doutrina puramente moral, que absolutamente não se ocupa dos dogmas e deixa a cada um inteira liberdade de crenças, desde que nenhuma impõe. E a prova disto é que tem aderentes de todas, entre os mais fervorosos católicos como entre os protestantes, os judeus e os muçulmanos. O Espiritismo repousa sobre a possibilidade de comunicação com o mundo invisível, isto é, com as almas. Ora, como os judeus, os protestantes e os



Vênus de Milo. O Paganismo foi um terrível adversário para o Cristianismo.

muçulmanos têm alma como nós, resulta que estas podem comunicar-se, tanto com eles quanto conosco, e que, conseqüentemente, eles podem ser Espíritos como nós.

Não é uma seita política, como não é uma religiosa: é a constatação de um fato que não pertence mais a um partido do que a eletricidade e as estradas de ferro; é, repito, uma doutrina moral e a moral está em todas as religiões e em todos os partidos. (...)

Não sei de ninguém que jamais tenha atacado a moral do Espiritismo; apenas dizem que a religião pode produzir tudo isto. Concordo perfeitamente. Mas, então, porque não produz sempre? É porque ninguém a compreende. Ora, o Espiritismo, tornando claro e inteligível para todos aquilo que não o é; evidente aquilo que é duvidoso, ele conduz à aplicação, ao passo que jamais se sente necessidade daquilo que se não compreende. Portanto, longe de ser o antagonista da religião, é o seu auxiliar; e a prova é que conduz às idéias religiosas os que as haviam repellido. Em resumo, o Espiritismo jamais aconselhou a mudança de religião, nem o sacrifício de suas crenças".

Revista Espírita, outubro 1861.
("Discurso do Sr. Allan Kardec")

1862

O Espiritismo fortifica os sentimentos religiosos e se aplica a todas as religiões.

"O Espiritismo é uma doutrina moral que fortifica os sentimentos religiosos em geral e se aplica a todas as religiões. É de todas, e não é de nenhuma em particular. Por isso não diz a ninguém que a troque. Deixa a cada um a liberdade de adorar Deus à sua maneira e de observar as práticas ditadas pela consciência, pois Deus leva mais em conta a intenção do que o fato. Ide, pois, cada um ao templo do vosso culto: e, assim, provareis que vos caluniam, quando vos taxam de impiedade".

Revista Espírita, fevereiro 1862

("Resposta à mensagem de ano novo")

"Todas as questões morais, psicológicas e metafísicas se ligam de maneira mais ou menos direta à questão do futuro. Disso resulta que essa última questão, em certo modo, depende da racionalidade de todas as doutrinas filosóficas e religiosas. Por sua vez, o Espiritismo vem, não como uma religião, mas como doutrina filosófica, trazer a sua teoria, apoiada no fato das manifestações."

Revista Espírita, abril de 1862.

("Conseqüências da doutrina da Reencarnação".)

"Se o Espiritismo é uma verdade, se ele deve regenerar o mundo, é porque tem por base a caridade. Ele não vem derrubar qualquer culto nem estabelecer um novo. Ele proclama e prova verdades comuns a todos, base de todas as religiões, sem se preocupar com particularidades. Não vem destruir senão uma coisa: o materialismo, que é a negação de toda religião! Não vem por abaixo senão um templo; o do orgulho e do egoísmo! (Pág. 82)

"Tudo nas reuniões espíritas deve se passar religiosamente, isto é, com gravidade, respeito e recolhimento. Mas é preciso não esquecer que o Espiritismo se dirige a todos os cultos. Por conseguinte ele não deve aditar as formalidades de nenhum em particular. Seus inimigos já foram muito longe, tentando apresentá-lo como uma seita nova, buscando pretexto para combatê-lo. É preciso, pois, não fortalecer essa opinião pelo emprego de rituais dos quais não deixariam de tirar partido, para dizer que as assembleias espíritas são reuniões de protestantes, de sistemáticos, etc. Seria uma levandade supor que essas fórmulas são de natureza a acomodar certos antagonistas. O Espiritismo, chamando a si os homens de todas as crenças, para uní-los sob o manto da caridade e da fraternidade, habituando-os a se olharem como irmãos, qualquer que seja sua maneira de adorar a Deus, não deve melindrar as convicções de ninguém pelo emprego de sinais exteriores de qualquer culto" (...)

"Esta é, também, uma das razões pela qual deve-se abster, nas reuniões, de discutir dogmas particulares, o que, necessariamente, melindraria certas consciências. As questões morais, entretanto, são de todas as religiões e de todos os países. O Espiritismo é um terreno neutro sobre o qual todas as opiniões religiosas se podem encontrar e dar-se as mãos" (...)

"O emprego dos aparatos exteriores do culto teria idêntico resultado: uma cisão entre os adeptos. Uns terminariam por achar que não são devidamente empregados, outros, pelo contrário, que o são em excesso. Para evitar esse inconveniente, tão grave, aconselhamos a abstenção



O Espiritismo não veio por abaixo os templos. Mas sim o orgulho e o egoísmo.

de qualquer prece litúrgica, sem excessões mesmo da Oração Dominical por mais bela que seja. Como, para fazer parte de um grupo espírita, não se exige que ninguém abjure sua religião, permita-se que cada um faça a seu bel prazer, é mentalmente, a prece que julgar a propósito. O importante é que não haja nada de ostensivo e, sobretudo, nada de oficial (A partir da página 128)

Viagem Espírita em 1982 1ª Ed. Clarim.

"O Espiritismo, independente de qualquer forma de culto, não aconselhando nenhum e não se preocupando com dogmas particulares, não constitui uma religião especial, pois não possui nem sacerdotes nem templos. Aos que lhe perguntam se fazem bem em seguir tal ou qual prática, apenas responde: "Se sua consciência aprova o que você faz, faça-o: Deus sempre considera a intenção". Numa palavra, o Espiritismo nada impõe a ninguém. Não se destina aos que tem fé, e a quem esta fé é suficiente, mas à numerosa classe dos inseguros e dos incrédulos. Não os afasta da Igreja, porquanto já estão dela moralmente afastados, de modo total ou parcial. Mas os leva a fazer três quartos do caminho para nela entrarem; cabe à Igreja fazer o resto".

O Espiritismo em sua mais simples expressão, in "Indicação Espírita", 9ª Ed. Edicel, pág. 27.

1864

O Espiritismo será o traço de união que permitirá Ciência e Religião olharem-se face a face.

"A contradição existente entre certas



Para o Espiritismo, só interessa a exemplificação moral da vida do Cristo.

crenças religiosas e as leis naturais fez a maioria dos incrédulos, cujo número aumenta à medida que se populariza o conhecimento dessas leis. Se fosse impossível o acordo entre a ciência e a religião, não haveria religião possível. Proclamamos altamente a possibilidade e a necessidade desse acordo porque, em nossa opinião, a ciência e a religião são irmãs para a maior glória de Deus e se devem completar reciprocamente, em vez de se desmentirem mutuamente. Estender-se-ão as mãos, quando a ciência não ver na religião nada de incompatível com os fatos demonstrados e a religião não mais tiver que temer a demonstração dos fatos. Pela revelação das leis que regem as relações entre o mundo visível e o invisível, o Espiritismo será o traço de união que lhes permitirá olhar-se face a face, uma sem rir, a outra sem tremer. É pela concordância da fé e da razão que diariamente tantos incrédulos são trazidos a Deus".

Revista Espírita, julho 1864
("A Religião e o progresso")

"Repito, demonstrando o Espiritismo, não por hipótese, mas por fatos, a existência do mundo invisível e o futuro que nos aguarda, muda completamente o curso das idéias; dá ao homem a força moral, a coragem e a resignação, porque não mais trabalha apenas pelo presente, mas pelo futuro; sabe que se não gozar hoje, gozará amanhã. Demonstrando a ação do elemento espiritual sobre o mundo material, alarga o domínio da ciência e, por isto mesmo abre uma nova via ao progresso material. Então terá o homem uma base sólida para o estabelecimento da ordem moral na terra; compreenderá melhor a solidariedade que existe entre os seres deste mundo, desde que esta se perpetue indefinidamente; a fraternidade deixa de ser palavra vã; ela mata o egoísmo, em vez de se nutrir por ele e, muito naturalmente, intermite o destas idéias, o homem a elas conforma as suas leis e suas instituições sociais.

O Espiritismo conduz inevitavelmente a essa reforma. Assim, pela força das coisas, realizar-se-á a revolução moral que deve transformar a humanidade e mudar a face do mundo; e isto muito simplesmente pelo conhecimento de uma nova lei da natureza, que dá outro curso às idéias, uma signi-

ficação a esta vida, um objetivo às aspirações do futuro, e faz encarar as coisas de outro ponto de vista".

Revista Espírita, novembro de 1864
("O Espiritismo é uma ciência positiva")

"Podem dividir-se em cinco partes as matérias contidas nos Evangelhos: os atos comuns da vida de Cristo; os milagres; as predições; as palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas; e o ensino moral. As quatro primeiras têm sido objeto de controvérsias; a última, porém, conservou-se constantemente inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva. É terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem colocar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porquanto jamais ele constitui matéria das disputas religiosas, que sempre e por toda a parte se originaram das questões dogmáticas. Aliás, se o discutissem, nele teriam as seitas encontrado sua própria condenação, visto que, na maioria, elas se agarram mais à parte mística do que à parte moral, que exige a reforma de si mesmo" ("Introdução")

"O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meios de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo". (Cap. I, item 5)

O Evangelho Segundo o Espiritismo.

1865

Não é religião porque senão todas as filosofias seriam religiões, ao discutirem Deus e a alma.

"Eis por que, quando o Espiritismo

tornar-se crença de todos, não haverá mais incrédulos nem materialistas, nem ateus. Sua missão é combater a incredulidade, a dúvida, a indiferença; assim, ele não se dirige aos que têm fé e a quem basta esta fé, mas aos que em nada crêem, ou que duvidam. Não diz a ninguém que deixe a sua religião; respeita todas as crenças, quando estas são sinceras. Aos seus olhos a liberdade de consciência é um direito sagrado; se não a respeitasse, faltaria ao seu princípio, que é a caridade. Neutro entre todos os cultos, será o laço que os reunirá sob uma mesma bandeira, o da fraternidade universal. Um dia eles se darão as mãos, em vez de se anatematizarem."

Revista Espírita, março 1865.

("O Sr. A. Kardec aos espíritas votados no caso...")

"O espírita sério não se limita a crer, porque compreende, e compreende, porque raciocina; a vida futura é uma realidade que se lhe desenrola incessantemente aos seus olhos; uma realidade que ele toca e vê, por assim dizer, a cada passo e de modo que a dúvida não pode empolgá-lo, ou ter-lhe guarida na alma. A vida corporal, tão limitada, amesquinha-se diante da vida espiritual, da verdadeira vida. Que lhe importam os incidentes da jornada se ele compreende a causa e utilidade das vicissitudes humanas, quando suportadas com resignação? A alma eleva-se-lhe nas relações com o mundo visível; os laços fluidicos que o ligam à matéria enfraquecem-se, operando-se por antecipação um desprendimento parcial que facilita a passagem para a outra vida. A perturbação conseqüente à transição pouco perdura, porque, uma vez franqueado o passo, para logo se reconhece, nada estranhando, antes compreendendo a nova situação.

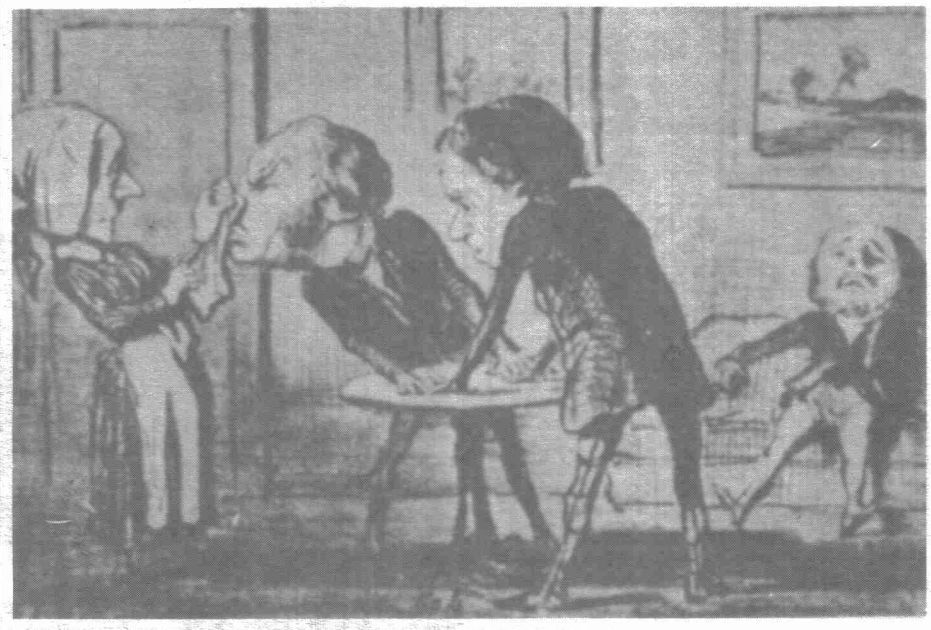
Com certeza não é só o Espiritismo que nos assegura tão auspicioso resultado, nem ele tem pretensão de ser o meio exclusivo, a garantia única de salvação para as almas. Força é, confessar porém, que pelos conhecimentos que fornece, pelos sentimentos que inspira, como pelas disposições em que coloca o Espírito, fazendo-lhe compreender a necessidade de melhorar-se, facilita enormemente a salvação.

O Céu e o Inferno, segunda parte, capítulo I.

1866

***Simple doutrina
filosófica, não se arvora
em campeão
nem em adversário de
nenhum culto.***

"O Espiritismo é a vida, que conduz à renovação, porquanto arruína os dois maiores obstáculos que se lhe opõem: incredulidade e fanatismo. Desperta fé sólida e esclarecida, desenvolve todos os sentimentos e idéias correspondentes aos



Charge sobre fenômenos físicos do século passado. Não é esse espiritismo ridículo inventado por trocistas, mas o Espiritismo Filosófico que terá um grande papel na Humanidade.

ideais da nova geração. Por isso é inato e em estado de intuição no coração dos seus representantes. A nova era o verá pois crescer e prosperar pela força das coisas; tornar-se-á a base de todas as crenças, o ponto de apoio de todas as instituições.

Obras Póstumas, segunda parte, "Regeneração da Humanidade".

"Se o sr. Bertram tivesse lido os livros espíritas com tanta atenção quanto o diz, saberia se os Espíritas são tão simplórios para evocar o Judeu-Erante e Dom Quixote; saberia o que o Espírita aceita e o que rejeita; não afetaria apresentá-lo como uma religião porque, ao mesmo título, todas as filosofias seriam religiões, desde que é de sua essência discutir as bases mesmas de todas as religiões: Deus e a natureza da alma. Compreenderia, enfim, que se jamais o Espiritismo se tornasse uma religião, não poderia tornar-se intolerante sem renegar seu princípio, que é a fraternidade universal, sem distinção de seita e de crença: sem abjurar sua divisa: **fora da Caridade não há salvação**, símbolo o mais explícito do amor ao próximo, da tolerância e da liberdade de consciência. Ele jamais disse: **"Fora do Espiritismo não há salvação"**. Se uma religião se encaixasse sobre o Espiritismo com exclusão de seus princípios, não seria mais Espiritismo.

O Espiritismo é uma doutrina filosófica que toca em todas as questões humanitárias. Pelas modificações profundas que traz às idéias, faz encarar as coisas de outro ponto de vista. Daí, para o futuro, inevitáveis modificações nas relações sociais. É uma mina fecunda onde as religiões, como as ciências e como as instituições civis colherão elementos de progresso. Mas, porque toca em certas crenças religiosas, não constitui um culto novo, assim como não é um sistema particular de política, de legislação ou de economia social. Seus templos, suas cerimônias e seus sacerdotes estão na imaginação de seus detratores e dos que temem vê-lo tornar-se religião".

Revista Espírita, setembro 1866
("Crônica de Bruxelas")

"A fraternidade deve ser a pedra angular da nova ordem social. Mas não haverá fraternidade real, sólida e efetiva se não for apoiada em base inabalável; esta base é a fé; não a fé em tais ou quais dogmas particulares, que mudam com os tempos e os povos e se atiram pedras porque, anatematizando-se, entretêm o antagonismo, mas a fé nos princípios fundamentais que todo o mundo pode aceitar:

Deus, a alma, o futuro, o progresso individual indefinido, a perpetuidade das relações entre os seres. Quando todos os homens estiverem convencidos que Deus é o mesmo para todos, que esse Deus, soberanamente justo e bom, nada pode querer de injusto, que o mal vem dos homens e não dele, olhar-se-ão como filhos de um mesmo pai e dar-se-ão as mãos. Esta é a fé que dá o Espiritismo e que será, de agora em diante o centro em torno do qual mover-se-á o gênero humano, sejam quais forem as maneiras de o adorar e suas crenças particulares, que o Espiritismo respeita, mas das quais não tem que se ocupar. (Pág. 296)

"Nesse grande movimento regenerador, o Espiritismo tem um papel considerável, não o Espiritismo ridículo, inventado por uma crítica trocista, mas o Espiritismo filosófico; tal qual o compreende quem quer que se dê a pena de procurar a amêndoa dentro da casca. Pela prova que ele traz das verdades fundamentais, ele enche o vazio que a incredulidade faz nas idéias e nas crenças; pela certeza que dá de um futuro conforme à justiça de Deus e que a mais severa razão pode admitir, ele tempera os amargores da vida e evita os funestos efeitos de desespero.

Dando a conhecer novas leis da natureza, ele dá a chave de fenômenos incompreendidos e problemas até agora insolúveis e mata, ao mesmo tempo, a incredulidade e a superstição. Para ele não há sobrenatural nem maravilhoso; tudo se

realiza no mundo em virtude de leis imutáveis. Longe de substituir um exclusivismo por outro, coloca-se como campeão absoluto da liberdade de consciência; combate o fanatismo sob todas as formas e o corta pela raiz." (Pág. 298)

Revista Espírita, outubro 1866.
("Os tempos são chegados")

1867

"O Espiritismo não é contrário à crença dogmática relativa à natureza do Cristo e, neste caso, pode dizer-se o complemento do Evangelho, se o contradiz? A solução desta questão toca apenas de maneira acessória o Espiritismo, que não tem que se preocupar com dogmas particulares de tal ou qual religião. Simples doutrina filosófica, não se arvora em campeão, nem em adversário sistemático de nenhum culto e deixa a cada um a sua crença.

A questão da natureza do Cristo é capital do ponto de vista cristão. Não pode ser tratada levemente, e não são as opiniões pessoais, **nem dos homens, nem dos espíritos**, que a podem decidir. Em assunto semelhante, não basta afirmar ou negar: é preciso provar".

Revista Espírita, setembro 1867.
("Caracteres da revelação espírita, nota de rodapé)

1868

A palavra religião é inseparável de culto, de forma, que o Espiritismo não tem.

"O laço estabelecido por uma religião, seja qual for o seu objetivo, é, pois, um laço essencialmente moral, que liga os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações, e não somente o fato de compromissos materiais, que se rompem à vontade, ou da realização de fórmulas que falam mais aos olhos do que ao espírito. O efeito desse laço moral é o de estabelecer entre os que ele une, como consequência da comunidade de vistas e de sentimentos, **a fraternidade e a solidariedade**, a indulgência e a benevolência mútuas. É nesse sentido que também se diz: a religião da amizade, a religião da família.

Se é assim, perguntarão, então o Espiritismo é uma religião? Ora, sim, sem dúvida, senhores. No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos glorificamos por isto, porque é a doutrina que funda os elos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as mesmas leis da natureza.

Porque, então, declaramos que o Espiritismo não é uma religião? Porque não



Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria senão uma variante dos cultos, com sua hierarquia, cerimônias, privilégios.

há uma palavra para exprimir duas idéias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; desperta exclusivamente uma idéia de forma, que o Espiritismo não tem. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria aí senão uma nova edição, uma variante, se quiser, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com seus cortejos de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria de idéias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes se levantou a opinião pública.

Não tendo o Espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual do vocábulo, não podia nem devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado. Eis porque simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral.

As reuniões espíritas podem, pois, ser feitas religiosamente, isto é, com o recolhimento e o respeito que comporta a natureza grave dos assuntos de que se ocupa. Pode-se mesmo, na ocasião, aí fazer preces que, em vez de serem ditas em particular, são ditas em comum, sem que por isto as tomem por **assembleias religiosas**. Não se pense que isto seja um jogo de palavras; a nuance é perfeitamente clara, e a aparente confusão é devida à falta de um vocábulo para cada idéia".

Revista Espírita, dezembro 1868
("Discurso de abertura pelo Sr. Allan Kardec — O Espiritismo é uma religião?")

"O Espiritismo é uma doutrina filosófica, que tem consequências religiosas, como toda filosofia espiritualista; pelo que toca forçosamente nas bases fundamentais de todas as religiões; Deus, a alma, a vida futura. Não é ele, porém, uma religião constituída, visto que não tem culto, nem rito, nem templo, e, entre os seus adeptos, nenhum tomou nem recebeu o título de sacerdote ou papa. Estas qualificações são puras invenções da crítica.

Obras Póstumas

("Breve resposta aos detratores do Espiritismo")

"Para garantir a unidade no futuro, é indispensável que todas as partes do corpo da Doutrina sejam determinadas com precisão e clareza, sem que nenhuma fique mal definida. Neste sentido temos feito todo o esforço para que os nossos escritos não se prestem a interpretações contraditórias e esforçar-nos-emos por manter essa regra. (...)

O Espiritismo contém princípios que, sendo firmados sobre leis naturais e não sobre abstrações metafísicas, tendem a ser, e um dia o serão, abraçados pela universalidade dos homens. Abraça-os-ão todos, como verdades palpáveis e demonstradas, como abraçaram a teoria do movimento da terra. Pretender porém que o Espiritismo venha a ser organizado, por toda a parte, da mesma maneira; que os espíritas do mundo inteiro sejam sujeitos a um regime uniforme, a uma única norma de procedimento; que devam esperar a luz de um único ponto, para onde tenham voltado os olhos, seria utopia tão absurda, como pretender que todos os povos da terra não formem um dia senão uma única nação, governada por um único chefe, regida por um mesmo código de lei e tendo usos e costumes idênticos. Se há leis gerais, que podem ser comuns a todos os povos, estas leis serão sempre, quanto à forma e a regulamentação, apropriadas aos costumes, aos caracteres, aos climas de cada um.

Organizado o Espiritismo, os espíritas de toda parte terão princípios comuns, que ligarão a grande família pelos laços sagrados da fraternidade; mas a respectiva aplicação poderá variar, segundo os países, sem que, por isso, seja rota a unidade fundamental, sem que se formem seitas dissidentes, que se lancem o anátema, o que seria anti-espírita.

Poderão pois formar-se e inevitavelmente se formarão centros gerais nos diferentes países, sem outro laço além da comunhão de crenças e a solidariedade moral, sem subordinação de uns a outros, sem que o da França, por exemplo tenha a pretensão de se impor aos espíritas americanos e vice-versa."

Obras Póstumas

("Constituição do Espiritismo")

Religião e Espiritismo.

Uma pesquisa nas obras de Kardec

Um grupo de companheiros auxiliou nosso corpo de redatores fazendo um levantamento extenso dos pronunciamentos dos textos doutrinários sobre o tema religioso.

Na impossibilidade de transcrever todos os trechos (uma seleção deles vai publicada na página 6), registramos aqui suas referências. Que o trabalho dos nossos irmãos possa ser útil a um número maior de estudiosos.

1) O Livro dos Espíritos.

Prolegômeros; itens: 59, 145, 148, 221-222, 336, 495, 625-628, 649-656, 658-659, 667, 671, 798-799, 801-802, 1009, 1010-a; Conclusão.

2) O Livro dos Médiuns.

Itens: 11, 28, 301, 305.

3) O Evangelho Segundo o Espiritismo.

Introdução; Cap. I, itens 4-6, 8-11; Cap. II, item 3; Cap. VI, itens 4-5, 7; Cap. VIII, item 10; Cap. XI, item 10; Cap. XIII, item 20; Cap. XV, itens 8-10; Cap. XVIII, item 12, 16; Cap. XIX, itens 6-7, 9, 11; Cap. XXIII, item 17; Cap. XXIV, itens 7-10; Cap. XXV, item 11; Cap. XXVI, item 10.

4) O Céu e o Inferno.

Primeira parte, Cap. I, itens 3-4, 10, 11-14; Cap. II, item 6; Cap. VI, itens 21-22; Cap. IX, itens 5-6; Cap. X, item 19; Segunda parte, Cap. I, itens 14-15.

5) A Gênese.

Cap. I, itens 10-14, 20-27, 29-30, 41-42, 49-50, 56-57; Cap. IV, itens 1-2, 6, 8-10, 12-16; Cap. XIII, itens 17 a 19; Cap. XVII, itens 31-32, 37, 56; Cap. XVIII, 17, 19-20, 23, 25.

6) Obras Póstumas.

Primeira parte: "Manifestações de Espíritos", itens 1-4, 6-8; "Estudo da natureza do Cristo", "Orgulho e Egoísmo", "Aristocracia Moral", "Breve resposta aos detratores do Espiritismo"; Segunda parte: "Previsões referentes ao Espiritismo"; Mensagens, "Primeira revelação da minha missão", "Minha missão", "O Livro dos Espíritos", "Futuro do Espiritismo", "Imitação do Evangelho", "A Igreja", "Regeneração da Humanidade", "Caminhada gradual do Espiritismo..." e "Trabalhos pessoais..."; "Pensamentos íntimos de Allan Kardec..."; "Projeto 1868"; "Constituição do Espiritismo"; "Credo Espírita".

7) O Que é o Espiritismo?

"Introdução"; Cap. I, diálogo I e diálogo III.

8) Instruções práticas sobre as manifestações espíritas.

Cap. XI.

9) Viagem Espírita de 1862.

10) O Espiritismo em sua mais simples expressão.

"Histórico do Espiritismo", "Resumo do ensinamento dos espíritos".

11) Revista Espírita.

1858, janeiro, "Introdução"; abril, "Período psicológico"; julho, "Correspondência"; setembro, "Propagação do Espiritismo".

1859, janeiro, "A S.A. o príncipe G"; maio, "Refutação de um artigo de L'Univers"; julho, "Resposta à réplica do Abade Chesnel em L'Univers"; dezembro, "Efeitos da prece".

1860, abril, "Considerações sobre o objetivo da Sociedade...", "Filosofia"; maio, "Espiritismo e espiritualismo"; setembro, "O maravilhoso e o sobrenatural"; "História do maravilhoso e do sobrenatural"; outubro, "Resposta do Sr. Allan Kardec (aos espíritas de Lyon)".

1861, janeiro, "Bibliografia católica contra o Espiritismo"; abril, "Mais uma palavra sobre o Senhor Deschanel"; maio, "Discurso do Sr. Allan Kardec"; outubro, "Discurso do Sr. Allan Kardec"; novembro, "Discurso do Sr. Allan Kardec", "Primeira epístola de Erasto"; dezembro, "Organização do Espiritismo".

1862, janeiro, "Do Sobrenatural"; fevereiro, "Resposta à mensagem de ano novo..."; "O Espiritismo é provocado por milagres?"; abril, "Consequências da doutrina da reencarnação sobre a propagação...".

1863, janeiro, "Resposta a uma pergunta sobre Espiritismo religioso"; março, "Falsos irmãos e amigos inepitos"; "Resposta da Sociedade Espírita de Paris a questões religiosas"; abril, "Suicídio falsamente atribuído ao Espiritismo"; dezembro, "Período de luta".

1864, maio, "A Escola Espírita

Americana"; julho, "A Religião e o Progresso"; "Reclamação do Padre Bernard"; agosto, "Suplemento ao capítulo das preces da Imitação do Evangelho"; setembro, "O novo bispo de Barcelona"; outubro, "O Espiritismo na Bélgica"; novembro, "O espiritismo é uma ciência positiva"; dezembro, "Da comunhão de pensamentos", "Morte do Sr. Bruneau", "A propósito da Imitação do Evangelho".

1865, janeiro, "O médium evangélico"; fevereiro, "Da perpetuidade do Espiritismo"; março, "O Sr. Allan Kardec aos espíritas votados no caso Hillaire"; junho, "Nova tática dos adversários..."; setembro, "O céu e o inferno ou a justiça divina..."; outubro, "Partida de um adversário do Espiritismo".

1866, janeiro, "Considerações sobre a prece no Espiritismo"; março, "O Espiritismo e a magistratura"; abril, "Da revelação"; "O Espiritismo sem espíritos", "O Espiritismo independente"; julho, "Vista retrospectiva das existências..."; agosto, "Maomé e o Islamismo", "Os profetas do passado"; setembro, "Crônica de Bruxelas"; outubro, "Os tempos são chegados"; novembro, "Maomé e o Islamismo".

1867, janeiro, "Olhar retrospectivo sobre..."; fevereiro, "As três filhas da Bíblia"; abril, "Galileu"; setembro, "Caracteres da revelação espírita".

1868, janeiro, "O Espiritismo ante a História e a Igreja..."; fevereiro, "Apreciação da obra sobre a gênese", "Resumo da Doutrina Espírita"; abril, "Intolerância e perseguição..."; junho, "Conferências"; julho, "A geração espontânea..."; agosto, "O materialismo e o direito", "O partido espírita", "Perseguições"; setembro, "Círculo de moral espírita..."; dezembro, "Discurso de abertura pelo Sr. Allan Kardec — O Espiritismo é uma religião?".

Pesquisa: Adelaide Tonkolsky, Edy Jansen, Gelsi Ramos, Iris Motta Lacerda, Jane Bavaresco, Maria de Lourdes Proença, Milton R. Medran Moreira, Oleno Oliveira.

PROJETO:

KARDEQUIZAR

Esse foi o discurso de posse do Presidente da FERGS, Salomão Jacob Benchaya. É a sua plataforma. O seu projeto administrativo. Oriundo de séria reflexão sobre os rumos do Movimento Espírita, e a sua dissociação do modelo de organização proposto pela Doutrina.

Prezados irmãos. Uma nova etapa de trabalho se desdobra à nossa frente, convocando as lideranças do movimento espírita gaúcho a se manterem empenhadas na sua dinamização e expansão, com vistas à penetração e vivência das idéias espíritas em todos os segmentos da sociedade, atentas, entretanto, à proposta consubstanciada na Codificação Kardequiana.

Esta última observação faz sentido no momento em que uma parcela da comunidade espírita do país se apercebe e se reverbera que o movimento espírita brasileiro, embora dinâmico e realizador e gozando de indiscutível prestígio junto à sociedade, ideologicamente vem se distanciando, em alguns setores, das diretrizes traçadas pelo Codificador.

Não somos dos primeiros a chamar a atenção para essa realidade e não é nosso propósito causar melindres pessoais, já que nos cingimos à análise dos fatos, sem referências particulares a pessoas ou instituições, mas desejando, isto sim, convocar os

trabalhadores espíritas a uma reflexão séria acerca dos rumos do nosso movimento.

Lamentavelmente constatamos nos arraiais espíritas procedimentos os mais esdrúxulos na prática doutrinária, por desconhecimento, má interpretação e atavismo igrejeiro.

É certo que o povo brasileiro, por sua própria formação étnica e cultural, apresenta acentuada índole mística com traços marcantes de emocionalidade em seu comportamento, contrastando, por isso, com a postura mais racional e fria do europeu, por exemplo.

Esse traço característico de nossa

gente naturalmente que não poderia deixar de se refletir nas atitudes dos espíritas, não obstante o convite da Doutrina à "fé raciocinada".

É preciso que se distinga, no entanto, o comportamento místico-afetivo das massas, que não é necessariamente negativo, do exagerado afeiçoamento da ação dos espíritas a padrões confessionais e ritualísticos, velados ou explícitos, que caracterizam um processo de sectarização indesejável e insustentável à luz do Espiritismo.

Lamentavelmente, constata-se nos arraiais espíritas procedimentos os mais esdrúxulos na prática doutrinária, como reflexos do desconhecimento e da má interpretação dos postulados espíritas, agravados pelos condicionamentos atávicos igrejeiros dos quais não conseguimos, ainda, nos desencilhar.

Não são raras ocorrências como as que citaremos a seguir, tendentes a transformar o Espiritismo em mais uma seita, pela subversão dos seus ideais, ressalvadas honrosas e justas exceções.

LITURGIA DA PRECE

Vemos, por exemplo, preces como verdadeiros atos litúrgicos formalizadas, longas, por vezes decoradas, ditas com tom compungido, e piedoso. Casas espíritas, realizando sessões de preces sem objetivo doutrinário, preces encomendadas por terceiros, algumas até adotando posições especiais para orar. Adeptos há que utilizam impressos contendo preces e até fotografias de vultos espíritas à guisa de amuletos protetores.

Na área das chamadas irradiações, a falta de orientação doutrinária conduz os frequentadores a transferir para os dirigentes a tarefa de interceder junto à Divindade para amenizar os padecimentos de encarnados e desencarnados, para isso bastando colocar os nomes dos beneficiários em recipientes ou longas listagens, muitas vezes sem qualquer participação dos interessados na prece coletiva.



Salomão
Jacob Benchaya,
Presidente
da FERGS

BATISMOS, CASAMENTOS, ETC

Muito embora o Espiritismo não possua ritos sacramentais, estes vão sendo sutilmente introduzidos — às vezes até ostensivamente — com a realização, no recinto das sociedades de preces especiais por ocasiões de nascimentos, casamentos, colação de grau, indo até a realização de velórios,

Substitui-se o essencial pelo acessório. Ilude-se os frequentadores oferecendo-se-lhes os subprodutos da ação espírita como se a Doutrina não tivesse algo melhor para dar.

como se a Doutrina Espírita comportasse tais cerimônias religiosas. Não que ela recuse a prece em qualquer circunstância, mas sim a sua formalização hierática. Há algum tempo, vimos publicado em jornal de grande circulação na Capital convite para "prece de sétimo dia" pela alma de um confrade. Isso para não falarmos de que a Federação já recebeu proposta de um dirigente no sentido de analisar a conveniência de as Casas Federadas adotarem o batismo, o casamento, etc., uma vez que era falta de caridade não darmos esse tipo de atendimento aos adeptos espíritas(!)

CULTO EXTERNO

O aprisionamento ao culto externo, infelizmente, ainda tem expressão em nosso meio. Seja no uso preferencial de toalhas brancas sobre as mesas, na utilização de uniformes, distintivos, passe em roupas e fotografias. Outros apetrechos ritualísticos muito comuns ainda são os retratos e imagens de vultos espíritas expostos no salão de palestras públicas das sociedades, não raras vezes ornados de flores e luzes coloridas, num convite à veneração idolátrica. E o que diremos quando tais quadros e imagens são dos santos e líderes católicos, sem dispensar sequer os detalhes simbólicos usados pela Igreja, tais como o halo sobre a cabeça, chagas, coração sagrado, terços e anjos com asas?

Ja vimos reuniões espíritas públicas serem iniciadas com todos em pé, cantando hinos em nada diferentes dos de nossos irmãos protestantes, e, até, invocando as bênçãos do Espírito Santo, para o êxito dos trabalhos.

Alguns procedimentos são impostos aos frequentadores pela própria direção dos Centros, tais como a recepção de passes mesmo sem necessidade de tal socorro, separação entre homens e mulheres no recinto das reuniões, ingestão de água mag-

netizada após o passe ou ao término das reuniões, prática esta semelhante à da ministração da hóstia nas igrejas.

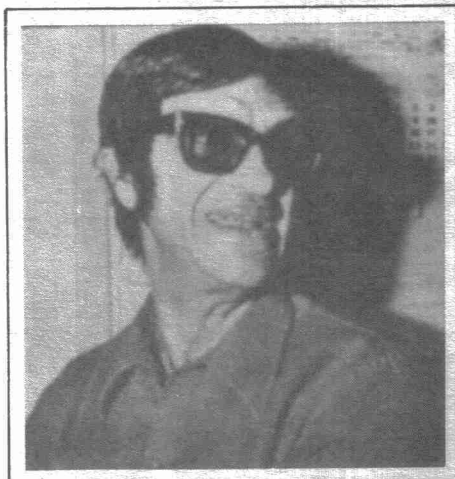
PASSEMANIA

Na verdade, para muitos frequentadores de sessões espíritas, tomar passes constitui um hábito não muito saudável à luz da proposta espírita, sendo muito conhecida, nesse terreno, a figura do "papa-passes". À falta de maiores esclarecimentos sobre a oportunidade em que se deve recorrer a essa abençoada terapêutica, muitos dela se utilizam desnecessariamente ou, o que é pior, como se, através do passe, o indivíduo estivesse obtendo a "absolução" de suas fraquezas ou purificando-as espiritualmente. Seria enfadonho insistirmos aqui, na feição nitidamente ritualística que a gesticulação exagerada, as preces murmuradas e outros comportamentos exóticos imprimem ao passe.

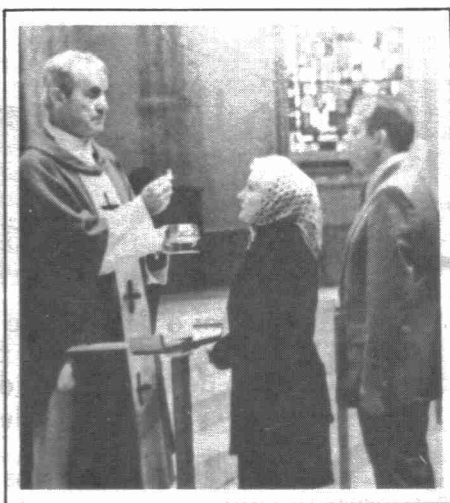
É oportuno salientar que é no terreno da terapêutica do passe que se gerou a mais acentuada distorção acerca do que o Espiritismo pode oferecer ao Homem. O passe assumiu tamanha importância para a manutenção dos níveis de frequência nas Casas Espíritas que são raras as reuniões públicas em que o passe não é ministrado. A grossa maioria dos frequentadores de nossas Casas Espíritas ali vai "tomar passe" ou "tirar consulta", pois são esses os produtos que o nosso espiritismo (com "e" minúsculo) mais oferece.

Ainda nessa área se incluem as chamadas "sessões de cura", denominação imprópria, diante da promessa nela implícita, de realização de curas, passível até de enquadramento no Código Penal.

Substitui-se o essencial pelo acessório. Ilude-se os frequentadores, oferecendo-se-lhes os subprodutos da ação espírita como se a Doutrina não tivesse algo melhor para dar. Notem



Vai se estabelecendo uma idolatria injustificável doutrinariamente a médiuns como Chico Xavier, mesmo a contragosto



Vão se introduzindo sutilmente cerimônias religiosas no Espiritismo. A água fluidificada obrigatória, por exemplo, é como se fosse a comunhão católica.

que não recusamos o socorro que os recursos espíritas podem oferecer aos que o buscam. O que verberamos é a omissão relativa à "caridade da divulgação da própria Doutrina", recomendada por Emmanuel.

IDOLATRIA

O movimento espírita não escapa, sequer, da tendência idolátrica dos seus seguidores que, se já não constroem bezerro de ouro, instituíram, entretanto, o "bezerrismo" como alguém já denominou o culto à figura apostolar de Bezerra de Menezes, invocado, aqui e ali, como um autêntico santo milagreiro espírita. Isso para não falarmos dos "santos" locais ou regionais, de menor expressão.

Como se não bastasse a consagração de entidades espirituais, entre as quais também se incluem Maria, Ismael, por exemplo, vamos encontrar médiuns e líderes espíritas sofrendo, mesmo a contragosto, o mesmo processo de idolatria e até de santificação no qual se identifica acentuada dose de fanatismo, inclusive, com o beneplácito de dirigentes espíritas.

Nesse contexto, e à falta de uma definição ideológica ao movimento espírita, vemos dirigentes pretendendo representar o Espiritismo em cerimônias políticas, ecumênicas, alinhando-se entre as autoridades civis e eclesiásticas, ou, pior ainda, patrocinando cerimônias ecumênicoreligiosas, políticas ou cívico-doutrinárias, numa demonstração de desconhecimento do caráter universalista do Espiritismo.

LITERATURA PSEUDO-ESPÍRITA

Integrando o quadro de distorções doutrinárias, pode-se ainda relacionar o mercantilismo com a literatura espírita, mediúnica ou não, a circulação no meio espírita de obras de conteúdo

mediocre ou conflitantes com a filosofia espírita, como as de cunho profético-apocalíptico, as messiânico-salvacionistas, etc., cuja produção é estimulada pela desinformação do mercado consumidor e pela convivência da rede distribuidora do livro.

EVANGELISMO, ASSISTENCIALISMO E DOGMATISMO

Outros indícios de igrejificação encontram-se no surgimento e expansão de verdadeiras confrarias com seus ritos de iniciação doutrinária e controle estatístico da reforma moral dos aprendizes, das cidades "espíritas" com seu fanatismo mediúnico, das confraternizações de devotos e místicos e dos pregadores evangélicos aprisionados às passagens bíblicas distanciados da interpretação espírita.

Em área mais delicada, desenvolve-se a concepção de um Espiritismo voltado somente para os pobres e necessitados, incompreensivelmente alérgico às esferas do intelecto, na falsa interpretação de que "os são não precisam de médico", daí decorrendo todo um trabalho assistencialista, do tipo paternal e acomodador, em contraste com a proposta libertadora da Doutrina.

A postura dogmática que o Espiritismo rejeita, infiltra-se, também, entre os dirigentes espíritas, ora refletindo-se na crença cega no que dizem os espíritos e médiuns, numa recusa à análise e à crítica, ora cerceando o livre-exame, pela proibição de leituras ou de discussão de temas ditos "polêmicos".

KARDEQUIZAÇÃO

Essas são algumas das manifestações que consideraríamos como in-

**Espíritos, médiuns e líderes
sofrem um processo de
idolatria, mesmo a contragosto,
no qual se identifica acentuada
dose de fanatismo, com o
beneplácito dos dirigentes.**

dícios de um processo sectarizador de difícil refluxo se o movimento espírita não adotar posição firme no sentido de sua "kardequização", ou seja, de aproximar-se, em nível desejável, do modelo proposto pelo Codificador.

É lógico que alguns dos problemas enumerados tem localização restrita e são perfeitamente detectados pela comunidade espírita mais esclarecida. O risco maior está na aparentemente não importante característica atribuída a determinados procedimentos e atitudes, que "não fazem mal nenhum", mas que, imperceptivelmente,



Espíritos como Emmanuel, Bezerra e André Luiz aconselham a estudar, meditar, enfim, valorizar mais o pensamento de Kardec.

deturpam a verdadeira identidade da Doutrina.

Um esforço revitalizador faz-se, portanto, mister, mormente quando são os próprios orientadores espirituais do movimento espírita brasileiro que a tanto nos convocam.

Suas advertências são de tal modo enérgicas que nos permitimos reproduzir trechos significativos de suas mensagens, corroborando o que aqui desejamos propor.

ADVERTÊNCIAS DOS ESPÍRITOS

Angel Aguared, um dos fundadores da FERGS, em mensagem que motivou o lançamento da Campanha de Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita no Rio Grande do Sul, em 1978, salientava que "Não é possível erigir um monumento doutrinário, como é o da Revelação Espírita, deixando-nos levar, a cada dia, por idéias que sopram de todos os lados, sem direção, qual vendaval que tudo derruba na sua passagem. Estamos sendo alertados de Plano mais alto sobre esse aspecto do nosso movimento, pois — dizem nossos superiores —, se não nos fizermos vigilantes nesse sentido, *em pouco tempo o movimento espírita, embora conservando o nome, nada terá de Espiritismo*".

Vianna de Carvalho, pela psicografia de Divaldo Franco, na mensagem "Espiritismo Estudado" afirma que "surtem os primeiros sintomas de cultos espíritas" e constata que "o movimento espírita cresce e se propaga, mas a Doutrina Espírita permanece ignorada, quando não adulterada em muitos dos seus postulados..."

Dai a recomendação de Bezerra de Menezes: "Kardequizar é a legenda de agora".

Legenda que pretendemos adotar como diretriz básica para as atividades federativas do biênio que ora se inicia e que propomos seja adotada por toda a rede federativa.

Para tanto, faz-se necessário se conheça mais profundamente o pensamento de Allan Kardec a fim de aquilatar o grau de fidelidade que lhe vota o movimento espírita.

Não é por outro motivo que Emmanuel, na mensagem intitulada "Kardec", ditada a Chico Xavier, após as afirmativas, dentre outras, de que precisamos "estudar Kardec, meditar Kardec, divulgar Kardec", finaliza dizendo: "Que é preciso cristianizar a Humanidade é afirmação que não padece dúvida; entretanto, cristianizar, na Doutrina Espírita, é raciocinar com a verdade e construir o bem de todos, para que, em nome de Jesus, não venhamos a fazer sobre a Terra mais um sistema de fanatismo e de negação".

Por sua vez, André Luiz, ainda pela pena de Francisco Cândido Xavier, há vinte anos salientava o seguin-

**Evidencia-se a necessidade de as
Casas Espíritas estudarem mais
profundamente a Doutrina,
para evitar que o Espiritismo
seja transformado em mais uma
seita religiosa.**

te: "Estamos defrontados no Espiritismo por uma tarefa urgente: desentranhar o pensamento vivo de Allan Kardec dos princípios que lhe constituem a codificação doutrinária, tanto quanto ele, Kardec, buscou desentranhar o pensamento vivo do Cristo dos ensinamentos contidos no Evangelho".

O PROJETO DA FERGS

Diante dos problemas apontados, talvez até de forma contundente, e dos desafios propostos pelos espíritos, sentimo-nos encorajados a desenvolver os esforços que estiverem ao nosso alcance no sentido de estimular o movimento espírita à observância das diretrizes preconizadas pelo Codificador quanto à sua própria estrutura e características. Eis o motivo desta análise de comportamento e de tendências do movimento espírita.

Mais uma vez, evidencia-se a necessidade de as Casas Espíritas realizarem estudo mais aprofundado e completo da obra Kardequiana, única forma de evitarmos que o Espiritismo seja transformado em mais uma seita religiosa.

Aqui esboçamos um projeto no qual apreciaríamos contar com a participação de todas as forças vivas do movimento espírita gaúcho. E se quisermos dar-lhe um nome, nenhum melhor do que a expressão usada por Bezerra — "Kardequizar". Esse será o nosso projeto.

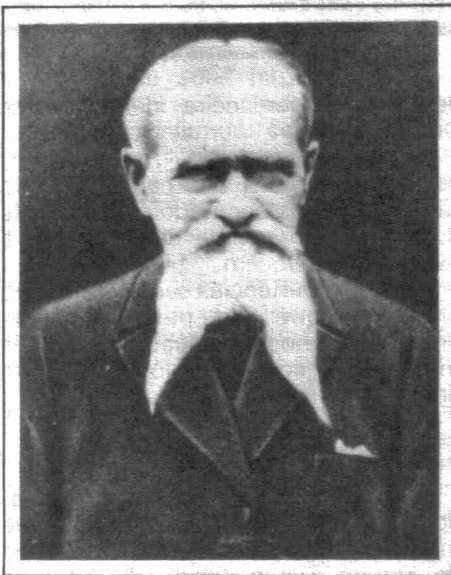
Salomão Jacob Benchaya

A questão semântica e o problema real

As divergências sobre a natureza religiosa do Espiritismo podem até ser atenuadas ao adotarmos o ponto de vista semântico. Mas o contraste entre Kardec e os espíritas brasileiros é inquestionável ao considerarmos a progressiva sectarização do Movimento.

O compromisso de realizar uma edição sobre a relação entre Espiritismo e Religião nos levou, a nós e aos companheiros da revista, a uma leitura e releitura atenta e sistemática da obra de Kardec. Do que lemos, queríamos pinçar algumas conclusões que sirvam de ponto de partida para a reflexão dos leitores, e também como estímulo ao estudo direto das fontes doutrinárias, afinal a nossa autoridade incontestada no assunto. Não foi por outro motivo, também, que fomos tão detalhistas, repetitivos, às vezes, nas nossas referências bibliográficas. As quais abrangem a obra de Kardec como um todo, pois adotamos a postura de considerá-lo, além de "secretário dos espíritos", como filósofo propriamente dito, com seu respeitabilíssimo ponto de vista humano, cujo pensamento está expresso em toda sua produção intelectual, não só nos livros básicos.

Um dos dados que com mais nitidez ressalta é que realmente Kardec não propunha o Espiritismo como uma religião, mas sim como uma filosofia de consequências morais (umas poucas vezes usou o termo consequências religiosas). Ele foi muito claro quando colocou esta questão¹, e salientou que não escrevia para ter duas leituras, para dar margem a interpretações². A força dessa idéia resiste mesmo ao descontento, na argumentação de Kardec, de um certo elemento de retórica, em alguns trechos, imposto pela preocupação tática em não encorajar uma competição desproporcional com a Igreja do seu tempo. E sua motivação era bem simples: como publicista de uma nova doutrina não queria vê-la confundida com as religiões, o que fatalmente ocorreria se usasse a palavra religião para classificar o Espiritismo. Pois esse vocábulo usualmente significa dogma, ritual, hierarquia, misticismo, sectarismo, interesses materiais — enfim, aquelas distorções e formas de adoração já desatualizadas e impróprias em relação à parte da humanidade suficientemente amadurecida para desiludir-se com as religiões existentes. E era essa a principal platéia do novo movimento de pensamento³.



Leon Denis e outros luminares consideravam o Espiritismo Religião, num sentido elevado.

Kardec preferia não chamar o Espiritismo de religião. Mas até admitiu classificá-lo assim, dependendo do sentido do termo.

O DISCURSO

Por outro lado, no mesmo texto em que Kardec justifica a sua posição — o discurso "O Espiritismo é uma religião?", aliás onde mais de frente abordou o assunto, ao abrir os trabalhos da Sociedade de Paris, em novembro de 1868 —, ele diz, com todas as palavras, que o Espiritismo até pode ser considerado religião. Dependendo do sentido que se dê a esse vocábulo⁴. Naquele texto — parte importante é uma discussão semântica, sobre o sentido das palavras —, ele parece dar as pistas do significado aceitável do rótulo religião, quando aplicado ao Espiritismo. Bem mais explicitamente, na forma negativa. Não é

religião no sentido usual referido acima. Mas, também na forma positiva, embora, aqui, o fato de estar lidando com conceitos para os quais não existem vocábulos correntes, naturalmente dificulte a clareza do discurso. Confessamos ter dificuldade para entender, por exemplo, o que seja "religião no sentido filosófico". A pista talvez esteja naquela primeira metade do texto, em que Kardec demonstra que a essência das religiões, das assembleias religiosas, é a "comunhão de pensamentos". Se chegaria a essa comunhão por uma legítima identidade de "sentimentos, princípios e crenças", o que naturalmente "religa os homens", levando-os à "solidariedade e fraternidade recíprocas". Tal efeito, o de unir, religar, seria a religião em si, mas Kardec explica que essa palavra passou a designar os princípios que levam a ele, "codificados em dogmas e artigos de fé".

NOVO SENTIDO

Kardec, nessa digressão semântica, parece estar aceitando uma maior amplitude para o termo religião, baseado numa argumentação filogenética, isto é, sobre a origem das palavras. E a idéia de extensão do uso vulgar do conceito poderia estar sendo reforçada pelos seus exemplos de elasticidade possível, colhidos mesmo dentro do vocabulário comum. Lembra que às vezes se fala em "Religião da Política", "Religião da Família", "Religião da Amizade", exatamente quando essas instituições levam àqueles efeitos "religiosos" referidos acima.

Ora, se é possível ampliar o uso da palavra religião para além da sua significação habitual, baseado até numa lógica filogenética, porque não chamar o Espiritismo também religião? Ele leva àquela comunhão de pensamentos; mais ainda, à fraternidade e à solidariedade. Faz isso não com dogmas, mas com uma filosofia moral desenvolvida a partir de dados científicos, vale dizer, baseada nas próprias leis naturais. E Kardec completa: a religião dos espíritas, o laço que os une, é a identidade em torno do sen-

timento de caridade, é o compromisso com a vivência cristã em pensamentos, palavras e atos, decorrentes da adesão convicta, fé raciocinada, aos princípios filosóficos — o "Credo Espírita".

FLEXIBILIDADE

Essa conclusão, que aponta o real ponto de interesse do Espiritismo — a consequência ética —, ao mesmo tempo deixa uma porta aberta para uma maior flexibilidade no enquadramento da Doutrina nas diversas modalidades culturais. Isto é, na questão de se o Espiritismo é ou não é religião. Pois, mesmo se Kardec não estivesse propondo consistentemente um novo sentido para o termo religião, permitindo chamar assim ao Espiritismo, mesmo que estivesse apenas enriquecendo sua justificativa para não considerá-lo dessa forma, o simples fato de admitir como hipótese um significado mais

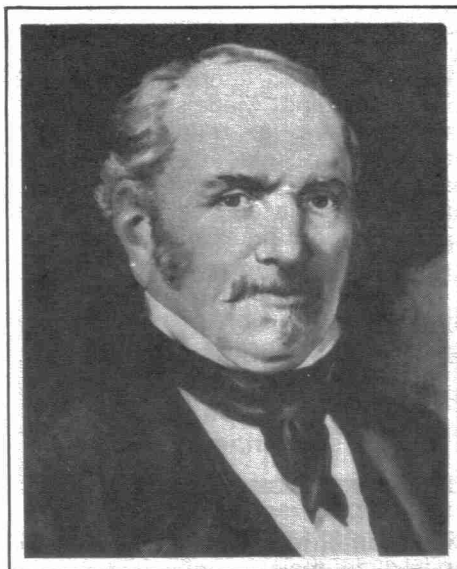
Quando se deixa de discutir sobre a sonoridade, e sim sobre as idéias, as divergências já não parecem tão irreconciliáveis.

amplo à palavra nos parece de fundamental importância. Pois mostra uma ponta de transigência de Kardec na sua vigorosa defesa do Espiritismo só ciência e filosofia. E, aí, todo o edifício que se construiu, no Brasil, sobre a premissa de um Espiritismo religioso, se até deve ser rediscutido a partir dessa descoberta de um Kardec com preferência pela ênfase filosófica, não pode ser radicalmente condenado. E fica atenuado, também, o contraste, a primeira visão mais acentuada, entre a linguagem de Kardec sobre o tema e a de muitos outros respeitáveis nomes que o sucederam. Aliás, quando toda essa questão é reduzida ao seu terreno adequado, ao enfoque semântico, quando se deixa de discutir sobre a sonoridade e sim sobre idéias, as posições divergentes já não parecem tão irreconciliáveis.

Vejamos. Se admitirmos, por exemplo, que o Espiritismo é religião (e aí estaremos na boa companhia, temos de reconhecer, de luminares como Léon Denis, Herculano Pires, Emmanuel e mesmo algumas das entidades que se manifestavam a Kardec⁵), não estaremos a rigor distorcendo os princípios doutrinários, dependendo do sentido que se der à palavra.

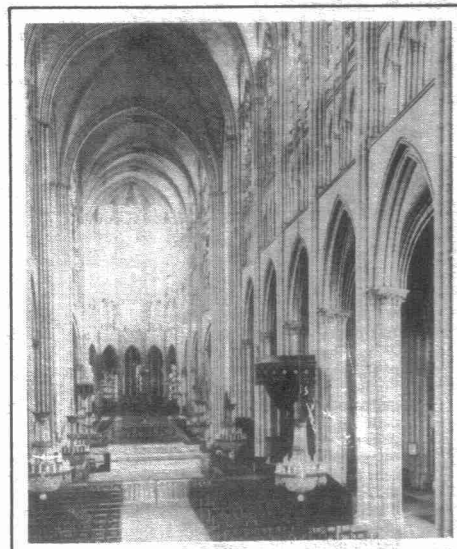
DISTORÇÕES

Haverá distorções, sem sombra de dúvida, se o considerarmos religião no sentido tradicional, de seita. Infeliz-



Kardec claramente preferia não chamar ao Espiritismo Religião.

mente, esse parece ser o sentido aceito pela grande maioria dos espíritas engajados no movimento brasileiro. Mas vamos mais longe. Haverá distorções, a nosso ver, mesmo se o Espiritismo for considerado uma religião de sentido elevado, aquela religião depurada que um dia beneficiará toda a humanidade, mais evoluída e portanto capaz de aceitar uma forma de adoração a Deus sem intermediários, seja humanos ou simbólicos. E esse parece ser o ponto de vista de muitos dos dirigentes. Julgamos que é uma visão também distorcida porque Kardec colocou claramente que o Espiritismo vinha auxiliar⁶ o processo histórico que leva à essa religião, a esse patamar da evolução religiosa, como catalizador da fusão das religiões⁷. E o elemento chave no processo é o fim do sectarismo, do antagonismo religioso, possibilitado exatamente pela



Kardec defendeu as religiões até na sua forma mais institucionalizada, os templos.

comprovação científica, através do Espiritismo, das verdades essenciais comuns a todas as religiões, que seria o núcleo, o terreno neutro⁸, para um acordo entre elas. Ora, ingênuo admitir que se a Doutrina se coloca como essa religião futura já no presente não estará esboçando uma idéia de competição, de substituição dos credos pelo Espiritismo — somando força exatamente na direção contrária da união das confissões. Desrespeitar esse processo histórico, então, nós parece ser aquele "começar o edifício pelo telhado, esquecido dos alicerces", de que falou Kardec certa vez⁹.

RELIGIÃO GERAL

Não haverá distorção, no nosso ponto de vista, se o Espiritismo for considerado religião no sentido de cumprir as funções historicamente atribuídas às religiões (embora nem sempre por elas realizadas), como vimos acima. O Espiritismo leva à fraternidade¹⁰, à aproximação de Deus¹¹, à valorização da prece¹², além de confirmar as bases cognitivas de todas as religiões¹³. Não se pode negar que o Espiritismo incorpora muitos elementos ligados às religiões, mesmo descontando o misticismo dos adeptos que acentuam tais características. E desse ponto de vista, e com as ressalvas já feitas, talvez possamos considerar o Espiritismo também religioso, classificá-lo religião num sentido geral — Kardec disse uma vez que o Espiritismo não era uma religião especial¹⁴, sem maiores problemas, se ele for geral a ponto de "se conciliar com todos os cultos existentes"¹⁵.

Mas vamos à outra posição. Se admitirmos que o Espiritismo não é religião (e aí estamos ao lado de uma imponente opinião, a do próprio Kardec, que claramente preferia apresentá-lo como uma filosofia, vinculada a um compromisso ético), isto não significa que estaremos transformando-o em disciplina estritamente intelectual. A filosofia espiritualista de consequências morais de que falava Kardec transborda sentimento. No convite cristão à reforma e ao amor fraterno, no próprio conceito de fé raciocinada, que julgamos ser também sentimento¹⁶, senão seria só opinião, conhecimento. Mutilar o Espiritismo em sua rica religiosidade, bem referida por Kardec¹⁷, é outra forma de distorção doutrinária. Que se tranquilizem os adeptos da visão mais religiosa do Espiritismo.

EVOLUÇÃO

Pois é preciso reconhecer que com o Espiritismo há uma reconciliação da mentalidade moderna com a Religião. Realmente, Kardec jamais enfoca a Religião como algo obsoleto. Ele a concebia como ainda boa e útil à Humanidade, apesar das suas defor-

mações¹⁸. Fica claro que o conceito espírita de religião se alinha entre aqueles que enfatizam seus aspectos racionais sobre os irracionais, que a dão como principalmente cognitiva, portanto fornecendo as bases racionais para a moral. Já de maneira indireta, quando Kardec fala do auxílio que o Espiritismo vem prestar confirmando as bases cognitivas das religiões, cientificamente¹⁹, mas também de forma direta²⁰. Essa idéia se torna ainda mais explícita quando afirma que a religião seria "uma das alavancas da inteligência humana", por revelar "as leis do mundo moral"²¹. Para cumprir essa missão de enobrecimento do sentimento, pelas portas da razão, faz-se necessário acompanhar o desenvolvimento intelectual das massas, observou ainda Kardec. Quando as religiões se tornam insuficientes, nesse ponto de vista, não se "anulam", "transformam-se"²². Kardec vislumbrou, assim, também, uma unidade e uma dialética para o fenômeno religioso, que estaria submetido a um processo evolutivo²³. Para ele, o próximo passo dessa evolução será a aliança com a ciência, via Espiritismo²⁴. O descompasso

histórico entre as religiões imobilistas e os avanços científicos foi a causa da crise religiosa do tempo de Kardec e do nosso tempo. Mede-se o valor que Kardec dava à religião quando lamenta, em relação à tendência reacionária das instituições religiosas, que ele gostaria de ver a religião na vanguarda do progresso, e não a "seu

Dizer que o Espiritismo é a religião depurada do futuro é entrar em competição com os cultos, aumentando o seu antagonismo.

reboque"²⁵. E ele defendeu explicitamente mesmo a sua modalidade mais institucionalizada — pois defendeu os templos! — como forma ainda necessária de comunhão elevada de pensamentos e de educação moral para as massas²⁶.

CRISTIANISMO

Outra reconciliação fundamental é com o Cristianismo. Interessante é que a leitura atenta do texto doutrinário dilui muito o aspecto religioso tradi-

cional comumente atribuído ao Cristianismo. A associação do Espiritismo com o Cristianismo, essencial, inequívoca²⁷, torna-se assim menos uma barreira entre o Espiritismo e os povos não cristãos, do que a restituição do aspecto universal, não sectário da Doutrina de Jesus, deformada pelos séculos²⁸. Ainda que se admita uma maior facilidade de propagação entre os cristãos²⁹, da mesma forma que os judeus já eram "terreno preparado" para o Cristianismo, o Espiritismo-Cristão permanece essencialmente universalista. E o que o Espiritismo recupera do Cristianismo é basicamente, mesmo, a sua moral, ou, melhor ainda, o forte sentido de compromisso dos cristãos com uma vivência ética, que os pesquisadores do assunto reconhecem ser o mais vigoroso proposto em toda a História das Religiões. E esse estudo que fizemos não fez mais que confirmar a idéia de que o Espiritismo só se completa, só faz sentido, mesmo, se levar a uma vivência ética³⁰.

DEFORMAÇÃO

Aliás, aqui temos um atenuante para o movimento espírita brasileiro,

BIBLIOGRAFIA

Abreviaturas:

O Livro dos Espíritos: LE
O Livro dos Médiuns: LM
O Evangelho Segundo o Espiritismo: ES
O Céu e o Inferno: CI
A Gênese: G
Obras Póstumas: OP
Revista Espírita: RE
Instruções práticas sobre as manifestações espíritas: IP
O que é o Espiritismo?: OE
Viagem Espírita em 1862: VE
O Espiritismo em sua mais simples expressão: SE

EXPIRITISMO FILOSOFIA, NÃO RELIGIÃO

1) RE: 1859, maio, "Refutação de um artigo de L'Univers; julho, "Resposta à réplica do Abade Chesnel..."; 1861, abril, "Mais uma palavra sobre o Sr. Deschanel", pág. 107, último parágrafo; outubro, "Discurso do Sr. Allan Kardec", pág. 317, 2º §; 1862, abril, "Consequências da Doutrina da Reencarnação sobre a propagação do Espiritismo", pág. 105, 2º §; 1863, janeiro, "Resposta a uma pergunta sobre o Espiritismo Religioso", pág. 18, 5º §; 1867, setembro, "Caracteres da Revelação...", pág. 278, nota de rodapé.

QE: "Introdução", antepenúltimo parágrafo; III diálogo, 7ª e 12ª perguntas.

VE: "Instruções particulares dadas aos grupos...", parte "Sobre o uso de práticas externas...", principalmente do 3º ao 8º parágrafos.

SE: "História do Espiritismo", último parágrafo.

OP: I Parte, "breve resposta aos detratores...", oito últimos parágrafos principalmente.

UM SÓ SENTIDO DOS TEXTOS

2) RE: 1861, dezembro, "Organização do...", item 7; 1865, junho, "Nova tática...", página 185, 3º §
OP: II parte, "Constituição do Espiritismo", item II, "Os Cismas", 3º §.

RAZÃO DE NÃO CLASSIFICAR COMO RELIGIÃO

3) RE: 1868, dezembro, "Discurso de Abertura pelo Sr. Kardec — O Espiritismo é uma religião?", pág. 357, 3º §.

POSSIBILIDADE DO ESPIRITISMO SER RELIGIÃO

4) Mesma referência de 3), a partir da página 351, sendo que a afirmação consta na página 357, 2º §.

ESPIRITOS "RELIGIOSOS"

5) OP: II parte, mensagens, "Primeira revelação da minha missão", "Futuro do Espiritismo", "Imitação do Evangelho"

ESPIRITISMO AUXILIAR DAS RELIGIÕES

6) RE: 1859, janeiro, "A S.A. O Príncipe G...", pág. 5, 4º §; 1860, abril, "O Maravilhoso e o Sobrenatural", pág. 285, 3º §; outubro, "Resposta do Sr. Allan Kardec", pág. 320, último parágrafo; 1861, outubro, "Discurso do Sr. Allan Kardec", pág. 317, penúltimo parágrafo; 1866, setembro, "Crônica de Bruxelas", pág. 266, 3º §.
LE: comentário de Kardec ao item 148, principalmente o último parágrafo; item 1010-a.
IP: quatro últimos parágrafos.
QE: III diálogo, 20ª pergunta, principalmente 2º § da resposta.
LM: item 16.

FUTURA FUSÃO DAS RELIGIÕES

7) RE: 1866, janeiro, "Considerações sobre a prece...", pág. 7, 3º §; outubro, "Os tempos...", pág. 297, 1º §.
SE: "Resumo do ensinamento...", item 30.
CI: I parte, cap. I, item 14.
G: cap. I, nota de rodapé ao item 53; cap. XVII, itens 31 e 32.

ESPIRITISMO TERRENO NEUTRO ENTRE RELIGIÕES

8) RE: 1865, março, "O Sr. Allan Kardec aos espíritos...", pág. 90, 2º §; 1868, dezembro, "Discurso de abertura", pág. 359, 2º §.
VE: "Instruções particulares...", parte "Sobre o uso de práticas...", 5º §.
SE: "Resumo do ensinamento...", item 30.
G: cap. XVIII, itens 31 e 32; cap. XVIII, item 17.

DESRESPEITO À TENDÊNCIA HISTÓRICA

9) RE: 1863, março, "Decisão da Sociedade Espírita de Paris...", pág. 83, 1º §.

ÊNFASE À FRATERNIDADE

10) RE: 1858, julho "Correspondência", pág. 210, 2º §; 1860, outubro, "Resposta do Sr. Allan Kardec", pág. 308, 2º §; "Resposta do Sr. Allan Kardec", pág. 315, 4º §, e pág. 319, 3º §; 1861, novembro, "Discurso do Sr. Allan Kardec", pág. 358, 2º §; dezembro, "Organização do Espiritismo", item 9; 1863, março, "Decisão da Sociedade Espírita de Paris...", pág. 83, 1º §; 1864, novembro, "O Espiritismo é uma ciência...", pág. 324, 2º § (destaque para estas duas últimas referências); 1866, abril, "O Espiritismo sem espíritos", pág. 111, 3º §; "O Espiritismo independente", pág. 113, último parágrafo; outubro, "Os tempos são chegados", pág. 295, 5º §; 1868, dezembro, "Discurso de abertura", pág. 358, 2º § a 7º §.
QE: III diálogo, 6ª pergunta.
LE: "Conclusão", item VIII, 1º § e item IX, último parágrafo.
IP: cap. XI, 9º §.

LM: item 28, sub-item 3º; item 350, último parágrafo, G: cap. I, item 56, 4º §.

APROXIMAÇÃO COM DEUS

11) RE: 1868, dezembro, "Discurso de abertura", pág. 359, 2º § ("Credo Espírita").
OE: III diálogo, 6ª pergunta.
IP: antepenúltimo parágrafo.
SE: "Resumo do ensinamento...", item 30.

VALORIZAÇÃO DA PRECE

12) RE: 1864, agosto, "Suplemento ao capítulo...", pág. 231; 1866, janeiro, "Considerações sobre a prece...", pág. 5.
LE: itens 658 a 666.
VE: "Instruções particulares...", parte "Sobre as práticas...", principalmente 1º § e 2º §.
ES: cap. XXVII e cap. XXVIII.

ESPIRITISMO CONFIRMANDO BASES DAS RELIGIÕES

13) RE: 1860, outubro, "Resposta do Sr. Allan Kardec", pág. 308, 2º §; 1861, maio, "Discurso...", pág. 146, 2º §; outubro, "Discurso...", pág. 317, 4º §; 1862, fevereiro, "Resposta à mensagem...", pág. 35, 2º §; 1863, abril, "Suicídio...", pág. 119, último parágrafo; 1866, outubro, "Os tempos...", pág. 296, 2º §.
LE: "Conclusão", item V, último parágrafo e item VI, 2º §.
QE: III diálogo, 12ª e 20ª perguntas.
SE: "Histórico..." (trecho "do ponto de vista religioso...")
G: cap. XVIII, item 17.

ESPIRITISMO NÃO É UMA RELIGIÃO ESPECIAL

14) SE: "Histórico...", antepenúltimo parágrafo.

DOTRINA CONCILIANDO-SE COM TODOS OS CULTOS

15) RE: 1868, dezembro, "Discurso...", pág. 359, 2º §.

FÉ RACIONADA E SENTIMENTO

16) RE: 1864, agosto, "Suplemento ao capítulo...", pág. 235, penúltimo parágrafo; 1868, dezembro, "Discurso de...", pág. 356, 2º § (comentário sobre fé política)
ES: cap. XIX, item 9, 2º §.

A RELIGIOSIDADE DO ESPIRITISMO

17) RE: 1866, janeiro, "Considerações sobre...", pág. 7, 3º § (le em várias das referências da RE em 13).
LE: "Conclusão", item VII, último parágrafo.
QE: III diálogo, 8ª pergunta.
VE: "Instruções particulares...", parte "Sobre o uso...", 3º §.
ES: cap. XXVI, item 10.

VALIDADE DAS RELIGIÕES

18) RE: 1860, setembro, "História do Maravilhoso...", pág. 293, principalmente 4º §; 1864, dezembro, "Da comu-

inegavelmente privilegiador desse aspecto essencial da Doutrina, o compromisso ético. Atenuante porque o julgamento desfavorável não pode ser evitado quando se sabe que o Espiritismo no Brasil adquiriu uma nítida conformação de seita. Eis aqui uma importante distorção. Kardec simplesmente tinha repugnância pelo espírito sectário.³¹ Chegava a aceitar que católicos, protestantes, judeus, budistas que se tornassem espíritas prosseguissem em seus cultos³², e orgulhava-se dessa boa convivência entre os religiosos no Espiritismo como uma antecipação daquela futura fusão entre as confissões³³. Lutou para provar que o Espiritismo não competia com as religiões³⁴.

Porque mudamos tanto? A perplexidade fica mesmo admitindo que com o tempo muitas coisas mudaram. Que formou-se uma legião de espíritas desinteressados dos cultos e que encontraram no Espiritismo o substituto da religião em suas vidas. Que o atavismo das experiências religiosas do passado — tão vivo no Brasil — é força a favor do exclusivismo, assim como a idéia de que é preciso pureza

ideológica nas fileiras para transmitir a Doutrina intacta às futuras gerações. Mesmo reconhecendo esses outros atenuantes, permanece um grande contraste entre o que fazemos e o que pensava Kardec.

IDEAL E REAL

É verdade que toda concepção ideal passa inevitavelmente por algum índice de deformação quando vivenciada historicamente. Kardec trabalhava com este conceito, pois previu um movimento espírita não uniforme, com características nacionais, embora mantendo uma identidade essencial³⁵. E julgamos ser essa a idéia-chave para o esclarecimento do problema. Pode-se admitir algum desvio do modelo ideal — no caso o proposto pela Codificação. Mas que não seja tão importante a ponto de comprometer o essencial. O essencial, aqui, é o não exclusivismo, o não sectarismo, a ausência de competitividade frente às religiões. O ideal, seria a estrita coerência com a idéia do Espiritismo como auxiliar, não substituto das religiões. As reuniões espíritas com função religiosa deveriam constituir-se, como

imaginava Kardec, numa espécie de vanguarda desse futuro. Um protótipo, uma amostra, que viesse a dinamizar e não a atrapalhar o projeto reformista. Que mantivesse a sua identidade, mas com canais de troca eficientes junto às religiões, como Kardec ensaiou fazer, embora sem reciprocidade.

O que é o real? O acanhado perfil de seita do presente. Esse é o grande problema do Espiritismo, não tanto a questão de se ele é ou não é religião, afinal, como dissemos, apenas uma questão semântica. É preciso modificar a situação. Não esvaziar o Espiritismo-Cristão brasileiro, tão corretamente priorizador do aspecto da reforma moral, e com um desenvolvimento na área da caridade espiritual e da beneficência que de modo algum desagrada Kardec³⁶. O que se faz necessário é uma correção de rumos, no sentido de vivenciar, no Espiritismo, a realidade mais aproximada possível daquela vanguarda ideal que descrevemos acima. É restituir ao Movimento Espírita brasileiro, o mais desenvolvido do mundo, a impulsão renovadora, o impacto social, asfixiados na camisa de força do sectarismo. (J.P.L.)

nhão...”, pág. 355, 4º §; 1867, fevereiro, “As três filhas...”, pág. 42, 1º §; 1868, agosto, “O Materialismo...”, 223, 3º §; dezembro, “Discurso...”, pág. 365, 3º §.

VISÃO RACIONAL DAS RELIGIÕES

19 RE: 1859, janeiro, “A S.A. o Príncipe...”, parte “Qual poderá ser a utilidade...”, pág. 5, 1º §; maio, “Refutação de...”, pág. 146, 4º §; 1860, outubro, “Resposta do Sr. Allan Kardec...”, pág. 308, 2º §; 1861, outubro, “Discurso do...”, pág. 317, 4º §; 1866, abril, “Da revelação...”, pág. 105, 1º §; outubro, “Os tempos...”, pág. 296 e pág. 297.

LE: comentário de Kardec ao item 148, dois últimos parágrafos; item 1009, mensagem de Paulo e comentário de Kardec; item 1010-a; “Conclusão”, item V, 3º §.

SE: “Histórico...” (trecho que analisa Espiritismo “do ponto de vista religioso”) G: cap. I, itens 30 e 41.

20 RE: 1862, abril, “Consequências da doutrina...”, pág. 104 a pág. 106 (destaque para essa referência); 1868, agosto, “O Materialismo...”, pág. 223, 2º §.

LE: item 366, referência aos pagãos; itens 626 a 628; item 657; comentário de Kardec ao item 668.

ES: cap. II, item 3.

CI: cap. I, itens 13-14.

G: cap. I, item 29; cap. IV, itens 1-2 (destaque para essa referência); cap. XIII, itens 17-19; cap. XVII, item 32.

21 ES: cap. I, item 8.

EVOLUÇÃO DAS RELIGIÕES

22 RE: 1867, fevereiro, “As três filhas...”, pág. 42, 3º §.

23 RE: 1864, julho, “A Religião e o Progresso”, especialmente a partir da página 203; agosto, “Suplemento ao capítulo...”, pág. 233, 3º §; dezembro, “Morte do Sr. Bruneau...”, pág. 387, 3º § (destaque para essa referência); 1868, agosto, “O Materialismo e o Direito”, pág. 223, 2º e 3º §.

LE: item 59, principalmente última frase; item 222, parágrafo que antecede a citação evangélica; itens 625-628; item 738, comentário de Kardec; item 801.

IP: Cap. XI, 9º §.

QE: III diálogo, 13ª pergunta.

ES: cap. II, item 3.

CI: cap. I, itens 12-14.

G: cap. I, itens 10 e 11; cap. XVII, item 32.

OP: I parte, “Manifestações dos Espíritos”, itens 6 a 8; II parte, “Credo Espírita” (trecho que fala das crenças no passado).

ALIANÇA DA CIÊNCIA E DA RELIGIÃO

24 RE: 1864, julho, “A Religião e o Progresso”, pág. 203, 4º §; 1867, abril, “Galileu”, pág. 102, 3º §.

ES: Cap. I, item 8.

CI: I parte, cap. I, item 3.

G: cap. IV, itens 9-10.

VALORIZAÇÃO DA RELIGIÃO

25 RE: 1864, julho, “A Religião e o Progresso”, pág. 203, 3º §.

DEFESA DOS TEMPLOS

26 RE: 1868, dezembro, “Discurso de abertura...”, pág. 355, 3º §.

ASSOCIAÇÃO DO ESPIRITISMO COM O CRISTIANISMO

27 RE: 1859, janeiro, “A. S.A. o príncipe...”, pág. 3, 3º § e pág. 5, último parágrafo; maio, “Refutação de...”, pág. 148, penúltimo parágrafo; 1860, outubro, “Resposta do Sr. Allan Kardec...”, pág. 315, 4º §; 1861, janeiro, “Bibliografia católica...”, pág. 12, 2º §; dezembro, “Organização do...”, último parágrafo do item 9 e o último do artigo; 1863, abril, “suicídio...”, pág. 119, último parágrafo; 1868, dezembro, “Discurso de...”, pág. 358, penúltimo parágrafo.

LE: “Prolegômenos” (mensagem dos espíritos); item 222, parágrafo seguinte à citação evangélica; item 495, último parágrafo da mensagem de São Luiz e Santo Agostinho; item 625.

VE: “Discurso pronunciado nas reuniões gerais...” (referência ao Espiritismo-Cristão).

SE: “Resumo do ensinamento...”, item 34.

LM: item 28, sub-item 3; item 350, último parágrafo.

ES: cap. I, itens 4, 9 e 10; cap. VI, item 5.

CI: I parte, cap. X, último parágrafo.

G: cap. I, itens 20-30, 41-42, 49-50 e 56.

CRISTIANISMO NÃO SECTÁRIO

28 RE: 1858, julho, “Correspondência”, pág. 210, 2º §; 1864, dezembro, “Sessão comemorativa...”, pág. 359, 5º §; 1866, abril, “O Espiritismo independente”, pág. 114, principalmente 2º § (destaque para essa referência).

ES: cap. XV, itens 3, 8 e 10; cap. XVIII, item 16; cap. XIX, item 12, 2º §; cap. XXIV item 9 (destaque para essa referência).

OP: I parte, “Estudo da Natureza do Cristo”, três últimos parágrafos.

CRISTÃOS “TERRENO PREPARADO” PARA ESPIRITISMO

29 RE: 1859, maio, “Refutação a...”, pág. 148, 6º §.

QE: III diálogo, 7ª pergunta.

ÊNFASE NA CONSEQUÊNCIA ÉTICA

30 RE: 1858, julho, “Correspondência”, pág. 210, 2º §; 1859, janeiro, “A. S.A. o príncipe...”, pág. 5, último parágrafo; 1866, abril, “Espiritismo sem espíritos”, pág. 111, 3º §; “O Espiritismo independente”, pág. 113, último

parágrafo (destaque para essa referência); outubro, “Os tempos são...”, pág. 296, 2º §; 1868, dezembro, “Discurso de abertura...”, pág. 358, principalmente 2º §, mas também do 3º ao 6º (destaque para essa também).

LE: “Conclusão”, item VII, 1º §; item VIII, 1º §.

IP: 9º, 12º e 13º parágrafos.

QE: III diálogo, 12ª pergunta.

G: cap. I, item 56.

NÃO SECTARISMO DE KARDEC

31 RE: 1858, julho, “Correspondência”, pág. 210, 2º §; 1859, maio, “Refutação de...”, pág. 149, 3º §; 1860, abril, “Considerações sobre o objetivo...”, pág. 106 a pág. 107; 1861, outubro, “Discurso do Sr. Allan Kardec...”, pág. 316, último parágrafo e pág. 317, 1º e 2º parágrafos; 1865, março, “O Sr. Allan Kardec aos espíritos devotados...”, pág. 90, 2º §; 1866, outubro, “Os tempos são...”, pág. 298, 4º §.

LE: item 799, “Conclusão”, último parágrafo.

IP: penúltimo parágrafo do texto.

ES: cap. XV, itens 8-9.

TOLERÂNCIA RELIGIOSA DE KARDEC

32 RE: 1859, maio, “Refutação...”, pág. 148, 5º §; 1861, outubro, “Discurso do Sr. Allan Kardec...”, pág. 317, 1º §; 1862, fevereiro, “Resposta à mensagem...”, pág. 36, 2º §; 1866, janeiro, “Considerações sobre...”, pág. 7, 3º §.

G: cap. I, item 53, nota de rodapé.

NÃO COMPETITIVIDADE COM AS RELIGIÕES

34 RE: 1859, maio, “Refutação...”, julho, “Resposta à réplica...”, 1861, janeiro, “Bibliografia católica...”, abril, “Mais uma palavra...” Essas referências são exemplos dessa luta nos debates com a imprensa. O terceiro diálogo de *O Que é o Espiritismo?* também demonstra isso, assim como as referências em geral do número 1).

MOVIMENTO ESPÍRITA HETEROGÊNEO

35 OP: II Parte, “Constituição do Espiritismo”, item VI, “Limites da ação da Comissão Central”, 6º e 8º parágrafos.

SIMPATIA DE KARDEC A ASPECTOS SEMELHANTES AOS DO MOVIMENTO ESPÍRITA BRASILEIRO

36 RE: 1860, outubro, “Resposta do Sr. Allan Kardec...”, pág. 315, 4º e 5º §, pág. 316, 1º § e pág. 319, 3º §; 1864, outubro, “O Espiritismo na Bélgica”, pág. 305; 1866, janeiro, “Considerações sobre a prece...”, abril, “O Espiritismo sem espíritos”; 1868, setembro, “Círculo de Moral Espírita”, pág. 265.

OP: II Parte, “Constituição do Espiritismo”, item V, sub-itens 3º a 5º, e comentários sobre assistência social (Esta bibliografia é baseada na pesquisa referida na página 12).

Espiritismo e síntese

Milton Rubens Medran Moreira analisa o problema da natureza do Espiritismo e de suas relações com a religião do ponto de vista da tendência a levar a uma síntese cultural. Baseado em Kardec, mas também em Denis e Herculano Pires.

Quando, em meados do século 19, o hercúleo trabalho de Allan Kardec buscava metodizar o universo de conhecimentos enfeixado na chamada *revelação espírita*, o mundo vivia fase particularmente importante e que se constituiria em decisivo marco na história do pensamento humano.

De um lado, pululavam e frutificavam as idéias libertárias conquistadas pela Revolução Francesa. A tríade *liberdade, igualdade, fraternidade* amplexava o mundo inaugurando a era do derribamento de tudo aquilo que soasse como imposição de idéias, dogmatismo, preconceito, etc.

Kardec não podia aceitar uma identificação do Espiritismo com a Religião tal como era no século 19

De outro lado, entretanto, a natural reação daqueles que, no curso da história, se haviam habituado às rédeas como condutores ou conduzidos. Inegável e dolorosamente, entre estes pontificavam as lideranças religiosas, apequenando com seus *artigos de fé*, com suas *graduações hierárquicas* e com seu acumplicamento com o *poder temporal* a pureza das *idéias religiosas* transmitidas, até então, à humanidade pelos missionários de todos os tempos.

RELIGIÃO NO SÉCULO 19

A postura reacionária de grupos desse jaez desfigurava, assim, o conceito mais elevado de religião, conduzindo-na à sinonímia de *fé irracional, seita discricionária*, mera expressão de *culto externo*, etc.

E esse clima, como que numa autodefesa, ante a avalanche das novas idéias que iluminavam o mundo desde o século 18, intensificava-se mais e mais naqueles tempos, dando azo à triste constatação que Kardec fazia imputando à própria religião, pelos descaminhos em que se enveredara, a causa da descrença generalizada, tônica do século:

"Se a religião, apropriada em

começo aos conhecimentos limitados do homem, tivesse acompanhado sempre o movimento progressivo do espírito humano, não haveria incrédulos, porque está na própria natureza do homem a necessidade de crer, e ele crerá desde que se lhe dê o pábulo espiritual de harmonia com suas necessidades intelectuais"¹

Nota-se, claramente, aí, a diferenciação que Kardec faz entre o que deveria ser e aquilo em que efetivamente se havia tornado a religião. Quando, por sua natureza, devia ser progressista, fez-se retrógrada, conservadora, reacionária, irracional. E tais condições geraram ou o conformismo imobilista dos que se negavam a pen-

Augusto Comte, rejeitando toda e qualquer especulação metafísica acerca das causas primeiras, como a idéia da própria divindade.

Sem dúvida, as religiões, com essa postura, se aparvalharam. Restringiram demasiadamente seu próprio conceito.

É claro que em círculo tão restrito não poderia caber a definição da nova doutrina que o Mestre de Lyon buscava codificar e que nascia fundamentada "em princípios gerais independentes de toda questão dogmática"²

EN BUSCA DE UM CONCEITO

E, por diversas vezes, assim, Kardec rejeitou fosse o Espiritismo conceituado como religião. Sempre que o fez, entretanto, argumentava demonstrando não se coadunarem com o caráter da nascente doutrina aquelas características por ele próprio classificadas como deturpadoras do primitivo e real sentido de religião, ou sejam: o culto externo, o sacerdócio organizado e hierarquizado, o misticismo irracional, etc.:

"Não é ele (o Espiritismo), porém, uma religião constituída, visto que não tem culto, nem rito, nem templo, e entre seus adeptos, nenhum tomou ou recebeu o título de sacerdote ou grão-sacerdote"³

"Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria aí senão uma nova edição, uma variante, se se quisesse, dos princípios absolutos em matéria de fé: uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das idéias de misticismo e de abusos contra os quais tantas vezes se levantou a opinião pública"⁴

Entretanto, se claramente o codificador ajuizou da inoportunidade ou da impropriedade em classificar o Espiritismo como religião, deixou também claro como sendo um dos escopos da novel doutrina o estabelecimento da *aliança da Ciência e da Religião*⁵, e tomou, então, a palavra religião, como o fez em tantas outras oportunidades, num sentido nobre, dignificante, que não se coaduna com aquela acepção antes referida, nem com a tendência hoje detectável em alguns meios espíritas de ver a religião como sinônimo



No século XIX, uma Igreja de suntuosidades e paganismo entranhado, ilhada numa época de luzes ascendentes, impedia um conceito mais elevado de religião.

sar, ou o arrastamento ao materialismo daqueles que, questionadores, não obtinham respostas que satisfizessem sua razão. Daí o sucesso de correntes filosóficas do tipo do Positivismo de

de coisa superada ou própria de espíritos atrasados. Kardec não a viu assim quando, por exemplo, inseriu na obra basilar da filosofia espírita a afirmação de que "o Espiritismo é forte porque assenta sobre as próprias bases da religião"⁶, ou quando asseverou que "um de seus efeitos (do Espiritismo) é reconduzir às idéias religiosas os que as haviam repellido"⁷.

IDÉIA RELIGIOSA NO ESPIRITISMO

Está patente, pois, a presença marcante da **idéia religiosa** na obra de Kardec. Convém, inclusive, observar que o próprio codificador em artigo mediante o qual avalia o que entende seria o desempenho progressivo do Espiritismo, não hesitou em vaticinar o advento de uma fase, a quarta de uma série de seis, que haveria de ser o **período religioso**⁸. Certamente não viu nesse período que sucederia ao **de luta** e que antecederia a um **período intermediário**, e, finalmente, àquele de **regeneração social**, qualquer desvio das metas da doutrina que codificara.

Ante a presença inquestionável da **idéia religiosa** como componente da nova doutrina, perde importância a questão da **definição** de se o Espiritismo é ou não uma religião. A ambigüidade conceitual do termo, tantas vezes posta a nu por Kardec, e o contexto histórico a evidenciar das religiões exatamente a acepção deturpada, não recomendavam se o inserisse como mais uma religião simplesmente.

Kardec que, frente à proposta inteiramente nova da Doutrina dos Espíritos, viu-se ante a indispensabilidade de cunhar um novo substantivo para designá-la — Espiritismo — certamente sentiu a carência de símbolos suficientemente expressivos para lhe dar uma definição perfeita e acabada.

O Espiritismo, pela magnitude que constitui seu objetivo, tem a dimensão do universo. E quão mais abrangente for uma idéia, mais árdua há de ser a

tarefa de sua conceituação. As idéias conceitualmente sugeridas pelo vocábulo **religião**, notadamente naquele contexto histórico, claramente apenaríamos a dimensão da nova proposta de cuja metodização se incubira Allan Kardec.

MAIS DO QUE CIÊNCIA

Por isso, não se encontra em sua obra uma definição que realmente se proponha a fazer-se acabada e definitiva. A assertiva de ser o Espiritismo "uma ciência que trata da natureza, da origem e do destino dos Espíritos, e de suas relações com o mundo corporal", inserida em "O que é o Espiritismo"?, não esgota o universo abrangido pelo Espiritismo, até porque não faz referência a um componente encontrável sempre que Kardec dissertou sobre a natureza da nova doutrina: aquele que diz com suas **conseqüências morais**, lembradas, aliás, pelo codificador nas próprias considerações imediatamente anteriores à aludida formulação:

**"O vocabulário corrente
era pobre demais para definir
com perfeita clareza o
Espiritismo".**

"O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que se podem estabelecer com os Espíritos; como filosofia, compreende todas as conseqüências morais que decorrem dessas relações".

A dificuldade de inserir o Espiritismo no quadro das ciências é, inclusive, objeto de expressa manifestação de Kardec ao escrever em 1858:

"Chegou o Espiritismo ao estado de Ciência? Se se trata de uma ciência acabada, sem dúvida será prematuro responder afirmativamente, mas as observações já são hoje bastante numerosas para permitirem pelo menos deduzir os princípios gerais, onde começa a Ciência"⁹.

Demais disso, em várias oportunidades Kardec referiu-se ao Espiritismo como algo que extrapola a ciência e que, tanto quanto relativamente à religião, não caberia nas lindes do seu enquadramento. Várias vezes falou em ciência e Espiritismo como realidades distintas que se deviam complementar:

"O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente; a Ciência sem o Espiritismo se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos, só pelas leis da matéria; ao Es-



A idéia do Espiritismo como uma síntese cultural, esboçada na Codificação, foi retomada por Leon Denis. (Mais tarde por Herculano Pires.)

piritismo sem a Ciência, faltaria apoio e comprovação"¹⁰.

Ora, se a Ciência e o Espiritismo **se completam**, um não pode ser exatamente a definição do outro. São, isto sim, idéias que se ajustam, tanto quanto **Religião e Ciência, Espiritismo e Religião, Doutrina Filosófica e Ciência, Doutrina Filosófica e Religião, etc.**

Usando com freqüência essas expressões, Kardec debatia-se frente às dificuldades que a pobreza de símbolos vocabulares lhe impunham para definir a doutrina que estava a codificar. Se é verdade que uma idéia nova exige a criação de uma palavra nova para designá-la, verdade é também que para defini-la se há sempre de empregar códigos já existentes, sob pena de se fazer impossível sua descodificação.

A IDÉIA DE SÍNTESE

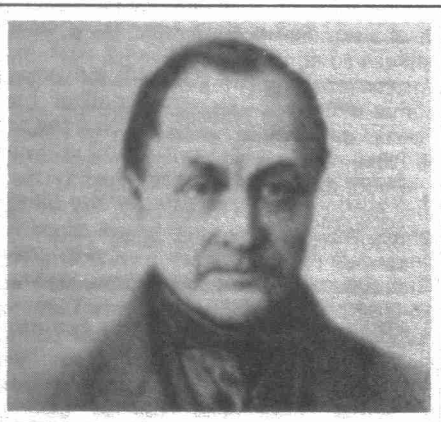
Espírito atilado, perscrutador, irrequieto, o Mestre lionez caracterizou toda sua vida pela incontida ânsia e pelo intenso dinamismo na **busca da verdade**.

A aquisição do conhecimento, como o dissera o Cristo, é o elemento propiciador da libertação do Espírito.

Kardec sentiu, desde cedo, que o Espiritismo, como síntese grandiosa de todo o esforço do homem na busca da verdade, estava fadado a ser doutrina integral, capaz de unir a todos, na medida em que todos se dispusessem a se despir das "verdades particulares" criadas por suas instituições. E, antevendo o futuro da novel doutrina, deixou inscrita na mensagem "A Regeneração da Humanidade" a seguinte previsão:

"A nova era o verá pois crescer e prosperar pela força das coisas. Tornar-se-á a base de todas as crenças, o ponto de apoio de todas as instituições"¹¹.

Essa idéia de **síntese** parece estar contida na expressão **religião no sentido filosófico**, mediante a qual o



No tempo de Kardec a reação às distorções religiosas gerava a ascensão de doutrinas racionalistas, como o Positivismo de Augusto Comte.

codificador, numa oportunidade, em discurso já referido neste artigo (Revista Espírita, dezembro de 1868) buscou classificar o Espiritismo.

Entendendo-se filosofia tal concebeu Pitágoras, como "amor da sabedoria", e que deu origem ao axioma "o pensamento debruçado sobre si mesmo", referendado por J. Herculano Pires¹², e, unindo-se esse conceito de filosofia ao de religião em sentido superior, vamos encontrar a crença religiosa qualificada por Kardec como "invulnerável" na medida em que for capaz de colocar seus dogmas "em harmonia com o progresso".¹³

Essa é a religião dinâmica. Religião em **sentido filosófico** porque não dispensa o crivo da razão, do conhecimento; divorciada de fórmulas e símbolos, porque elaborada pelo próprio pensamento **debruçado sobre si mesmo**.

Léon Denis, o fecundo pensador espírita, que, melhor do que ninguém, apreendeu o caráter filosófico do Espiritismo e aprofundou seu aspecto moral, difundiu acerca da religião essa imagem racional e filosófica:

A RELIGIÃO DEPURADA

"A religião é necessária e indes-

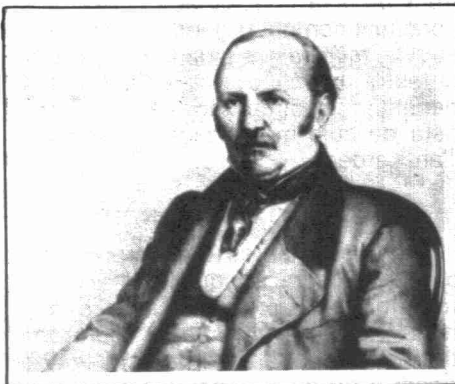
"O Espiritismo transcende classificações estanques porque propõe uma grande síntese cultural".

trutível porque se baseia na própria natureza do ser humano, do qual ela resume e exprime as aspirações elevadas. É, igualmente, a expressão das leis eternas e, sob esse ponto de vista, **tende a confundir-se com a filosofia**, fazendo com que esta passe do domínio da teoria ao da execução, tornando-se vivaz e ativa" (grifo nosso).¹⁴

Este parece ser o conceito de religião a subsistir no tempo. Confundindo-se com filosofia e conduzindo à **fé raciocinada**, sinônimo de sabedoria, há de compor a síntese sonhada por Kardec e descrita poeticamente por Denis:

"Dia virá em que todos os pequenos sistemas, acanhados e envelhecidos, fundir-se-ão numa vasta síntese, abrangendo todos os reinos da idéia. Ciência, filosofias, religiões, divididas hoje, reunir-se-ão na luz e será então a vida, o esplendor do espírito, o reinado do conhecimento."¹⁵

A visualização do Espiritismo em aspecto tríplice (Ciência, Filosofia e Religião), conforme formulação de eminentes pensadores, encarnados ou não, como Emmanuel, J. Herculano Pires, Bezerra de Menezes, Carlos Im-



Kardec preferia não chamar o Espiritismo religião para evitar confusões com a Igreja do seu tempo. Mas tinha já abertura para um conceito mais elevado de religião.

bassy e tantos outros, é, parece, uma teoria perfeitamente adequada a essa idéia de síntese, entendendo-se aquelas três vias do aprimoramento humano como esforços ainda dispersos e cheios de imperfeições, rumando, contudo, à unidade.

DOUTRINA DO FUTURO

Tal formulação, vistos aqueles três componentes no seu atual estágio, ainda bastante divorciados das verdades cognoscíveis, parece apequenar o Espiritismo. A proposta, porém, merece ser analisada com os olhos postos mais adiante. "A nossa Doutrina — diz Herculano — não é uma realidade entranhada nas estruturas atuais. É um arquétipo carregado de futuro, um vir-a-ser que se projeta precisamente no que ainda não é, na rota das aspirações em demanda".¹⁶ Daí ter o culto filósofo espírita paulista classificado o Espiritismo como "uma síntese dos esforços humanos para a compreensão do mundo e da vida".¹⁷ Trata-se de uma realidade projetada para o futuro. Componentes dessa realidade dinâmica, ciência, filosofia e religião estão se depurando, pouco a pouco, abrindo caminhos para o seu advento pleno. O espírita, capaz de compreender o processo evolutivo do homem, há que se despir do preconceito eventualmente criado contra qualquer dessas três manifestações da inteligência humana. Todas elas percorreram, e percorrem ainda, caminhos eivados de desvios relativamente a suas verdadeiras metas. Entretanto, o Espiritismo, como verdadeira síntese dos esforços de cientistas, filósofos, crentes e de todo homem de boa vontade, há de ser a força capaz das retificações devidas. Há na coletânea de escritos que se constituíram nas "Obras Póstumas" de Kardec mensagem eloquente sob o título de "Futuro do Espiritismo", atestando essa grandiosa missão da nova doutrina a qual "retificará os erros da História, restaurará a religião do Cristo,


que nas mãos dos clérigos se transformou em comércio vil; instituirá a verdadeira religião, a religião natural, a que parte do coração e vai direto a Deus, sem se deter às abas de uma sotaina ou nos degraus de um altar".¹⁸

O próprio Kardec, dissertando a respeito de "o sobrenatural e as religiões", afirma que "O Espiritismo considera de um ponto mais elevado a religião cristã" e vaticina que o conhecimento das leis naturais, redefinindo o conceito de "milagre", antes de decretar o fim da religião, fará com que os homens sejam "verdadeiramente religiosos, racionalmente religiosos, sobretudo; muito mais do que acreditando em pedras que suam sangue, ou em estátuas que piscam os olhos e derramam lágrimas".¹⁹ Quem inseriu isso em sua obra, certamente tinha da religião uma visão verdadeiramente superior, integrada nessa grandiosa **síntese**. É a **futura fé** que, segundo Leon Denis, "já emerge dentre as sombras" como "a crença universal das almas, a que reina em todas as sociedades adiantadas do espaço, e mediante a qual cessará o antagonismo que separa a ciência atual da religião. Porque, com ela, a ciência tornar-se-á religiosa, e a religião se há de tornar científica."²⁰

Milton Rubens Medran Moreira

Bibliografia:

1. KARDEC, Allan. *O Céu e o Inferno*. FEB, Ed. 21ª., pág. 18.
2. —. *Revista Espírita 1859*. Edicel, pág. 148.
3. —. *Obras Póstumas*. LAKE, Ed. 2ª., pág. 212.
4. —. *Revista Espírita 1868*. Edicel, pág. 357.
5. —. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. FEB, Ed. 33ª., pág. 60.
6. —. *O Livro dos Espíritos* ("Conclusão", item V).
7. —. *Revista Espírita 1861*. Edicel, pág. 317.
8. —. *Revista Espírita, 1863*. Edicel, pág. 378.
9. —. *Revista Espírita 1858*. Edicel, pág. 3.
10. —. *A Gênese*. FEB, Ed. 26ª., pág. 21.
11. —. *Obras Póstumas*. LAKE, Ed. 2ª., pág. 272.
12. PIRES, J. Herculano. *Introdução à Filosofia Espírita*. Paidéia, Ed. 2ª., pág. 13.
13. KARDEC, Allan. *Revista Espírita 1864*. Edicel, pág. 203.
14. DENIS, Léon. *Depois da morte*. FEB, Ed. 12ª., pág. 25.
15. —. *O problema do ser, do destino e da dor*. FEB, Ed. 12ª., pág. 29.
16. PIRES, J. Herculano. *Ciência Espírita*. Paidéia, Ed. 2ª., pág. 13.
17. —. *O Espiritismo e o Tempo*. Cultural Espírita, Ed. 4ª., pág. 12.
18. KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. LAKE, Ed. 2ª., pág. 249.
19. —. *A Gênese*. FEB, Ed. 26ª., págs. 270 e 272.
20. DENIS, Léon. *Cristianismo e Espiritismo*. FEB, Ed. 7ª., pág. 14.



Jorge Luiz dos Santos aponta a importância da experiência religiosa humana, baseado principalmente em Jung. Mas também denuncia desvios do Movimento Espírita nesse setor.

A emoção religiosa

Notamos que muitos companheiros, preocupados com o misticismo excessivo que vemos no nosso movimento, e nitidamente identificados com determinadas correntes ideológicas minimizadoras da experiência religiosa, afirmam que os espíritas estão se prendendo a um arcaísmo cultural, já que a religião caducou há muito tempo, fazendo-se necessária uma "atualização", uma "modernização" do movimento espírita. Julgamos que não passa por aí a solução do problema. O contato com muitos pensadores contemporâneos, principalmente com o grande Carl Gustav Jung, nos tem demonstrado que o conteúdo psicológico e social do fenômeno religioso é ainda válido e importante para o homem moderno. Porque o é para o homem de todos os tempos, porque tem a ver com a natureza humana essencial. E demonstra, também, que o progresso científico só tem confirmado a inequívoca visão favorável à religião que encontramos na Codificação.

IDÉIAS "NOVAS"

Até entendemos muito bem o tipo de

sedução que uma certa vertente do pensamento contemporâneo exerce. Falamos de Marx, de Freud, etc. Nós mesmos, na vida universitária, nos apaixonamos sucessivamente por idéias "novas", as quais, com o tempo, porém, mostraram-se, se não contraditórias, pelo menos incompletas, sendo substituídas por outras. Há, no mundo cultural, uma verdadeira batalha ideológica, e as conclusões "lógicas" e "científicas" são sempre puxadas pelas opiniões pessoais e, às vezes, por interesses sorrateiros. Sinal desta época de efervescência cultural, de uma pesquisa insaciável e de uma certa desestruturação filosófica. Tempo em que o velho Sócrates, com seu excessivo idealismo, confronta-se com Marx e seu extremado materialismo. Os anos nos têm ensinado, contudo, a ver cada "escola" como uma faceta da verdade, um tijolo de uma enorme construção.

Por exemplo, na Psicologia, Freud foi nossa primeira grande paixão. Mas veio Jung e mostrou que o mestre vienense deixou de ver um mundo enorme de fatos da realidade humana. Nós, que chegáramos

O astrônomo vê no universo um símbolo da Grande Ordem. Uma autêntica manifestação de religiosidade, que independe de seitas e ideologias.

a julgar a sexualidade a mola mestra do funcionamento anímico, com base nesses novos estudos acabamos por considerá-la apenas uma das manifestações da energética psíquica, que inclui também o impulso de transcendência, tão ligado à experiência religiosa. E observamos que a Psicologia não se limitava a falar da religião como "neuróse obsessiva da humanidade", mas apontava a realidade psicológica da *Imago Dei* (imagem de Deus) nos interiores profundos da alma. Outros setores do conhecimento contribuíram também para mudar nossa rígida crítica do aspecto místico da personalidade humana, nosso ceticismo em relação ao "valor religioso", como por exemplo a Nova Antropologia, que proveu ser a religião fenômeno vital para a estruturação das sociedades.

O NUMINOSO

Final compreendemos, principalmente

graças a Jung, que o chamado *numinoso*, o sagrado, aquilo que "amedronta e fascina", na conceituação de Rudolf Otto, faz parte do funcionamento do psiquismo humano, sendo uma das bases da integração do inconsciente com a consciência, ou seja, do processo de individuação.

Entendemos a diferença entre o "símbolo" e o "signo". O primeiro é vivo, manifestação do psiquismo de profundidade ao emergir no psiquismo de superfície, sempre carregando consigo uma emoção, manifestando-a, já que é seu instrumento. Os signos são apenas imagens exteriores, que não traduzem emoções, nem as despertam.

Compreendemos que os símbolos religiosos, não os signos, revestem-se de um poder todo especial sobre nós, seres humanos, e que as idéias de imortalidade, de palingenesia, de aperfeiçoamento progressivo da humanidade despertam-nos emoções e símbolos "numinosos" que devem ser sentidos e compreendidos, para

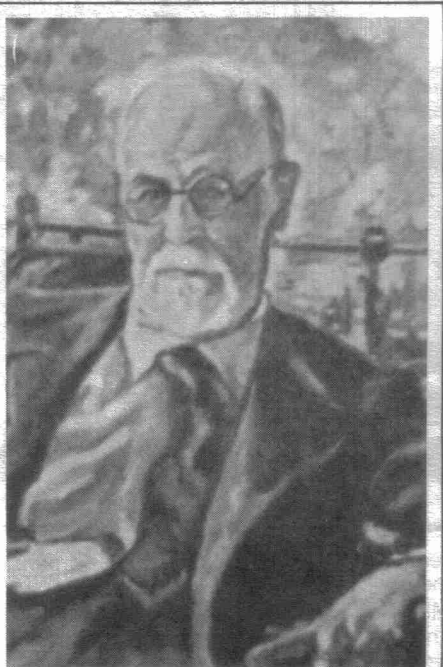
As idéias de imortalidade, palingenesia, aperfeiçoamento, despertam emoções que devem ser sentidas e compreendidas, para nos enriquecer a alma e a existência.

nos mostrarem seu significado na existência e contagiarem a alma com o seu "valor". Mesmo eles, porém, podem se tornar dominadores, quando o indivíduo não usa a razão adequadamente, levando o ser humano ao fanatismo e à alienação. Mas se reprimidas, estas energias emocionais causam neurose ou se projetam em outras coisas que não a transcendência. Sexo, poder, a utopia de uma sociedade totalmente igualitária, homens, objetos poderão ser os novos deuses. Mas precisamos mais ainda o conceito de religiosidade que defendemos. Transcende os claustrofóbicos limites dos cultos.

EMOÇÃO RELIGIOSA

É o astrônomo estudando o infinito, e sentindo aquela mesma paixão, o mesmo fascínio que o homem das cavernas experimentava ao contemplar a abóboda celeste, agora, porém, em outro nível, vencendo o temor pelo compreender. O valor "numinoso" do Cosmos, como um símbolo da Grande Ordem, fica estampado diante de seus olhos nas lentes dos observatórios e nas telas de sua sofisticada aparelhagem. Pura emoção religiosa, oriunda da atividade científica. De que Einstein, em sua reverência a Deus, deu exemplo.

É o humanista, também, observando a tragédia da sucessão das civilizações, e percebendo, no encadeamento dos ciclos civilizatórios, na penosa edificação das culturas humanas, o símbolo do progresso universal, vivo na escalada das sociedades, acima do aparente caos dos momentos históricos. Ele religiosamente, digamos, emociona-se.



Uma posição excessivamente racionalista, como a que é moda desde o iluminismo de Diderot, com continuidade na psicanálise de Freud, pode ser minimizadora da experiência humana.

É ainda o "homem comum" — usando a expressão sem cunho depreciativo —, sensível, emocionando-se nos momentos em que percebe a coerência da sua própria existência, tão cheia de incoerências aparentes.

Ou ainda o artista sincero, que, focando no mundo de sua sensibilidade, de forma religiosa, cria.

É, afinal, o próprio espírita, sendo tocado pelo sentido profundo de um fenômeno psíquico, desentranhando o símbolo de imortalidade de que se reveste, por exemplo, uma comunicação mediúnica.

Isso tudo é sentimento religioso, que

independe de seitas e ideologias e que leva o homem à percepção mais dilatada da divindade e impulsiona, como uma paixão, as criaturas ao cumprimento de seus deveres no mundo. Um "zelo religioso", independente de normas e tabus convenções pelas sociedades.

EXTREMISMOS

Uma posição excessivamente racionalista, tão antiga quanto a Revolução Francesa, tende a ver essas manifestações da alma como "coisas primitivas", dando à idéia de primitivo não o cunho de original, mas de ultrapassado. São os que se tornam insensíveis aos símbolos de transcendência. Que sentem em tudo apenas fenômenos estanques, sem deles destilar o "valor". Essa posição é unilateral e inadequada, porque traz o vazio para existência humana, ao negar a emoção dos símbolos de transcendência. É o reducionismo de Freud, Marx e alguns existencialistas.

Também unilateral e inadequada, no entanto, é a postura dos que, no outro extremo, se afogam em misticismo, sem lucidez sobre a realidade do mundo, fechados no espírito atávico de seita, em padrões retrógrados de perceber a vida e a conduta humana. Esses são "religiosos" mas não perceberam ainda a "Religião" da vida, na qual o Criador está presente e ligado desde sempre ao homem, ao fazer humano. E esse, ao nosso ver, é o único sentido da Religião Espírita que podemos extrair do pensamento kardequiano, é aquela "religião no sentido filosófico" de que falava o Codificador no famoso "Dis-

O sentimento religioso, independente de seitas, dilata a percepção da Divindade e impulsiona as criaturas, como uma paixão, ao cumprimento dos seus deveres.

curso de Abertura" da Revista Espírita de dezembro de 1868.

MOVIMENTO ESPÍRITA

Mas, quando voltamos os olhos para o Movimento Espírita, percebemos que ele pouco se parece com um fruto da Doutrina. O entendimento da religião é no seu mais vulgar e pior sentido. Parece-nos, em alguns momentos, que estamos diante daquela novela, lembram-se, Roque Sant'ei, observando "Mocinhas" e "Pombinhas". Um comportamento igrejeiro, com gestos, rituais e comportamento moral hipócrita. Lavagens cerebrais sobre mentes juvenis à custa do medo e de uma pretendida pureza de coração que não considera as realidades espirituais dos indivíduos. Vemos o "guismo". Ouvimos bajulações a médiuns, tidos por "santos", cujas palavras se tornaram incontestáveis. E sentimos o quanto, de fato, este movimento distanciou-se de Kardec e de sua "religião no sentido filosófico", que para nós significa síntese de fé e razão.

Tomados de um furor místico, do-

minados por impulsos passionais místicos, ao invés de os haver iluminado com a razão, os espíritas julgam-se os guardiães da verdade, os profítentes da "Religião de Deus". O Movimento Espírita fechou-se em si mesmo e o objetivo de seu discurso tornou-se a criação de novos seguidores e não a educação das criaturas no mundo para se tornarem homens de bem.

A linguagem estratificou-se em um palavreado com ranços bíblicos e, enquanto a ciência aproxima-se do Espiritismo, o Movimento Espírita afasta-se da ciência e da verdadeira filosofia, tendendo a constituir mais um dos tantos grupos religiosos fanáticos e extremistas.

JESUS

Kardec não quis fazer do Espiritismo uma filosofia chã, mas também não uma religião de místicos, dominados por impulsos "numinosos" que confundem a realidade com as projeções que eles mesmos têm dela. Dizer, por exemplo, que Jesus foi homem, não significa tirar de sua men-

O Movimento Espírita fechou-se em si mesmo e o seu objetivo tornou-se a criação de novos seguidores e não a educação das criaturas no mundo para o bem.

sagem sua riqueza simbólica, ou barrar a emoção de nos defrontarmos com esse "arquétipo da Humanidade", segundo a expressão usada pelos espíritos, percebendo mais amplamente a grandiosidade *exequível* da condição humana.

Mas, ao invés disso, voltamos a ver Jesus como o deus encarnado das antigas seitas, fazendo ladainhas em seu nome, atemorizando-nos com o seu poder feito crianças assustadas diante do vingador dos céus, o "Rei do Mundo". Estamos, então, "dominados" pelos símbolos inconscientes, somos "místicos". Isto é inoportuno e ridículo.

Mas o problema, repetimos, não será solucionado com a negação radical, falsamente "moderna", da religiosidade na vida, cuja importância foi reconhecida por Kardec e por estudiosos contemporâneos. A difícil tarefa está em iluminar os impulsos místicos, perceber o seu conteúdo, entender o seu significado, sem nos deixar dominar por eles. Então, enriquecidos com sua carga emocional, aprender a realidade através da razão.

Urge esse amadurecimento. Pois cremos que o Movimento Espírita falhará em sua tarefa se edificar uma nova Igreja, estanque em suas normas comportamentais e seus posicionamentos não justificados pelas novas pesquisas. Poderá congregar milhões de pessoas sob a denominação "Religião Espírita", mas será apenas mais um sistema de dominação sobre a ignorância das massas, e não uma ponte para a realização dos seres humanos, como indivíduos.

Jorge Luiz dos Santos

O "caminho" religioso e o Materialismo

Antonio Carlos Fraquelli lança a tese de que o grande confronto ideológico do nosso tempo será entre o Espiritismo e o Materialismo. Mas, para a ótica do adversário, a Doutrina não escapará de ser enquadrada como religião.

1. INTRODUÇÃO

Todo o grupo que cresce passa a enfrentar uma nova realidade e, conseqüentemente, está sujeito a desafios que até então passaram despercebidos dos seus participantes. O Espiritismo tem crescido consideravelmente no Brasil e isso faz com que novas questões passem a ocupar a atenção dos dirigentes do movimento. Entre os temas que têm exercido certo fascínio aos escritores espíritas destaca-se a questão de identificar a doutrina como religião e/ou filosofia.

Trata-se de um tema antigo, eis que o próprio Kardec manifestou-se a respeito no século passado. A polêmica, todavia, criou-se em período mais recente. Com a expansão do Kardecismo no território nacional, a controvérsia chegou até aos seus novos adeptos cuja dificuldade em assimilar o fato tornou-se evidente. Realmente não é difícil imaginar alguém se "convertendo" a um complexo de ensinamentos, que sempre imaginou fosse religioso e, ao iniciar a sistematização do estudo, receber, sem a devida preparação, a informação que tal doutrina não pertence à esfera religiosa.

Este artigo visa a introduzir o leitor a tão importante tema. Não tem a pretensão de fazer uma revisão da literatura existente. Também não busca defender a crença de que o Espiritismo é uma filosofia, eis que não resta qualquer dúvida nesse sentido. O que se procura analisar é a possível ótica religiosa que se possa identificar nos conhecimentos legados pelos espíritos, através da obra da Codificação. Mais precisamente, busca-se discutir a posição de Kardec, no que se refere a sua opinião pessoal frente ao assunto.

Inicialmente, procura-se estabelecer um conceito para religião. Posteriormente, analisa-se a posição de Kardec. Dessa análise emerge a figura do adversário do Espiritismo: o materialismo. Conclui-se este artigo centrando o objeto de estudo na forma



Divindade budista. A adoração a ídolos faz parte do conceito difundido de religião.

como o materialismo encara a religião, e por extensão, o Espiritismo se o considerarmos como tal.

2. O QUE É UMA RELIGIÃO?

Quando se busca uma definição para religião em um dicionário enciclopédico, encontra-se o seguinte conceito: conjunto de pensamentos, atos e sentimentos que estabelecem a relação entre o homem e Deus. Doutrina ou Sistema de princípios que regulam a subordinação da criatura ao criador¹. Ou, ainda, "reconhece-se a existência de uma religião sempre que alguma sociedade manifesta, entre as suas expressões culturais um corpo organizado de crenças que ultrapassam a realidade da ordem natural"². Talvez, um outro conceito: "religião é um sistema organizado de crenças, cerimônias, práticas e cultos que se centraliza em um deus supremo ou em uma divindade"³.

A Enciclopédia Britânica conceitua religião como a relação do homem com aquilo que ele considera sagrado.

Nesse conceito coloca-se o homem em um extremo, e o sagrado no outro. Entre os dois, homem e sagrado, está a relação, que é a Religião. Há, pois, três componentes nessa conceituação: 1) o homem; 2) o sagrado; 3) a relação. O **homem** seria o espírito sujeito a diversos graus de adiantamento. É o princípio inteligente do universo, cujo atributo essencial é a inteligência. É um dos elementos gerais do universo. O **sagrado**, segundo a mesma fonte⁴, "não necessita ser visto como sobrenatural, muito menos como pessoal; e se a palavra deus é definida em termos pessoais ou sobrenaturais, segue-se que a Religião inclui muito mais que a relação com Deus ou com um deus".

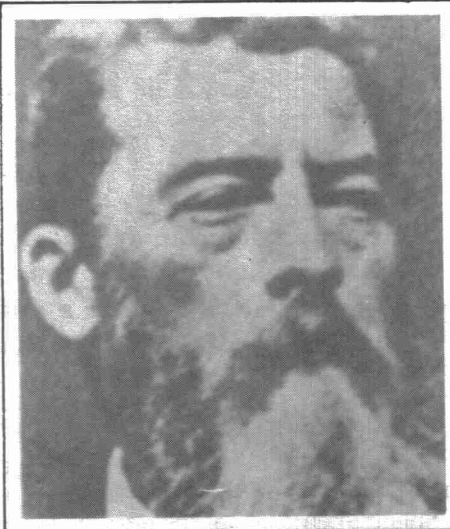
Na verdade, o sagrado constitui-se de alguns entre os seguintes elementos: rituais, fórmulas para serem recitadas, relatos para serem narrados, objetos para manipulação, locais para freqüentar ou evitar, dias santos para observar, fenômenos naturais pelos quais se prevê o futuro. Líderes carismáticos a seguir, verdades a afirmar, uma literatura a considerar e preceitos a obedecer. O sagrado, como categoria de análise, foi introduzido em 1917, por Rudolf Otto, como uma possibilidade universal. Juntamente com a dependência do homem de poderes supramundanos, o sagrado constitui uma característica comum a todas as religiões.

Finalmente, a **relação**, constitui a Religião. Ela é reconhecida sempre que "alguma sociedade manifesta, entre as suas expressões culturais, um corpo organizado de crenças que ultrapassam a realidade da ordem natural"⁵. Ser religioso consiste em estar relacionado a um ou mais dos elementos identificados anteriormente. A forma mais geral de se relacionar a esses elementos consiste no ato da adoração.

TOYMBEE⁶, ao fazer um estudo das religiões, que foram praticadas em tempos e lugares diversos, conclui que elas se reduzem às variações da adoração do homem à natureza, ao próprio homem e à uma realidade absoluta, que não é a natureza, nem o homem, mas que está neles e, ao mesmo tempo, além deles.

A noção de adoração é encontrada no *Livro dos Espíritos*, por ocasião do estudo das Leis Morais. Daí porque, dada a ótica exposta por TOYMBEE, o enquadramento da Doutrina Espírita como religião seria uma decorrência direta da utilização pela Doutrina da Lei da Adoração.

Na verdade, conforme pode ser



Feuerbach no Materialismo Filosófico iniciou uma crítica a religião que enquadra o Espiritismo até hoje.

encontrado na obra *Religião e Cristianismo*⁷. "quem procura, nos grandes dicionários teológicos, uma definição de religião, se sente logo desanimado. A definição do conceito e da essência da Religião é um problema praticamente insolúvel".

Estabelecidas estas considerações preliminares em todo conceito de Religião, é necessário discutir, a partir de agora, as manifestações do Codificador quanto à controvérsia.

3. O ESPIRITISMO NÃO É RELIGIÃO: A VISÃO DE KARDEC

Em discurso pronunciado em novembro de 1868, ao afirmar que o Espiritismo não era uma religião, Kardec fundamentava o seu ponto de vista no fato de que a palavra religião era inseparável da de culto. Dizia, Kardec, naquela ocasião, que "se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria aí senão uma nova edição, uma variante, se se quisesse, dos princípios absolutos em matéria de fé: uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e privilégios; não os separaria das idéias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes se levantou a opinião pública".

Em *Obras Póstumas* pode-se confirmar, mais uma vez, que a preocupação do Codificador era com a associação que o público, em geral, faria entre o conceito de religião e o emprego de ritos e templos e a participação de sacerdotes e papas.

Kardec ia mais além. Ele considerava⁸ utopia qualquer busca de uma padronização da Doutrina no que se refere a sua forma. Seria absurdo pensar que todos os espíritas estivessem sujeitos a um regime uniforme. Haveria

princípios comuns, porém, a aplicação, variaria conforme o país onde o espírita se encontrasse.

Outro prisma analisado para fundamentar a opinião de que o Espiritismo não era religião, dizia respeito à independência da Doutrina às questões dogmáticas. Ao admitir a fé raciocinada dava-se as costas à ótica vigente, à época da publicação de *O que é o Espiritismo?*

Na *Refutação a L'Univers*, em maio de 1859, já havia todo um direcionamento para apresentar a Doutrina no âmbito das categorias científicas. O objetivo⁹ da Sociedade Parisiense consistia em "estudar e aprofundar os fenômenos resultantes das relações entre o mundo visível e invisível". Ao estabelecer essa meta,

Kardec afastou o Espiritismo do conceito de religião para não ser confundido com os cultos.

pretendia Kardec demonstrar que não era ateu mas, acima de tudo, enfatizar que não estava a Sociedade buscando adeptos para alguma religião.

Todavia, se fosse necessário aproximar a doutrina moral legada pelos Espíritos à Religião, Kardec raciocinava em termos genéricos, ou seja, os sentimentos religiosos se aplicavam a todas, sem exceções. A *Resposta à Mensagem de Ano Novo*, divulgada na *Revista Espírita* de fevereiro de 1862 documenta esse posicionamento.

Enfim, conclui-se, com relativa facilidade, que o Codificador centralizava as suas observações no que foi identificado, na seção anterior deste artigo, com os elementos de uma religião. E, aí, não há dúvidas que Kardec afastava o Espiritismo do conceito de religião, para que o mesmo não fosse confundido com os cultos exteriores tão em moda ao longo de toda a história da humanidade.

4. O ESPIRITISMO É UMA RELIGIÃO: A ÓTICA MATERIALISTA VISTA POR KARDEC

Quando se elabora uma revisão das manifestações do Codificador quanto à controvérsia que é o objeto deste ensaio, observa-se que, a todo o momento, ele mantém uma porta aberta a uma segunda interpretação do mesmo assunto.

Veja-se, por exemplo, o seguinte texto extraído do discurso de abertura citado anteriormente:

"Se assim é, perguntarão, então o Espiritismo é uma religião? Ora, sim, sem dúvida, senhores. **No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião**, e nós nos glorificamos por isto, porque é a doutrina que funda os elos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as mesmas leis da natureza" (grifo nosso).

A segunda interpretação a que Kardec se refere pode ser detectada, também, neste trecho da **Resposta à**

O Codificador deixou uma porta aberta para uma segunda interpretação do mesmo assunto.

Réplica do Abade Chesnel¹⁰: "Se, entretanto, a quisesdes elevar a todo custo ao plano de uma religião, vós o atirais num **caminho novo**" (grifo nosso). Que caminho novo era esse? Ora, na introdução da obra "O Que é o Espiritismo" ele vai identificar esse **novo acesso¹¹** — o enfoque religioso — ao afirmar: "Qual é o maior inimigo da Religião? o Materialismo, pois este em nada crê. Ora, o Espiritismo é a negação do materialismo, o qual não tem mais razão de ser. Não é mais pelo raciocínio ou pela fé cega que se diz ao materialista que nem tudo acaba com o seu corpo, e sim pelos fatos; ele a mostra, fá-lo tocar com o dedo e ver com os olhos. Eis porque, sem ser em si mesmo uma Religião, o **Espiritismo está ligado essencialmente às idéias religiosas**. Ele as desenvolve naqueles que não as possuem, fortifica-as naqueles em que estão incertas. **A Religião nele encontra, um apoio** não para as pessoas de vistas estreitas, que a vêem toda na doutrina do fogo eterno, na letra mais que no espírito, mas para aquelas que a vêem segundo a grandeza e a majestade de Deus" (grifos nossos).

Das reproduções dos textos desta seção verifica-se que Kardec, ao mesmo tempo em que considerava que o **Espiritismo não era religião — no sentido de cultos** e manifestações externas — assentava as suas bases no próprio Cristianismo e, ao ser inimigo do materialismo, **podia ser considerado religião — no sentido filosófico**.

Por que isto? Porque, em outubro

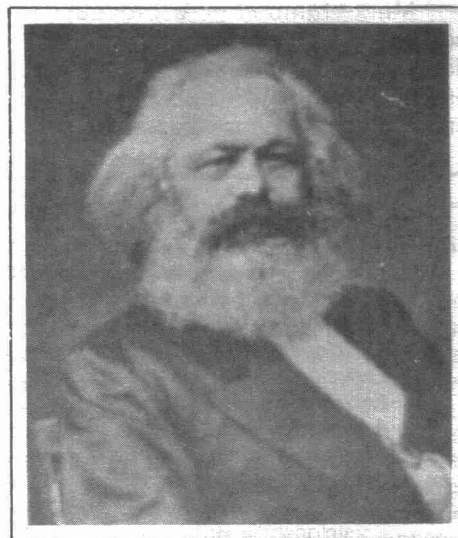
de 1861, ao colocar a Doutrina como a simples aplicação¹² do Evangelho, visava, o Sr. Allan Kardec, identificar o conflito que haveria de existir entre Materialismo e Espiritismo. E aqui surge a questão chave, qual seja a de que embora no sentido de culto a Doutrina não fosse religiosa, no confronto com o Materialismo, caberia a este último considerar ou não o Espiritismo como religião. Altera-se, pois, o quadro de referência. O que vale saber é se o Materialismo considera o Espiritismo uma religião?

5. O MATERIALISMO

A ótica materialista encontra na matéria e em suas propriedades a explicação universal e última das coisas. Qualquer realidade que se observe é de caráter material ou corporal. Nesse sentido, ela é o fundamento da realidade e a causa da sua transformação.

No sentido filosófico, a matéria, juntamente com a idéia, está entre as noções mais gerais que se tenha conhecimento. Essa distinção entre os dois princípios fundamentais deve-se a Descartes que no século XVII tratou de explicar a questão.

De forma sucinta, pode-se indagar qual o princípio que explica o outro. Na resposta, pode-se acompanhar as opiniões de BESSE e CAVEING¹³ que a encontraram no



Marx, com sua crítica social, tornou tão ideológica a crítica religiosa que, no plano filosófico, o Espiritismo não escapa de ser visto como religião pelos marxistas.

Materialismo Filosófico, onde a matéria é eterna, infinita e primeira e o espírito (pensamento, consciência) deriva dela, ou no **Idealismo Filosófico**, em que o espírito é eterno, infinito, e primeiro e a matéria deriva dele. Ao se

posicionarem de acordo com a primeira ótica os autores estão adotando, implicitamente, as três características do materialismo, quais sejam: 1) o mundo é por natureza material; 2) a matéria é o dado primário e a consciência, um dado derivado; 3) o mundo e suas leis são perfeitamente conhecíveis.

FROMM¹⁴ define o Materialismo, na terminologia filosófica, como a opinião segundo a qual a matéria em movimento é o elemento constitutivo fundamental do universo". O Materialismo é tão antigo quanto a própria filosofia. Já no século IV A.C., pode-se encontrar Demócrito, em pleno período naturalista do pensamento clássico, dividindo o ser de Parmênides em uma infinidade de corpúsculos simples e homogêneos (átomos), separados pelo espaço vazio. Posteriormente, já no século XVII, o Materialismo recebe novo impulso com Hobbes e, nos séculos seguintes, novos expoentes vão complementando essa ótica que tantos aceitam na atualidade.

Do Materialismo Filosófico, em que se estabelece, com Feuerbach, a crítica religiosa, chega-se ao Materialismo Histórico, em que Marx passa à crítica social. É aí que se analisa a questão da Religião. Segundo HAINCHELM¹⁵, a "religião é um reflexo particular, fantástico e falso da consciência social, das relações dos homens entre si com a natureza, porque os homens, tanto na sociedade primitiva quanto nas sociedades divididas em classe estão sob domínio de forças que lhe são exteriores, que eles não conhecem e não podem dominar, controlar e pelas quais eles experimentam, em consequência, um temor misterioso, a partir do qual, diz o poeta, engendrar-se-iam os deuses".

MARX¹⁶ considerava a religião o "suspiro da criatura acobrunhada pela infelicidade, a alma de um mundo sem coração, assim como é o espírito de uma época sem espírito". Em outra oportunidade, o mesmo Marx considerava a religião como o reflexo fantástico do cérebro humano dos poderes exteriores que dominam a sua existência cotidiana. Os poderes terrestres assumem a forma de poderes supraterrrestres". Ou, ainda, quando jovem, MARX¹⁷ afirmava que a "religião é a consciência do homem que não se encontrou ou já se perdeu". Como se verifica na leitura desta seção, no enfoque materialista a religião é produto do cérebro humano. Todavia esse produto tem uma tarefa específica: fazer com que o real se

submeta ao sobrenatural. Se assim é a Religião, porque o materialista consideraria o Espiritismo uma religião?

6. POR QUE KARDEC IDENTIFICOU O ESPIRITISMO COMO RELIGIÃO AO REFERIR-SE AO MATERIALISMO

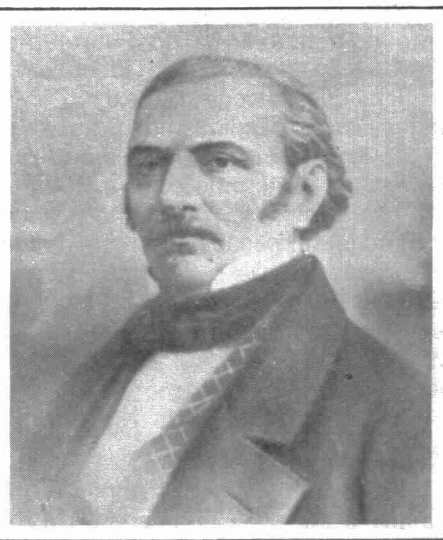
Depois de explicar que "o Espiritismo é uma religião" na ótica materialista vista por Kardec (seção 4) e em que consiste o materialismo (seção 5) pode haver, ainda, uma dúvida por parte do leitor, qual seja a de que o Codificador, ao identificar a Doutrina como religiosa, estivesse relacionando o seu posicionamento ao conflito perante o materialismo.

Como se chega a essa conclusão? Na seção 4, ao citar o discurso de abertura, constou que Kardec teria dito: "No sentido filosófico, *o Espiritismo é uma religião*, e nós nos glorificamos por isto, porque é a Doutrina que funda os elos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as mesmas leis da *natureza*." ("grifos nossos"). Na seção 5 ao descrever o Materialismo, colocou-se como primeira característica dessa corrente filosófica que: "o mundo é por *natureza* material." Ora, se ao identificar o Espiritismo como religião, complementa-se, a mesma frase, com uma observação lembrando o embasamento nas leis da natureza, isso leva a concluir que o alvo de crítica era o Materialismo, única e exclusivamente. Isso, porque o Materialismo se posicionava em sentido diametralmente contrário.

Não é para menos que ao iniciar a leitura do *Livro dos Espíritos*, obra básica da Codificação, o leitor encontrará, na Introdução, no primeiro parágrafo, ao tratar da clareza de linguagem, entre espiritualismo e Espiritismo, o seguinte posicionamento de Kardec: "Com efeito, o espiritualismo é *o oposto do materialismo*; quem crê haver em si outra coisa que a matéria é espiritualista.

7. O ESPIRITISMO COMO RELIGIÃO SEGUNDO O MATERIALISMO

Em o *Cristianismo Primitivo*, ENGELS¹⁸ analisa a contribuição que a consciência cristã trouxe para a História Universal. Há pontos notáveis de contato entre a história do Cristianismo primitivo e o movimento proletário moderno. Como religião dos escravos, o Cristianismo primitivo pregava o término imediato da escravidão e da miséria. Todavia, enquanto o Cristianismo levava a liberdade para o



Kardec teria vislumbrado que a possibilidade de o Espiritismo vir a ser considerado religião, no plano filosófico, tinha relação com a ótica materialista.

além, para o céu, o Socialismo a colocava neste mundo, mediante uma transformação da sociedade.

O Espiritismo explica a própria vida no além.

Na introdução a *Uma Crítica da Filosofia Hegeliana do Direito*, Marx escreveu que o "Homem faz a Religião, a Religião não faz o Homem". Entenda-se, nesta colocação, que o Homem cria Deus, não Deus cria o Homem.

O Espiritismo, ao analisar as causas primeiras, identifica Deus como a causa primeira.

Marx também escreveu: "O homem está no mundo dos homens, do Estado, da Sociedade. Este Estado, essa sociedade produzem Religião, produzem uma consciência deformada

do mundo, porque são um mundo deformado".

O Espiritismo apresenta uma consciência do mundo, distinta da ótica materialista.

Nessas três observações pode-se verificar que as críticas realizadas às religiões enquadram objetivamente a Doutrina Espírita.

Para o materialismo as religiões estão inseridas em uma teoria da ideologia que afirma que as idéias e a ideologia são determinadas pelos interesses e ações dos homens.

Nesse sentido, ao prometer o mundo no além, o Espiritismo, como as demais religiões, estaria tornando o homem passivo e o submetendo ao produto da sua própria criação: a existência de Deus.

8. CONCLUSÃO

A leitura deste artigo leva às seguintes conclusões:

1º) O Espiritismo é uma filosofia;

2º) Kardec não considerava a Doutrina como religiosa, no sentido de cultos e manifestações exteriores;

3º) Kardec admitia que o Espiritismo poderia ser considerado religião, quando se analisava o papel da Doutrina, em seu conflito com o Materialismo.

4º) Para os materialistas, no sentido filosófico o Espiritismo é religião;

5º) Para o Materialismo o indivíduo cria a figura de Deus e se submete ao resultado de sua própria criação mental.

Antônio Carlos Fraquelli

Bibliografia

1. MAGALHÃES, Alvaro. *Dicionário Enciclopédico Brasileiro*. 8ª ed., Porto Alegre, Globo, 1963.
2. *Enciclopédia Mirador*, São Paulo, Encyclopaedia Britannica do Brasil.
3. *Enciclopédia Delta Universal*. Rio de Janeiro, Delta, 1980.
4. *Encyclopaedia Britannica*. Chicago, William Benton, 1972.
5. *Enciclopédia Mirador*, São Paulo, Encyclopaedia Britannica do Brasil.
6. TOYMBEE, Arnold. *A Religião e a História*. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961.
7. Instituto de Teologia e Ciências Religiosas. *Religião e Cristianismo*. Porto Alegre, PUCRS, 1978.
8. *Obras Póstumas*. "Constituição do Espiritismo" 16ª LAKE, pág. 262.
9. *Revista Espírita* — Maio de 1959. "Refutação a L'Univers".
10. *Revista Espírita* — Julho de 1859.
11. "Resposta à Réplica do Abade Chesnel".
12. *O que é o Espiritismo?* in *Iniciação Espírita*, 9ª ed. Edicel.
13. *Revista Espírita* — outubro de 1861 — "Discurso do Sr. Allan Kardec".
14. BESSE, Guy e CAVEING, Maurice. *Princípios Fundamentais de Filosofia*. São Paulo, Hemus.
15. FROMM, Erich. *Conceito Marxista de Homem*. Rio, Zahar, 1979, página 15.
16. HAINCHELM, Charles. *As Origens da Religião*. São Paulo, Fulgor, 1963.
17. MARX, Karl. *Manuscrito econômico e filosófico*.
18. MARX, Karl. *Contribuição à crítica da filosofia do Direito de Hegel*, in HAINCHELM, Charles, *As Origens da Religião*.
19. ENGELS, Frederick. *O Cristianismo primitivo*. Rio, Laemmert, 1969.

A dimensão ética do Espiritismo

Cícero Marcos Teixeira analisa o conteúdo ético da Doutrina, baseado principalmente na obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*

O pensamento ético do Espiritismo tem por núcleo básico o ensinamento moral do Cristo, que se apóia na vivência consciente e integral da Lei de Deus que estabelece o Bem por eterno princípio e o "a cada um será dado segundo suas obras".

Reconhecendo a universalidade do ensinamento moral do Cristo, o Espiritismo, em sua dimensão ética, propõe a vivência de seus ensinamentos, como caminho de libertação e acesso à plenitude da consciência cósmica do ser.

REVISÃO CRISTÃ

A postura científica, filosófica e moral do Espiritismo se fundamenta na atitude racional, analítico-sintética, que leva ao desenvolvimento da fé raciocinada, a qual deve ser uma característica inconfundível do espírito em sua vida de relação.

O Espiritismo reconhece, pois, o determinismo da Lei Divina que estabelece o "amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo", intimamente relacionada com a "Lei de Causa e Efeito" que, por sua vez, define o princípio da responsabilidade pessoal e espiritual do ser humano, no uso do seu livre arbítrio.

Assim sendo, o ensinamento evangélico, "a cada um será dado segundo suas obras", representa uma síntese da Lei de Causa e Efeito que dispõe sobre a natureza cármica de cada indivíduo como, também, de cada grupo, raça, povo ou nação.

Deste modo, fica bem evidenciada a necessidade de uma interação harmônica entre determinismo e livre arbítrio na história evolutiva do espírito humano.

A perspectiva apresentada pelo Espiritismo é a de que o ser humano é arquiteto do seu próprio destino, sendo a felicidade uma construção decorrente da vivência plena da Lei Divina, "constrangendo-nos a transformar o mal de nossa autoria no bem que devemos realizar, porque o bem de todos é o seu eterno princípio" (*Evolução em Dois Mundos*, psicografado por Chico

Xavier, Edição FEB 7ª., pág. 23, grifo do autor).

NOVA ÉTICA

O Espiritismo contribui para o desenvolvimento de uma consciência ética universalista, livre de sectarismos e exotismos de qualquer espécie, escoimado de dogmas ou postulados impostos sem passar pelo crivo da razão e da lógica científica.

Pressupõe uma nova visão analítico-sintética, apoiada na observação e manifestação da existência e natureza do mundo espiritual e suas relações com o mundo físico ou corpóreo em bases naturais, não admitindo o sobrenatural para explicar seus princípios fundamentais.

O Espiritismo tem uma meto-

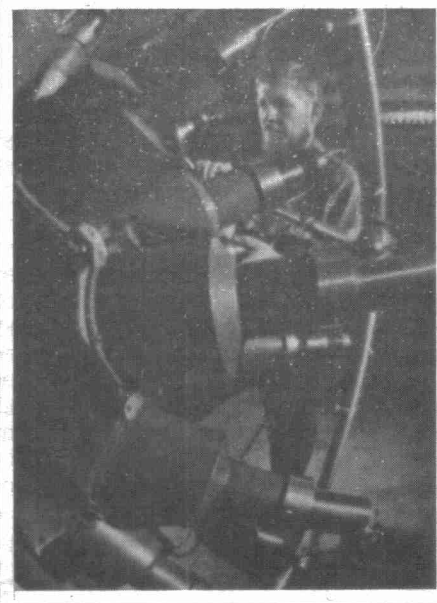
"Dando bases científicas à moral cristã, a Doutrina propõe uma ética adequada ao homem moderno"

dologia própria que evidencia a realidade extrafísica do mundo onde o homem desencarnado sobrevive noutras dimensões e níveis de consciência, cuja vida de relação interage com o mundo físico, através do fenômeno anímico-mediúnico.

As leis que regem o intercâmbio mediúnico são equacionadas pelo Espiritismo que propõe um modelo conceitual para explicar que a vida de relação entre encarnados e desencarnados transcende o tempo e o espaço.

Com isto, o Espiritismo estabelece um sistema conceitual de princípios que contribui para o conhecimento da natureza física e extrafísica do ser humano e do Universo, mantendo um diálogo construtivo entre Ciência e Religião.

Quando conceitua — **"Fé inabalável só é a que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade"** (*O Evangelho Segundo*



O mesmo pensamento racional analítico-sintético que direciona o trabalho do pesquisador no seu laboratório é a base da ética espírita, cientificamente fundamentada.

o Espiritismo, Edição FEB 85ª extra, pág. 317) — estabelece a edificação da fé raciocinada, num permanente apelo à razão e ao sentimento religioso, que deverá inspirar o ser humano em suas múltiplas vivências existenciais, descortinando-lhe uma visão cósmica transcendente.

BASES CIENTÍFICAS

Despertando o sentimento religioso na criatura humana, esclarece que a fé é uma construção pessoal e que a paz é uma conquista individual e coletiva, através da evolução ontológica e filogenética, ao longo das múltiplas experiências palíngenesicas.

O Espiritismo não tem a personificá-lo "nenhuma individualidade, porque é fruto do ensino dado, não por um homem, mas, sim, pelos Espíritos, que **são as vozes do Céu**, em todos os pontos da Terra, com o concurso de uma multidão inumerável de intermediários" (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, edição 85ª, extra da FEB, pag 59).

Equacionando o problema da sobrevivência do ser humano em bases naturais, proclama: — a individualidade não se desintegra com o fenômeno da morte do corpo físico, mas sobrevive a esta, continuando a viver noutras dimensões conscienciais, interagindo no mundo espiritual segundo o grau de evolução alcançado, podendo, igualmente, interagir também com os encarnados no plano físico, através das manifestações mediúnicas espontâneas, ou experimentalmente provocadas, e suscetíveis de serem demonstradas através da história da humanidade terrestre.

A morte física não significa des-

truição da consciência individual. Esta é uma qualidade intrínseca do Espírito que poderá ser caracterizado como o ser pensante dotado de livre arbítrio, sentimento e linguagem conceitual, cuja evolução se processa através das múltiplas experiências, ao longo das vidas sucessivas ou reencarnações.

POSIÇÃO ESPECIAL

Assim sendo, o Espírito em sua individualidade intrínseca constrói o próprio destino, segundo o que se mediu no tempo e no espaço.

O Espiritismo não polemiza sobre os atos comuns do Cristo, os milagres, as predições e as palavras, que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas. Entretanto, põe em relevo e em primeiro plano o ensinamento moral do Cristo, o qual impõe

Com posições *sui generis* entre as religiões, o Espiritismo evita desvios com seu método racional".

através do desenvolvimento da consciência ética pessoal a reforma de si mesmo.

Este procedimento metodológico, apoiado na concordância universal dos ensinamentos dos Espíritos, considerados os agentes inteligentes da Natureza, que sempre atuaram e fazem parte da Humanidade, pois que a ela pertencem, confere ao Espiritismo uma posição *sui generis* no quadro geral das religiões.

A unidade do Espiritismo se fundamenta na verificação universal dessa concordância, livrando-o das possíveis influências religiosas, culturais e políticas, que possam assediá-lo ao longo da História, pretendendo submetê-lo a uma sujeição para atender a interesses particulares e subalternos.

Não tem sacerdócio organizado, sacramentos, e nem utiliza paramentos ou quaisquer recursos ou práticas ritualísticas de culto externo em sua demonstração de fé.

A revelação dos ensinamentos dados pelos espíritos é progressiva e gradativa, segundo a capacidade de assimilação individual e coletiva. Obedece a um plano transcendente que independe da vontade humana, pois que está submetido ao determinismo divino da Lei do Progresso e que tem por indicador "a universalidade dos Espíritos que se comunicam em toda a Terra por ordem de Deus" (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Edição FEB 85ª extra, página 36), abrindo novas perspectivas científicas, filosóficas e ético-religiosas para a Humanidade Terrestre, inaugurando o advento da *Era do Espírito*.

Cícero Marcos Teixeira



Da obra de Kardec, tão pouco estudada, o principal são os livros básicos, que têm maior autoridade doutrinária.

O que é o Espiritismo?

Nelson Sant'Anna defende a idéia do tríplice aspecto do Espiritismo como Ciência, Filosofia e Religião a partir do conceito de que a Doutrina é continuação do Cristianismo, como o Consolador Prometido.

Convidado por amigos, vimos abordar o tema da natureza do Espiritismo, em virtude de polêmica levantada por pequeno grupo de espíritas. Colocando com simplicidade, esses companheiros alegam que o Espiritismo é ciência, filosofia e moral. Ao contrário, nosso ponto de vista é de que o texto doutrinário valida perfeitamente a noção difundida de que a Doutrina, tem um tríplice aspecto de ciência, filosofia e religião. Pelo menos é o que fica evidente, a nosso

ver, lendo as chamadas Obras Básicas, onde principalmente procuraremos nos basear, pois constituem o texto de maior autoridade doutrinária. Outros trabalhos, como a Revista Espírita, aliás onde os adeptos da outra visão do Espiritismo quase que exclusivamente se fundamentam, têm menos consistência doutrinária (o próprio Kardec é que o afirma, como na introdução de *A Gênese*, em que ele diz que a revista é apenas "terreno de ensaio" onde elaborava os princípios que

mais tarde se tornariam "partes constitutivas da Doutrina"). Mas é exatamente no debate que esses e outros pontos vão se esclarecendo, e por isso o saudamos. O Espiritismo não é dogmático, é, isto sim, **fé racionalizada**. A polêmica, quando direcionada num bom nível, é necessária, salutar, esclarecedora.

TERCEIRA REVELAÇÃO

Como a idéia principal dessa edição é fazer as pessoas estudarem, passaremos a fundamentar nosso ponto de vista como transcrições das obras de Kardec. Aliás, diga-se de passagem, tão pouco lidas, na forma in-

"A Revista Espírita não tem o mesmo peso doutrinário das Obras Básicas".



Moisés começou a obra, que o Cristo prosseguiu e o Espiritismo veio dar continuidade.

Reino de Deus sobre a Terra". (item 7; os grifos são nossos)

O ESPÍRITO DE VERDADE

Ainda no "Evangelho Segundo o Espiritismo", capítulo VI, item 3: "Se vós me amais, guardai meus mandamentos; e eu pedirei a meu Pai, e Ele vos enviará um outro Consolador, a fim de que permaneça eternamente convosco: o Espírito de Verdade que o mundo não pode receber, porque não o vê e não o conhece. Mas, quanto a vós, vós o conhecereis porque permanecerá convosco e estará em vós. Mas, o Consolador, que é o Espírito-Santo, que meu Pai enviará em meu nome, **vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo aquilo que eu vos tenho dito**" (São João, Capítulo XIV, versículo 15-17 e 26). (...) Se, pois, o Espírito de Verdade deve vir mais tarde ensinar todas as coisas, é que o Cristo não disse tudo; se ele vem fazer recordar aquilo que o Cristo disse, é porque isso foi esquecido ou mal compreendido (comentário de Kardec ao item 4). (...) O Espiritismo vem no tempo marcado, cumprir a promessa do Cristo: o Espírito da Verdade preside à sua instituição, chama os homens à observância da lei e ensina todas as coisas em fazendo compreender o que o Cristo não disse senão por parábolas. O Cristo disse: "Ouçam os que têm ouvidos para ouvir". O Espiritismo vem abrir os olhos e ouvidos, porque fala sem figuras e sem alegorias; ele ergue o véu deixado propositadamente sobre certos mistérios, vem enfim, trazer uma suprema consolação aos deserdados da Terra e a todos aqueles que sofrem, dando uma

causa justa e um fim útil a todas as dores". (Comentário de Kardec).

MESSIAS DIVINO

Vamos a outra obra. Em **A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo**, edição 16ª a FEB, à página 28, item 30, Kardec ainda complementa: "O Espiritismo, partindo das próprias palavras do Cristo, como este partiu das de Moisés, é consequência direta da sua doutrina". À página 33, item 41: "O Espiritismo, longe de negar ou destruir o Evangelho, vem, ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da Natureza, que revela, tudo quanto o Cristo disse e fez; elucida os pontos obscuros do ensino cristão, de tal sorte que aqueles para quem eram ininteligíveis certas partes do **Evangelho**, ou pareciam inadmissíveis, as compreendem e admitem, sem dificuldade, com o auxílio desta Doutrina; vêem melhor o seu alcance e podem distinguir entre a realidade e a alegoria; o Cristo lhes parece maior; já não é simplesmente um filósofo, é um **Messias Divino**" (grifos nossos).

Na página 34, última seis linhas do item 42: "Reconhece-se que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo a respeito do Consolador anunciado. Ora, como é o **Espírito de Verdade** que preside ao grande movimento de regeneração, a promessa de sua vinda se acha por essa forma cumprida, porque, de fato, é ele o **verdadeiro Consolador**" (grifos nossos).

tegral e metódica preconizada por Kardec em **O Que é o Espiritismo**. Já não falo do grande público, mas dos próprios dirigentes e até intelectuais. Mas, vamos lá. Os primeiros trechos que destacaremos são os que demonstram que o Espiritismo é continuidade do Cristianismo, na forma daquele "Consolador" prometido já no próprio texto evangélico. Em **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, 20ª ed. IDE, à página 36 do capítulo primeiro, lemos:

— "O Espiritismo é a nova ciência que vem revelar aos homens, por provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual, e suas relações com o mundo corpóreo; (...) É a essas relações que o Cristo faz alusão, em muitas circunstâncias, e é por isso que muitas coisas que Ele disse permaneceram ininteligíveis ou foram falsamente interpretadas. O Espiritismo é a chave com a ajuda da qual tudo se explica com facilidade (item 5) (...) A Lei do Antigo Testamento está personificada em Moisés; do Novo Testamento no Cristo: o **Espiritismo é a Terceira Revelação da Lei de Deus** (item 6) (...) Da mesma forma que o Cristo disse: "Eu não vim destruir a lei, mas dar-lhe cumprimento", o Espiritismo diz igualmente: "Eu não vim destruir a lei cristã, mas cumprí-la". Ele não ensina nada de contrário ao que o Cristo ensinou, mas desenvolve, completa e explica, em termos claros para todo o mundo, o que não foi dito senão sob forma alegórica. Vem cumprir nos tempos preditos, o que o Cristo anunciou, e preparar o cumprimento das coisas futuras. É, pois, a obra do Cristo, que o preside, como igualmente anunciou, a regeneração que se opera, e prepara o

Ainda a mesma idéia, vista por outro ângulo, na linguagem sintética de **O Livro dos Espíritos** (usamos a 39ª Ed. FEB). Na página 489, capítulo VIII da "Conclusão", vemos: "Perguntam algumas pessoas: Ensinam os Espíritos qualquer moral nova, qualquer coisa superior ao que disse o Cristo?". A resposta de Kardec: "Não, o Espiritismo não traz moral diferente da de Jesus"; e logo adiante: "Os espíritos vêm, não só confirmá-la, mas também mostrar-nos sua utilidade prática"... Bem, mas para deixar claro que moral está ligada à religião, voltemos ao **Evangelho Segundo o Espiritismo**. Na página 36 da edição já citada, no item 8, "Aliança da Ciência e da Religião", lemos: "**A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana; uma revela as leis do mundo material e a outra as leis do mundo moral**; mas uma e outra, tendo o mesmo princípio que é Deus, não podem se contradizer.

Os tempos são chegados em que os ensinamentos do Cristo devem receber seu complemento. Em que a Ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, deve inteirar-se do elemento espiritual e em que a Religião, não recebendo mais o desmentido da Ciência, adquirirá uma força inabalável, porque estará de acordo com a razão, e não se lhe poderá opor,

a irresistível lógica dos fatos." (grifos do articulista)

MORAL CRISTÃ

E o que diz essa obra sobre a moral cristã? Na página 38, item 9: "O Cristo foi iniciador **da moral mais pura e mais sublime**; a Moral evangélica cristã que deve renovar o mundo, aproximar os homens e torná-los irmãos; (...) De uma Moral, enfim, que deve transformar a Terra, e dela fazer uma morada para os Espíritos superiores àqueles que a habitam hoje. É a lei do Progresso, à qual a Natureza está submetida, que se cumpre, e o **Espiritismo é a alavanca da qual Deus se serve para fazer avançar a humanidade** (...) Foi Moisés quem abriu o caminho; Jesus continuou a obra, e o **Espiritismo a arrematará** (Um Espírito Israelita, Mulhouse, 1861)". Grifos nossos.

Esses são os trechos que destacamos para demonstrar que o Espiritismo é a continuação do Cristia-

"O Espiritismo é o Consolador prometido por Jesus, há dois mil anos".

nos. Outros que gostaríamos de citar, e que também fundamentam nossa visão religiosa da natureza do Espiritismo, são os que se referem mais detalhadamente ao papel que a Doutrina deverá exercer na evolução da Religião entre os homens. Como na **Gênese**. A página 382 da edição citada, ele transcreve um trecho do Evangelho (São João, capítulo X, v. 16), no item 31, "Um só rebanho e um só pastor": "Tenho ainda outras ovelhas que não são deste aprisco; é preciso que também a essas eu conduza; elas escutarão a minha voz e haverá um só rebanho e um único pastor." No item 32, a seguir, ele observa: "Por essas palavras, Jesus claramente anuncia que os homens um dia se unirão por uma **crença única**; mas como poderá efetuar-se essa união?" (grifo nosso).

Lendo o que Kardec escreveu no mesmo item, na página 384, chegamos à conclusão de que essa **religião única** será o Espiritismo. Vejamos: "No estado atual da opinião e dos conhecimentos, a **Religião**, que terá de congregar um dia todos os homens sob o mesmo estandarte, será a que melhor satisfaça a razão e às legítimas aspirações do coração e do Espírito; que não seja em nenhum ponto desmentida pela ciência positiva; que em vez de se imobilizar, acompanhe a Humanidade em sua marcha progressiva, sem nunca a deixar que a ultrapasse; que não



Jesus anunciou o Consolador, para restabelecer e complementar sua Doutrina. O Espiritismo, fazendo tudo isto, prova ser o cumprimento da promessa do Cristo.

for nem exclusivista nem intolerante; que for a emancipadora da inteligência, com o não admitir senão a **fé racional**; aquela cujo código de moral seja o mais puro, o mais lógico, o mais de harmonia com as necessidades sociais, o mais apropriado, enfim, a fundar na Terra o reino do bem, pela prática da caridade e da fraternidade universais" (grifos do autor).

PENSAMENTO FINAL

Ressaltamos, aqui, que foi em 1868 o lançamento de **A Gênese**. Essa é a última obra de Kardec. Mas já em 1865 encontramos a mesma idéia, no livro **O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina Segundo o Espiritismo**. Primeiro, já na contra-capá, esclarece que a obra contém: "Exame comparado das doutrinas acerca da passagem da vida corporal à vida espiritual, das penalidades e recompensas futuras, dos anjos e demônios e das penas eternas, etc. (...) Seguido de numerosos exemplos acerca da situação real da alma durante a morte e depois dela". Mais tarde, no item 14 da primeira parte, Kardec destaca: "a **unificação feita relativamente à sorte futura das almas será o primeiro ponto de contato dos diversos cultos, um passo imenso para a tolerância religiosa em primeiro lugar e, mais tarde, para a completa fusão** (usamos a edição LAKE de 1973). Um reforço à idéia de que o Espiritismo será a Religião do futuro, como vemos.

Mas voltemos a 1868, período em que o pensamento de Kardec tem a característica especial de ser o da sua

última fase, portanto, mais amadurecido. Só foi aí, na "Discurso de Abertura" publicado em dezembro, na Revista Espírita, que o Codificador como que rompeu um silêncio sobre o tema religião de mais ou menos oito anos, definindo religião de uma forma que nos tirou qualquer dúvida sobre o aspecto religioso do Espiritismo, um dos seus aspectos fundamentais: "Uma religião, na sua aceção nata e verdadeira, é um laço que religa os homens numa comunidade de sentimentos, de princípios e de crenças". Tanto essa definição de religião se adequa ao Espiritismo, como as que encontramos no Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, da Enciclopédia Mirador: "sentimento consciente de dependência ou submissão que liga a criatura humana ao Criador" e "prática dos preceitos divinos ou revelados".

GRADUALISMO

Bem, estabelecido que Kardec não invalida a idéia dos três aspectos fundamentais do Espiritismo, ciência, filosofia e religião, resta uma questão a ser devidamente esclarecida. Por que, de início, especialmente até 1861, na Revista Espírita, Kardec ressaltava ser o Espiritismo uma Ciência e não uma Religião? Nada mais válido do que colhermos os informes da própria palavra do Codificador, contida em **A Gênese**. Ali ele explica o porquê de não haver, nos primórdios da Codificação, dito do verdadeiro caráter do Espiritismo, como sendo o Espírito da Verdade, o Consolador prometido por Jesus Cristo, revelando-o somente, e

"Kardec não disse desde o início que o Espiritismo era o Consolador".

sem meias palavras, para não deixar dúvidas, só em 1864, com a publicação de "O Evangelho Segundo o Espiritismo".

Na mesma edição citada (os grifos são nossos), na página 10, "Introdução", vemos: "Essa obra é, pois, como já o dissemos, um complemento das aplicações do Espiritismo, de um ponto de vista especial. Os materiais se achavam prontos, ou, pelos menos, elaborados desde longo tempo: Mas, ainda não chegara o momento de serem publicados. Era preciso, primeiramente, que as idéias destinadas a lhes servirem de base houvessem atingido a maturidade e, além disso, também se fazia mister levar em conta a oportunidade das circunstâncias. Uma solução dada precipitadamente, pri-

meiro que a elucidação completa da questão, seria antes causa de atraso de que de avanço. Na de que aqui se trata, a importância do assunto nos impunha o dever de evitar qualquer precipitação”.

É preciso, pois, ter presente essas nuances quando examinamos a obra kardequiana. O resultado de uma análise objetiva, isenta, só confirma, na nossa opinião, a validade do aspecto religioso do Espiritismo, ao lado do científico e do filosófico. E finalizando as transcrições a que nos propomos, trazemos as de mensagens de espíritos que se comunicavam a Kardec, falando de maneira a mais explícita possível da natureza religiosa do Espiritismo, e de que ele é **A Religião** do futuro.

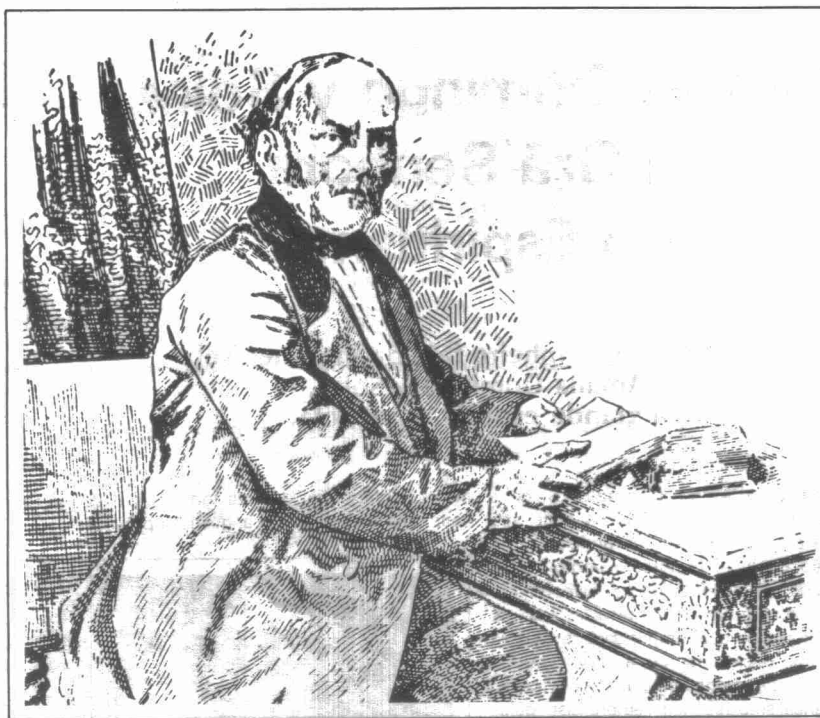
RELIGIÃO NATURAL

Em **Obras Póstumas**, temos a mensagem “O Futuro do Espiritismo”, transmitida pelo médium Jorge Genoiullat a 15/4/1860: “O Espiritismo é chamado a desempenhar imenso papel na Terra. Ele reformará a legislação ainda tão freqüentemente contrária às leis divinas; retificará os erros da História; restaurará a religião do Cristo,

“É preciso estudar a Doutrina para depurar os condicionamentos religiosos”.

que se tornou, nas mãos dos padres, objeto de comércio e tráfico vil; **instituirá a verdadeira religião, a religião natural, a que parte do coração e vai diretamente a Deus**, sem se deter nas franjas de uma sotaina, ou nos degraus de um altar. Extinguirá **para sempre** o ateísmo e o materialismo, aos quais alguns homens foram levados pelos incessantes abusos dos que se dizem ministros de Deus, pregam a caridade com uma espada em cada mão, sacrificam às suas ambições e ao espírito de dominação os mais sagrados direitos da Humanidade. (Um Espírito).” Grifos nossos.

Ainda nesta obra, temos a mensagem “Imitação do Evangelho”, da qual foi médium o Sr. D’A... a 9/8/1863: “Esse livro de doutrina terá considerável influência, pois que explana questões capitais, e não só o mundo religioso encontrará nele as máximas que lhe são necessárias, como também a vida prática das nações haurirá dele instruções excelentes. (...) O clero gritará — heresia, porque verá que atacas decisivamente as penas eternas e outros pontos sobre os quais ele baseia a sua influência e o seu crédito. (...) Aproxima-se a hora



O pensamento de Kardec não invalida, em essência, a visão difundida de que o Espiritismo é Ciência, Filosofia e Religião.

em que, à face do céu e da Terra, **terás que proclamar que o Espiritismo é a única tradição verdadeiramente cristã e a única instituição verdadeiramente divina e humana**” (Como sabemos, o Espírito se refere à obra cujo título definitivo ficou sendo **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Os grifos são nossos).

VISÃO OTIMISTA

Bem, ante o aqui abordado, e muito mais, ainda, de que tratam as obras da Codificação, verifica-se que o Espiritismo vem confirmar ser o **Cristianismo Redivivo**, consubstanciado na **Doutrina Espírita**, a **Religião** que um dia reinará em todo o globo terrestre, trazendo paz às nações e progresso moral e espiritual à Humanidade inteira. Agora, admitir isto é muito diferente do que dizer que o Espiritismo é uma Igreja. Isso dá a idéia de formalismo, culto, ritualismo, sacerdócio organizado, bentinhos, santinhos, talismãs de diversos tipos, sacramentos, penas eternas, etc... a qual Kardec foi categórico em dissociar do Espiritismo.

E para aqueles os quais julgam que admitir ser a Doutrina religião significa introduzir tal tipo de distorção, alterando os meios e os fins do Espiritismo, queríamos finalizar transmitindo uma mensagem de otimismo. Que esses irmãos se tranquilizem. Existem deformações, é verdade, mas elas se irão desfazendo na medida em que se incentivar o estudo da Doutrina Espírita. Lembremos, afinal, que essa foi codificada há pouco tempo: faz pouco mais de 129 anos. Veio para ficar eternamente conosco, mas estamos

apenas no seu ABC. E, entre nós, só agora estamos começando a estudá-la sistematicamente.

Queremos aqui dar o testemunho de quem tem passado muitos anos em contato com o Movimento Espírita nos mais variados pontos do nosso Estado. E o que observamos, em relação aos condicionamentos religiosos, é que estão diminuindo, e não aumentando. As distorções são fenômeno quase inevitável, no nosso atual estágio, mas também é inevitável a sua depuração, quando se entra em contato com a Doutrina. Trata-se, então, de encorajar esse contato, como propõe a Campanha de Estudo Sistematizado orientada pela FEB.

Não é o fato de aceitar uma visão mais religiosa do Espiritismo, que levará a um aumento das deformações. Um exemplo é o nosso próprio caso. Sempre aceitamos esse aspecto da Doutrina, mas o Espiritismo assim encarado não nos tornou místico ou fanático. Pelo contrário, éramos **católico arraigado** e nos desfanatizamos, e desmistificamos. Aprendemos a **fé raciocinada**, e, através de um enfoque racional, que existe um Deus no Universo, Jesus é o seu representante na Terra, e o modelo de perfeição ética que devemos imitar, melhorando nosso relacionamento com a família e a sociedade. Esse mesmo processo, que vivenciamos individualmente, é o que julgamos estar ocorrendo a nível coletivo. É só, como dissemos, uma questão de promover o estudo, dar tempo ao tempo, e entender que o progresso humano não se faz ao saltos.

Nelson Sant’Anna

Amália Domingo y Soler, a Grã-Senhora do Espiritismo

**Ney da Silva Pinheiro fala da inesquecível
Amália Domingo y Soler,
a grande espírita espanhola.**

O vulto singular de Amália Domingo y Soler, a Grã-Senhora do Espiritismo, na expressão do seu brilhante biógrafo, Cesar Bogo, — representa, na defesa e difusão do Ideal Espírita, o ponto culminante, sem dúvida, da História do Espiritismo de língua espanhola, pelo seu inquebrantável espírito de luta, sem perder jamais sua simplicidade e ternura cristã, ao enfrentar, decididamente, a feroz oposição do mais ortodoxo ultramontismo do Velho Mundo, certo que o clericalismo hispânico sempre distinguiu-se pela sua truculenta intolerância. Neste sentido escreve Cesar Bogo: — "... um calafrio nos percorre a espinha pensando na audácia, valentia, virilidade intelectual e espiritual dessa débil e pequena mulher, que se atreveu a enfrentar o gigante, movimentando-se ainda entre as cinzas da Inquisição, e que de seu modesto quarto pretendia unir as idéias e as consciências com recursos de forças difíceis de reunir".

UM MODELO

Amália na sua fragilidade humana, todavia, representava pelos seus antecedentes espirituais, as poderosas forças dos Planos Superiores da Vida, em sua inflexível determinação de continuar, através do seu trabalho sacrificial, a consolidação, em Espanha, dos ideais de que Allan Kardec, em França, com mandato recebido do Espírito de Verdade, fora o notável instrumento precursor na face escura do Planeta. Por isso, como escrevia o saudoso Luiz Di Cristóforo Postiglioni, — "Amália é a definição luminosa de uma encruzilhada da História humana.

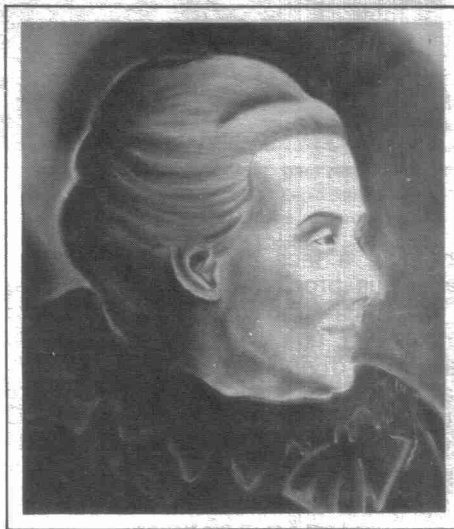
Mas do que uma bandeira de definições, é uma plataforma de princípios para os que reencarnam e o modelo que o devir dos anos não de estereotipar como exemplo a ser seguido."

Amália, — pelo seu trabalho, pelas suas lutas, pelos seus sacrifícios, pela sua firmeza, pela sua fé, pela sua inteligência, pela sua generosidade, pelo seu amor, — ergue-se perante a posteridade espírita como um exemplo apostolar. Espírito liberto das contingências vulgares da vida, no entanto, aceitou uma reencarnação de lutas e sacrifícios pessoais, verdadeira missão na provação, que não lhe foram capazes de abater a tempera espiritual, escrevendo com esta sustentação uma página admirável, que não desapontou seus Benfeitores da Vida Maior, sempre presentes, vigilantes e atuantes junto a sua obra missionária, sem o que seria impossível enfrentar e vencer a intolerância de seu tempo e os sacrifícios de sua vida privada.

Amália Domingo y Soler, representa, como escreve Salvador Gentile, na apresentação do livro de Amália "Reencarnação e Vida", — "um capítulo glorioso da história da Doutrina Espírita..."

Em Sevilha, Espanha, a 10 de novembro de 1835, reencarnava Amália para a realização de um trabalho marcante na Seara Espírita. Aos oito anos de idade se manifesta cegueira que duraria três

meses, porém que, durante toda a sua vida, se tornaria uma intermitente e angustiosa provação.



INICIAÇÃO

Jovem, de educação esmerada, sem experiência do mundo, contava 25 anos quando desencarna sua extremosa genitora, deixando-a só no mundo.

Este fato marcou o início de uma trajetória de sofrimentos, agravados pela pobreza e semicegueira, situação que se prolongaria por toda a sua existência de lutas heróicas que, todavia, nunca lhe prostaram o ânimo voluntarioso.

Na procura de melhores condições de vida, mudou-se para Madrid, onde se estabeleceu como modista, trabalhando dia e noite, para fazer face ao próprio sustento, situação que lhe agravou sobremodo a cegueira.

O médico a que se socorria, materialista ferrenho, em certa oportunidade lhe faz referência a uns "dementes" que pregavam o Espiritismo e mostra-lhe um jornal que publicava algo sobre essas idéias.

A leitura do jornal identifica Amália de imediato com os ensinamentos espíritas. Procura, então, as obras de Allan Kardec e, apesar de sua dificuldade de visão, leu-as, com ardor, conquistando convicção absoluta para toda a vida.

Certa manhã, sentiu uma sensação estranha na cabeça. Daí a instantes ouviu uma voz que lhe dizia: — Luz!... Luz!... E, de imediato, teve grande melhoria de visão.

Fernando Colavides, um dos líderes do Movimento Espírita Espanhol, oferece à Amália, que começava a destacar-se na imprensa espírita, as obras completas de Allan Kardec, em cujos ensi-

namentos passou a basear toda sua pregação escrita e falada.

A MISSÃO

A 20 de junho de 1876, transfere residência para Barcelona, onde passou a freqüentar o Círculo "Buena Nova". Nessa época conhece no referido Círculo o médium Eudaldo, que se tornou grande colaborador de Amália, tendo recebido psicofonicamente, as memórias do Padre Germano, Guia Espiritual de Amália. Inicialmente essas memórias, anotadas e coordenadas por Amália, foram publicadas na revista espírita "La Luz del Porvenir", de 29 de abril de 1880 até 10 de janeiro de 1884, sendo mais tarde reunidas pelo editor João Torrents, sob o título de "Memórias do Padre Germano", acrescidas de algumas comunicações do mesmo Espírito, por ter Amália encontrado nestas, nas suas próprias palavras, "imensos tesouros de amor e de esperanças".

Respectivamente, em julho de 1880, março de 1884 e fevereiro de 1885, os padres Llanas, Sallarés e Fita proferiram uma série de conferências contra o Espiritismo, que foram nesse período refutadas brilhantemente por Amália, num total de 34 artigos, através das páginas de "La Luz del Porvenir", de "Gaceta de Catalunya" e de "El Dilúvio", que marcaram época na História do Espiritismo em terras espanholas, projetando o vulto da Grande Lutadora numa dimensão excepcional.

Nunca faltou à missão laboriosa de Amália, reiteramos, a amorável, discreta e incisiva cobertura da Espiritualidade Superior. Seja visto que, quando a enfermidade eclipsou a mediunidade de Eudaldo, o médium das "Memórias do Padre Germano", foi ao seu encontro a jovem Maria, cujos dons mediúnicos desabrochavam promissores, tendo prestado notável colaboração ao trabalho de Amália, que, por sua vez, era médium inspirada.

A OBRA

Os trabalhos de Amália foram enfileirados em livros, entre os quais "Fragmentos das Memórias do Padre Germano", "Perdão-te", "Reencarnação e Vida", "Palavras do Alvorecer", "Ramos de Violetas" e "El Espiritismo refutando los errores del Catolicismo". As suas memórias, deixadas incompletas pela sua desencarnação em 29 de abril de 1909, foram concluídas pelo espírito de Amália, através da médium Maria, em julho de 1912. Sua obra literária, hoje, é mais divulgada no Brasil e na Argentina, que na própria Espanha, cujo Movimento Espírita sofreu grande repressão na vigência prolongada do regime franquista. Felizmente, com a ascensão da democracia naquele país, criaram-se condições favoráveis ao florescimento do Espiritismo.

Cesar Bogo registra em seu livro, acima referido, que uma médium pouco conhecida, se apresenta a Amália, encorpada e desenha uma palma em cores, afirmando: — "Dizem-me as vozes do invisível que esta "palma" é vossa e que muito merecidamente a ganhaste. A obsequiada entendeu muito bem o simbolismo da mensagem espiritual... e acrescenta:

— Agora sim sei que concluí minha tarefa! (Disse embargada pela emoção) — Minha campanha está finda. Felizmente, o meu corpo dá sinais inequívocos de que já não suporta mais. E conclui Bogo: — Estava pronta para partir. Por uma janela aberta penetravam os perfumes primaveris naquela manhã de 29 de abril de 1909. O corpo exânime entregava à Terra o que lhe restava..."

Ao concluir este trabalho, registramos nosso respeito e admiração à Grã-Senhora do Espiritismo.

Ney da Silva Pinheiro

O pensamento religioso de Emmanuel

Martins Peralva tem se dedicado a estudar a obra mediúnica de Chico Xavier. Aqui aborda o pensamento religioso de Emmanuel, o guia do médium, indiscutivelmente uma das influências mais importantes do movimento espírita no nosso país.

"Cada existência isolada oferece ao homem o proveito de novos conhecimentos. A aquisição de valores religiosos, entretanto, é a mais importante de todas, em virtude de constituir o movimento de iluminação definitiva da alma para Deus". Emmanuel. ("Caminho, Verdade e Vida").

Aquele que se consagra ao acompanhamento da literatura mediúnica de Francisco Cândido Xavier, iniciada, publicamente, em 1932, com o livro "Parnaso de Além Túmulo", notável repositório de poesias de autores desencarnados indetectáveis pelo estilo e temática, reconhece que o sábio Espírito de Emmanuel imprime em toda a sua obra o sinete religioso.

Tal ocorrência não deve causar estranheza à comunidade espírita, isso porque, as mensagens psicografadas pelo querido médium mineiro, sob a supervisão do seu Guia Espiritual, representam não só a continuidade da obra realizada pelos espíritos, com o concurso de Allan Kardec, mas, também, a sequência das lições de Jesus, o Governador do orbe terráqueo.

PRIMEIRAS OBRAS

No livro "Caminho, Verdade e Vida", no cap. 176, depois de afirmar que "o Cristianismo é a suprema religião da verdade e do amor, convocando corações para a vida mais alta", o iluminado mentor conclui: "Em virtude da religião traduzir religamento, é primordial voltarmos para Deus, tornarmos ao campo da Divindade".

Em 1941, Casimiro Cunha ditava o "Cartas do Evangelho", enfeixando em versos edificantes noções religiosas com o fim de encaminhar-nos o espírito para o bem, de sensibilizar-nos para os generosos sentimentos do amor.

Ainda em 1941, surge "Boa Nova", belo e tocante volume de literatura mediúnica de Chico Xavier,

ditado por Humberto de Campos, onde predomina a influência religiosa de Emmanuel, responsável pelo que escreve a falange de espíritos que se comunicam pelo querido mediano.

"Boa Nova" contém páginas de rara beleza, impregnadas de emocionante religiosidade, constituindo-se numa espécie de preâmbulo da grandiosa obra evangelizadora que se desenvolveria, mais tarde, assinalando a linha de pensamento do ex-senador romano.

Os romances "Há Dois Mil Anos" (1939), "50 Anos Depois" (1940), "Paulo e Estevão" (1942) e "Renúncia" (1943) surgiriam evidenciando os parâmetros religiosos de Emmanuel, à maneira de um delineamento que adquiriria definitiva consagração no tempo próprio.

Emmanuel tem ajudado o Movimento Espírita no esforço elucidativo com suas obras de interpretação do Evangelho.

Embora não sendo de caráter exegético, essas magníficas obras demonstravam, claramente, que a luz da Boa Nova da Imortalidade nelas estava contida, através de belíssimas exemplificações que nos induzem à reforma íntima, ao nosso encontro com Deus, com a certeza de que "as preocupações superficiais do mundo chegam, educam o espírito e passam, mas a experiência religiosa permanece". ("Caminho, Verdade e Vida", cap. 85)

PREPARAÇÃO

Tais colocações denotavam o prólogo do trabalho de interpretação evangélica em harmonia com os fundamentos espíritas, trabalho que se fixaria em livros, mensagens e pronunciamentos do iluminado orientador e dos espíritos que operam na órbita de sua equilibrada supervisão.

Em 1948, aparece "Agenda Cris-

tã", de André Luiz, com reflexões concisas e sábias sintetizando lições evangélicas de elevado teor. Nessê livro, de pequeno formato material e imenso conteúdo espiritual, encontramos os mais expressivos concitamentos a uma efetiva ação religiosa em nossas vidas.

Na obra "Pão Nosso", Emmanuel pondera: "Pouca gente medita na infinita misericórdia que serve, no mundo, à mesa edificante das idéias religiosas". (Cap. 124)

O objetivo da Espiritualidade Maior, de que Emmanuel se fazia porta-voz, era o de preparar-nos para o recebimento, em doses maciças, no momento adequado, de obras interpretativas do Evangelho do Senhor, tal como ocorrera com a Codificação Espírita, quando as luminosas entidades que a ditaram souberam adequar as informações do além-túmulo ao entendimento dos homens.

A luz muito forte ofusca-nos a visão — salientavam e salientam, ainda, os Amigos Espirituais —, motivo porque, algumas questões propostas por Allan Kardec, em "O Livro dos Espíritos", obtiveram esclarecimentos compatíveis com o nível de compreensão da época.

Idêntica situação acontecera com o Evangelho de Jesus, quando o Excelso Benfeitor prometia, para o futuro, notícias que a humanidade àquele tempo não tinha condições de entender.

FASE INTERPRETATIVA

No desdobramento da literatura mediúnica de Chico Xavier, mentorada por Emmanuel, o mesmo fenômeno ocorria. O elevado espírito, portador de extraordinária cultura filosófico-científica, objetivava fixar, em fase propícia dos conhecimentos humanos, o pensamento religioso que lhe enriquecia o nobre coração e que representava a síntese augusta de sua abençoada missão.

Tornava-se imperioso que o trabalho não viesse antes do tempo, mas depois de metódica preparação, a fim de que o processo assimilativo, lento, gradativo, não nos confundisse. Na atualidade, nossas mentes e corações inundam-se das consoladoras

realidades evangélicas, veiculadas pelo admirável benfeitor em páginas de luz e edificação.

O pensamento de Emmanuel tem sido, invariavelmente o da universalização do Evangelho, com o disseminar-lhe as lições.

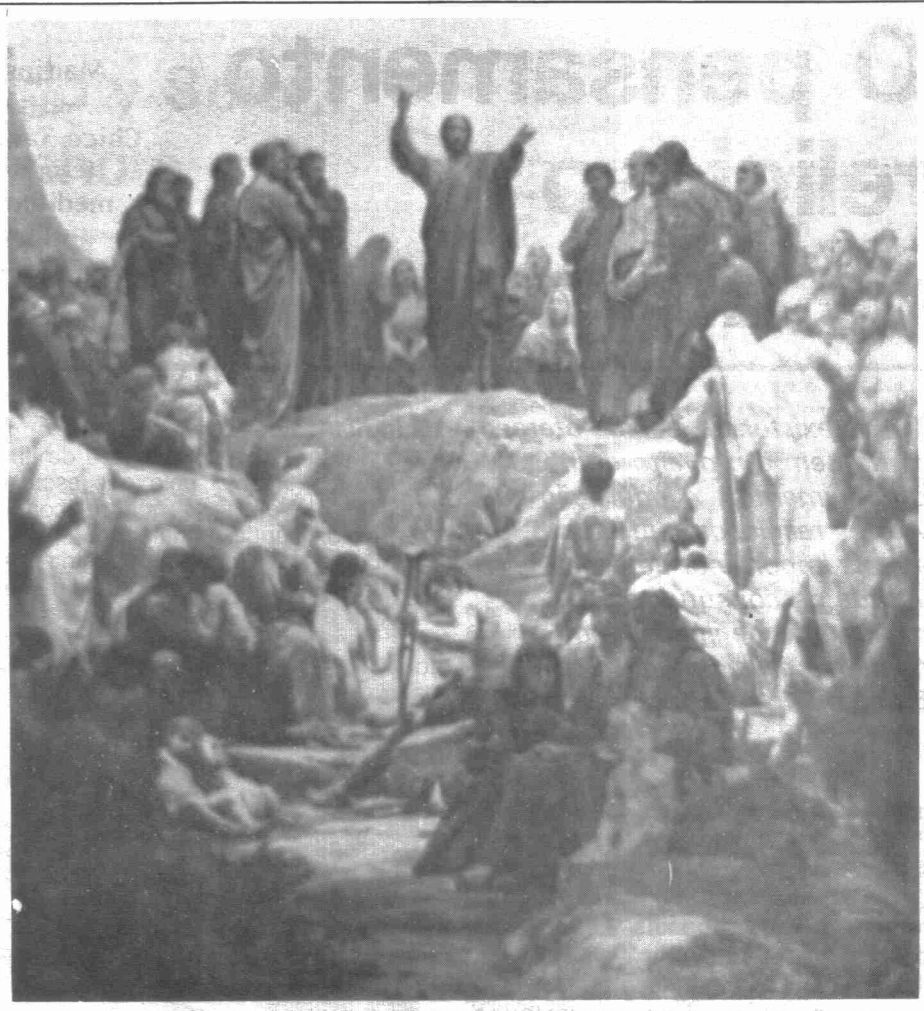
No início, a transmissão de preceitos evangélicos em páginas romanceadas, de sublime teor histórico-espiritual; depois, a fase interpretativa,

Mas também contribui com importantes trabalhos no campo filosófico e científico, com sua milenar experiência.

exercendo uma função esclarecedora.

No primeiro livro de exegese es-
pírita-cristã, "Caminho, Verdade e
Vida" surgiria em 1949, deslumbrando-
nos o espírito, abrindo caminho para
outras obras da mesma natureza. Em
seqüência, viriam "Pão Nosso" (1950),
"Vinha de Luz" (1952) e "Fonte Viva"
(1956)

Os centros espíritas, enriquecidos
já com a excelência e os fulgores de
"O Evangelho Segundo o Espiritismo",
recebem, de braços abertos e corações
exultantes, a excepcional contribuição
que as obras interpretativas de Em-
manuel lhes traziam, estudando de for-
ma singela e inspirada, suave e lógica,
as eternas lições do Mestre Galileu.



As lições sublimes do Nazareno...

Emmanuel e a religião

Aqui, uma seleção de textos do Espírito Emmanuel, psicografados por Chico Xavier, abordando a religião, o Cristianismo, e suas relações com o Espiritismo.

"Religião, para todos os homens, deveria compreender-se como sentimento divino que clarifica o caminho das almas e que cada espírito apreenderá na pauta do seu nível evolutivo. Neste sentido, a Religião é sempre a face augusta e soberana da Verdade; porém, na inquietação que lhes caracteriza a existência na Terra, os homens se dividiram em numerosas religiões, como se a fé também pudesse ter fronteiras, à semelhança das pátrias materiais, tantas vezes mergulhadas no egoísmo e na ambição de seus filhos. Dessa falsa interpretação têm nascido no mundo as lutas antifraternais e as dissensões religiosas de todos os tempos".

O Consolador, questão 292.

"O Cristianismo é a síntese, em simplicidade e luz, de todos os sistemas religiosos mais antigos, expressões fragmentárias das verdades sublimes trazidas ao mundo na palavra imorredoura de Jesus".

O Consolador, questão 293

"O Cristo não fundou com a sua Doutrina um sistema de deuses e devotos, separados entre si; criou vigoroso organismo de transformação espiritual para o bem supremo, destinado a todos os corações sedentos de luz e verdade".

Pão Nosso, 8ª Ed. FEB. pág. 77.

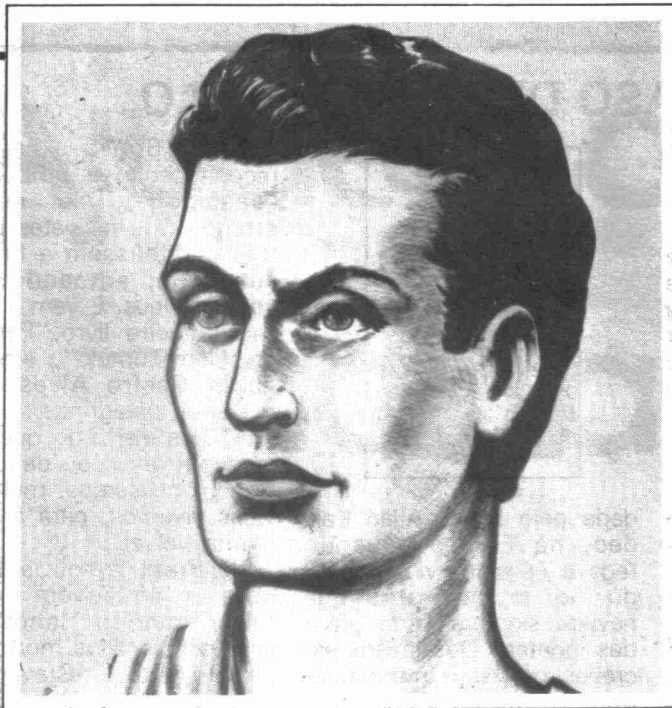
"A lição do Mestre, além disso, não constitui tão-somente um impositivo para os misteres da adoração. O Evangelho não se reduz a breviário para o genuflexório. É roteiro imprescindível para a legislação e administração, para o serviço e para a obediência. O Cristo não estabelece linhas divisórias entre o templo e a oficina".

Caminho, Verdade e Vida, 10ª Ed. FEB, pág. 14.

"Toda escola religiosa apresenta valores inconfundíveis ao homem de boa-vontade. Não obstante o abuso do sacerdócio, a exploração inferior do elemento humano e as fantasias do culto exterior, o coração sincero beneficiar-se-á amplamente, na fonte da fé, iluminando-se para encontrar a Consciência Divina em si mesmo. Mas, em todo instituto religioso, propriamente humano, há que evitar um perigo — o sentimento faccioso, que adia, indefinidamente, as mais sublimes edificações espirituais".

Vinha de luz, 7ª Ed. FEB. pág. 83.

"Mas a Jerusalém que é de cima, é livre, a qual é mãe de todos nós" — Paulo (Gálatas, 4:26). O exame isolado deste versículo sugere um tema de infinita grandeza para os discípulos religiosos do Cristianismo. A palavra do apóstolo aos gentios recorda-nos a igreja liberta do Cristo, não na esfera estreita dos homens, mas no ilimitado do pensamento divino. O Espírito or-



...ressurgem,
interpretadas,
com
Emmanuel.

Os obreiros da tribuna, do jornalismo e do livro descortinavam novos horizontes no campo exegético, conscientizando-se de que "os ensinamentos do Cristo apelam para a renovação e aprimoramento individual em todas as circunstâncias" ("Pão Nosso" cap. 132).

Emmanuel adverte-nos: "Em todos os passos do Divino Mestre, vemo-lo na ação incessante, em favor do indivíduo e da coletividade, sem prender-se" ("Fonte Viva", cap. 2).

A comunidade espírita, representada por obreiros das mais variadas

gamas evolutivas, passa a contar, inicialmente, com as quatro obras citadas, para o desempenho de seus labores elucidativos, no campo evagógico, e na área doutrinária; posteriormente, através de numerosos livros psicografados por Chico Xavier, Emmanuel estabelece as diretrizes do seu pensamento religioso, revestido de sabedoria e amenidade, de lógica e clareza.

OUTROS ASPECTOS

Detalhe importante, que nos cumpre ressaltar, é o de que, na fixação do

seu pensamento religioso, jamais o nobre espírito deixou de oferecer ao tríplice aspecto da Doutrina Espírita o melhor de sua contribuição. A trilogia "Religião-Filosofia-Ciência" tem encontrado, em sua privilegiada inteligência e inegável saber, valioso contributo para o fortalecimento de sua estrutura.

O próprio Emmanuel e os Espíritos que trabalham sob sua orientação têm enriquecido a bibliografia doutrinária com obras do melhor quilate, na área não-evagógica, tais como, por exemplo, "Mecanismos da Mediunidade", "Evolução em Dois Mundos", a chamada "coleção André Luiz", "Sexo e Destino", "Pensamento e Vida".

Interpretando as lições do Evangelho com inspiração e sabedoria — aquele, haurida nas luminosas fontes da Espiritualidade Superior, e esta, ao longo de milenária vivência —, conscientizando-nos, em consequência, para o imperativo do aprendizado sincero e perseverante, Emmanuel alerta-nos para a necessidade da aceitação e prática dos ensinamentos espíritas-cristãos.

Com o penhor de nosso profundo reconhecimento pelo muito que nos tem ofertado no sentido de melhor entendermos a essência do Cristianismo, permitimo-nos, respeitosamente, encerrar as nossas considerações com a frase lapidária inserida por Emmanuel no livro "Fonte Viva", cap. 13:

— "Se aspirarmos ao clima da Vida Superior, adiantemo-nos para a frente, caminhando com os padrões de Jesus".

J. Martins Peralva

gulosos e sectários, há tanto tempo dominante nas atividades da fé, encontra na afirmativa de Paulo de Tarso um antídoto para as suas venenosas preocupações. (...)

Benfeitores e servos excomungados dos caminhos humanos, se tendes uma consciência sem mácula, não vos magoe a pedrada dos homens que se distanciam uns dos outros pelo separatismo infeliz! Há uma Igreja augusta e livre, na vida espiritual, que é acolhedora mãe de todos nós!...

Vinha de Luz, 7a. Ed. FEB, pág. 121

"Jesus manifesta invariável preocupação em nutrir o espírito dos tutelados, através de mil modos diferentes, desde a taba do indígenu, às catedrais das grandes metrópoles. Nestes postos de socorro sublime, o homem aprende, em esforço gradativo, a alimentar-se espiritualmente, até trazer a igreja ao próprio lar, transportando-a do santuário doméstico para o recinto do próprio coração"

Pão Nosso, 8ª Ed. FEB, pág. 259.

"O Espiritismo não pode guardar a

pretensão de exterminar as outras crenças, parcelas da verdade que a sua doutrina representa, mas, sim, trabalhar por transformá-las, elevando-lhes as concepções antigas para o clarão da verdade imortalista. A missão do Consolador tem que se verificar junto das almas e não ao lado das glórias efêmeras dos triunfos materiais".

O Consolador, questão 353.

"... Allan Kardec, desde o início do ministério a que se consagrou, impriu à sua obra o cariz religioso de que não podia ausentar-se, tendo até acentuado que o Espiritismo é forte porque se assenta sobre os fundamentos mesmos da Religião: Deus, a alma, as penas e as recompensas futuras.

Aceitamos, perfeitamente, as bases científicas e filosóficas em que repousa a Doutrina Espírita, as quais nos ensinam adquirir a "fé raciocinada capaz de encarar a razão face a face", contudo, sobre semelhantes alicerces, vemo-la ainda e sempre, em sua condição de Cristianismo restaurado, aperfeiçoando almas e renovando a vida na

Terra, para a vitória do Infinito Bem, sob a égide do Cristo, nosso Divino Mestre e Senhor.

O apóstolo da Codificação não desconhecia o elevado mandato relativamente aos princípios que compilava, e, por isso mesmo, desde a primeira hora preocupou-se com os impositivos morais de que a Nova Revelação se reveste, tendo salientado que as consequências do Espiritismo se resumem em melhorar o homem e, por conseguinte, torná-lo menos infeliz, pela prática da mais pura moral evangélica.

Sabemos que a retorta não sublima o caráter e que a discussão filosófica nada tem que ver com caridade e justiça. Com todo o nosso respeito, pois, pela filosofia que indaga e a ciência que esclarece, reconheceremos sempre no Espiritismo o Evangelho do Senhor, redivivo e atuante, para instalar com Jesus a Religião Cósmica do Amor Universal e da Divina Sabedoria sobre a Terra.

Fonte Viva, 11ª Ed. FEB, pág. 12.

Emmanuel

Pena capital

A Rede Globo fez no Rio a pesquisa "O Rio contra o crime", através da qual colheu opinião de milhares de pessoas sobre os meios de encolher os índices de criminalidade. O resultado foi surpreendente. Imenso número de entrevistados defendem, como fórmula para acabar o crime, a pena de morte.

A população atormentada pela violência opta pela violência, para diminuí-la. E isso em pleno Brasil, o decantado Coração do Mundo. A pesquisa global parece demonstrar que o povo da Pátria do Evangelho ainda não aprendeu verdades simples e amadurecidas, com a expressão no comentário de Chico Xavier: "Não podemos censurar ninguém, mas devemos pedir a Deus para que os magistrados, os responsáveis pelos nossos tribunais de justiça, que se compadeçam de nós e que ninguém morra em nome da Justiça". A divulgação evangélica precisa despertar no homem a certeza da continuidade da vida após a morte. Desejar a desencarnação para os que erram é o mais evidente atestado de ingenuidade espiritual. Ingenuidade que brota da ignorância. E nós, que já nos julgamos despertados, somos responsáveis pela desinformação do povo, a respeito da realidade espiritual da Vida.

Fonte: "Goiás Espírita"

PARNASO DE ALÉM-TÚMULO



Chico Xavier era pouco mais que um adolescente. Trabalhava em singela casa comercial em Pedro Leopoldo, Minas Gerais, e uma de suas obrigações era regar a plantação de alhos de seu patrão. Àquele tempo, por volta de 1930, o Espiritismo era muito perseguido. Os Centros Espíritas eram escassos. As reuniões eram sigilosas, quase como as dos primeiros cristãos. Mocidades espíritas praticamente não existiam. Os livros, editados com dificuldade, eram raros. Havia mesmo muito pouca gente para se conversar sobre o Espiritismo. Foi num ambiente assim que nasceu a mediunidade de Chico Xavier.

A noite de oito de julho de 1927, quando estava com 17 anos de idade, fora memorável; o Mundo Maior, discretamente, ali iniciava uma tarefa que, hoje, chama atenção do mundo. Chico nascera com o compromisso de dar um impulso de gigante na Doutrina fun-

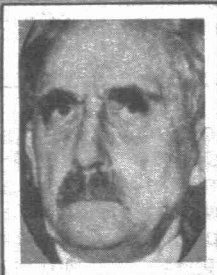
dada pelo lionês Allan Kardec, na França. Quando regava os alhos viu, pairando no ar, espíritos que haviam sido na Terra grandes poetas. Desejavam escrever por seu intermédio, transmitindo no Verso mensagens de imortalidade. Queriam ocupar as suas mãos. Retornavam para que "a Verdade confundisse os orgulhosos e glorificasse os justos"...

E a seus olhos destacaram-se Augusto dos Anjos, Castro Alves, Cruz e Souza, Antero de Quental, Casimiro de Abreu, Guerra Junqueiro, Olavo Bilac,

Auta de Souza... Embora reconhecendo a própria incapacidade, ele estava pronto. Que os vates imortais dedilhassem a lira da sua alma, entoando louvores a Deus. E vem à luz o seu primeiro livro, "Parnaso de Além-Túmulo", em que canta Castro Alves: "Há mistérios peregrinos no mistério dos destinos que nos mandam renascer; da luz do Criador nascemos, múltiplas vidas vivemos, para à mesma luz volver".

No Brasil, a notícia repercute — um jovem do interior mineiro lança um livro e coloca os mortos de pé. Os literatos estavam estupefatos, os estudiosos comparam estilos, poucos calam-se, reverentes. Alguém lembra que aquele menino merecia a Academia Brasileira de Letras... A fim de despertar os homens, os poetas desencarnados fazem soar ensurdecadora campainha. Afinal, estavam vivos e a morte não lhes roubara a inspiração...

Fonte: "O Médium"



Charles Richet.

Conta Charles Richet que, certa vez, em Buenos Aires, numa sessão de efeitos físicos, a entidade manifestante trouxe uma cédula de cinco centavos, a menor divisão monetária da época. Como lhe houvessem pedido, depois, que trouxesse uma nota de cem piastras, o Espírito respondeu: "Não posso fazê-lo, pois seria um furto. Trouxe-lhes uma nota de cinco centavos que tirei na caixa forte de um Banco, porque considero insignificante o prejuízo causado, mas para uma soma importante, não posso operar. A Lei não permite".

Fonte: "Estudos Psíquicos".

Ainda Chico Xavier

Muito se tem escrito a respeito de Chico Xavier. E por mais que se escreva, há sempre alguma coisa não revelada a exigir registro: R.A. Ranieri publicou um excelente livro: "Chico Xavier, o Santo dos Nossos Dias". Ranieri dá um depoimento isento de qualquer suspeita, porque, gozando da intimidade do médium mineiro, viu com os próprios olhos fatos e pessoas que desfilam pelas páginas do atraente livro. Desse escrínio de riquezas espirituais, selecionamos algumas pérolas:

Certa feita, disse o Chico:

— Agora, estou vendo espíritos morrerem. É triste dizer, mas estão chegando ao plano espiritual em péssimas condições. Cita por exemplo, o caso de conhecido médium receitista e exímio homem de letras, a queixar-se da falta de seu cigarro de palha. Já Fred Figner havia

contado que, após a desencarnação, um espírito inferior lhe perguntou, lá no outro mundo, em tom de zombaria: — Não é você o velho Figner, aquele que pregava no Centro? Onde está a sua luz?

Noutra oportunidade, revela:

— Diz Emmanuel que quem ora ao deitar-se não dorme com os Espíritos... Como se alguém estranhasse o atraente despropósito, explicou: — Os espíritos inferiores dormem. Quando a pessoa chega em casa e vai se deitando, sem se lembrar de Deus, sem fazer uma prece, vêm os espíritos atrasados e deitam-se na cama com ela e ali ficam a noite toda.

— Muitos? — indaga outra pessoa.

— Às vezes dois, três, quatro, depende...

Fonte: "Desobsessão"



Ajude a completar nossa sede.



PARTICIPE

Com este carnê será mais fácil

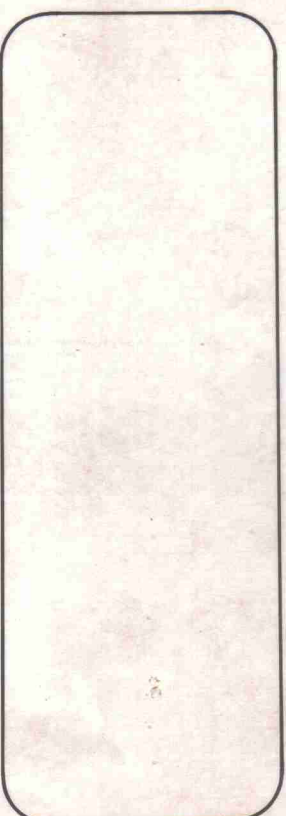
fergys

Federação Espírita do
Rio Grande do Sul.

A REENCARNAÇÃO

PORTE PAGO
DR/RS
ISR-49-394/81

IMPRESSO



LIGUE-SE NESTE PROGRAMA

CANAL 12

Opinião Espírita

06:30 - **Telesul 12: Fala**
06:30 - **Telesul 12: Fala**
06:45 - **Telesul 12: Fala**
07:00 - **Bom Dia Brasil**
07:30 - **Bom Dia Brasil**
08:00 - **TV Mulher**

OPINIÃO ESPÍRITA

QUINTAS-FEIRAS, AS 06:25,
NA RBS TV — CANAL 12.

Produção e apresentação:

Milton Rubens Medran Moreira

um programa da

ICRJ

FEDERAÇÃO ESPÍRITA
DO RIO GRANDE DO SUL



RBS TV

